



Retrato de 1963 da atriz no filme 'O Desprezo', de Jean-Luc Godard Wolf Tracer Archive/Photo12 via AFP

ANÁLISE **Guilherme Genestreti**
Atriz foi o olhar que devolve o desejo **B8**

ilustrada
MORRE BRIGITTE BARDOT, 91
Lenda do cinema francês encarnou a mulher moderna e 'sex symbol', deixando a fama para defender animais e, depois, atacar minorias **B6**

folhainvest
Bilhão da Mega pode render R\$ 7 mi por mês em renda fixa **A12**

ciência
Voar ao espaço será mais fácil com foguetes reutilizáveis **B10**

Letalidade policial em SP é segunda maior em 5 anos

Policiais de SP mataram 650 pessoas no estado de janeiro a outubro de 2025, o segundo maior índice em cinco anos — 2024 foi marcado por operação mortífera no litoral. O governo Tarcísio diz que atua dentro da lei. **Cotidiano A23**

Trump pressiona Zelenski, mas acordo não sai

Após ter falado com Vladimir Putin antes de encontrar Volodimir Zelenski nos EUA, Donald Trump não extraiu do ucraniano a aceitação de perdas territoriais para chegar a um acordo sobre a guerra iniciada pela Rússia. **Mundo A22**

EDITORIAIS A2
Vetos derrubados indicam fragilidade presidencial Sobre relações entre Lula e Congresso.

Custos da violência armada para o SUS Acerca de políticas de saúde e segurança pública.

Líder em desmate, RO recebe 1 de 3 máquinas pagas por emendas

Entre unidades da Amazônia, estado lidera ranking de entrega de tratores, escavadeiras e similares desde 2015

PODER E DEVASTAÇÃO

O estado que mais desmata proporcionalmente à sua área na Amazônia, Rondônia, também foi o que mais recebeu máquinas empregadas na derrubada de florestas por meio de recursos de emendas parlamentares na região. Desde 2015, foram 507 equipamentos, ao custo corrigido de R\$ 319 milhões. Isso equivale a 30% do total destinado.

Tocantins e Mato Grosso vêm a seguir no ranking. Embora o maquinário, como escavadeiras e tratores, possa ser destinado a outras finalidades, a disseminação dele é vista por ambientalistas como um dos agravantes para o desmatamento, incluindo aí abertura de estradas ou até garimpos ilegais. O governo estadual não se manifestou. **Política A6 e A7**

Liquidante do Master é procurado na sede do banco por oficiais de Justiça

Dois oficiais de Justiça foram ao Master à procura do liquidante do banco, alimentando a expectativa de que Eduardo Bianchini, que tem acesso aos pagamentos feitos pela instituição, seja intimado a prestar esclarecimentos. Ele estava viajando. **Economia A14**

entrevista da 2ª

ANTONIO FAGUNDES

ator e produtor de teatro e TV

Brasil não reconhece direito de atores já garantido no mundo

Eterno galã e intérprete em novelas como “O Rei do Gado” e “Renascer”, Antonio Fagundes, 76, volta à TV Globo após seis anos afastado. Ele defende a garantia a atores de direitos que já existem no mundo, mas não no Brasil. **A30 e A31**

Com 36,3°C, SP bate recorde de calor para dezembro **A26**

Itália apura esquema para dar cidadania a 83 brasileiros

Investigação do Ministério Público da Itália apura se um esquema de comprovação fictícia de residência possibilitou a concessão de cidadania do país a 83 brasileiros. Eles declararam endereços em duas ruas de uma cidadezinha no norte italiano em que não moravam. Seis pessoas foram indiciadas, quatro delas da prefeitura local. **Mundo A20 e A21**

JHSF
SURPREENDENTE

RESERVA
CIDADE JARDIM

CIDADE JARDIM,
A REGIÃO
ONDE TUDO
ACONTECE.

IMAGEM ILUSTRATIVA PRODUZIDA COM IA.

EDITORIAIS

folha.com/editoriais
editoriais@grupofolha.com.br

Vetos derrubados indicam fragilidade presidencial

Nesse quesito, Lula se sai pior até do que Bolsonaro, segundo levantamento; fenômeno decorre de aperfeiçoamento institucional, baixa popularidade de ocupantes do Planalto e gestão deficiente da coalizão

Durante o governo Jair Bolsonaro (PL), era comum atribuir o grande número de vetos presidenciais derrubados pelo Congresso à inabilidade política, quando não hostilidade, do mandatário. O mesmo não se pode dizer de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), porém.

Levantamento feito pela **Folha** mostra que Lula — historicamente reconhecido pela capacidade de negociação — teve 49,4% de seus vetos rejeitados pelos parlamentares nos três primeiros anos deste seu terceiro mandato. O percentual supera os 44,2% do quadriênio bolsonarista.

Fora esses dois casos, não há nada parecido desde que a democracia foi restabelecida no país. O índice foi de um mísero 1,6% nos dois primeiros governos do líder

petista; antes, 1% sob Fernando Henrique Cardoso (PSDB). As cifras se elevaram, é verdade, com Dilma Rousseff (PT), 4,9%, e Michel Temer (MDB), 14,6%.

Há mais de um motivo para o fenômeno. O primeiro é institucional: em 2013, o Congresso disciplinou normas e prazos para o exame dos vetos — até então, era comum que eles passassem anos, por vezes mais de uma década, sem serem avaliados.

O correto aperfeiçoamento da legislação também já era um sintoma do início do enfraquecimento do poder presidencial, naquele ano marcado pela onda de protestos populares que abalou a política brasileira. Dilma, então presidente, passou por queda de popularidade, uma reeleição difícil em 2014 e um processo de im-

peachment em 2016.

Desde então, com o acirramento da polarização, nenhum ocupante do Palácio do Planalto desfrutou de grandes taxas de prestígio no eleitorado, o que dificulta a fidelização de congressistas.

Temer conseguiu minimizar o problema ao dividir seu governo com as forças majoritárias no Parlamento. Já Bolsonaro, que de início recusou nomeações políticas em seu ministério, rendeu-se ao centrão em meados do mandato para evitar uma deposição.

Vitorioso em 2022 por margem mínima de votos, Lula procurou reeditar a fórmula de seus primeiros governos: entregou os principais postos ao PT e distribuiu pastas secundárias a aliados ao centro e à direita. No novo contexto político, enfrenta

Tratando-se de um Congresso fragmentado em mais de uma dezena de partidos e, portanto, muito permeável a interesses de curto prazo e pressões de grupos organizados, seu protagonismo está longe de assegurar uma agenda coerente

crescentes obstáculos à aprovação de seus projetos.

Em si, a derrubada de vetos presidenciais não é algo tão nocivo quanto a multiplicação de emendas parlamentares, outra consequência da fragilidade do Executivo. Ainda assim, elevam-se os riscos de instabilidade, pois tal procedimento não foi concebido para ser corriqueiro, exigindo maioria absoluta na Câmara dos Deputados (257 dos 513 votos) e no Senado (41 de 81).

Tratando-se de um Congresso fragmentado em mais de uma dezena de partidos de escassa consistência programática e, portanto, muito permeável a interesses de curto prazo e pressões de grupos organizados, seu protagonismo está longe de assegurar uma agenda coerente para o país.

Custos da violência armada para o SUS

Monitorar gastos públicos com ferimentos por armas de fogo é estratégia fundamental, preconizada pela OMS, para promover alocação racional de recursos em políticas que integrem saúde e segurança pública

A violência armada e a criminalidade não geram custos somente para o setor de segurança pública, mas também para o da saúde; este, por sua vez, pode fornecer dados que sirvam de base para refinar políticas locais em segurança.

Tal abordagem interdisciplinar é preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) para que recursos sejam alocados de forma racional em ambas as áreas, contribuindo para a prevenir e conter ferimentos e mortes

Divulgada neste mês, pesquisa do Instituto sou da Paz, a partir do levantamento de dados do Sistema de Informações Hospitalares do Ministério da Saúde, bus-

ca mensurar esses custos.

Entre 2014 e 2024, foram gastos cerca de R\$ 556 milhões em internações no SUS para cuidar de ferimentos causados por armas de fogo. Só em 2024, foram R\$ 42,3 milhões, com custo médio de R\$ 2.680 por internação — 159% maior do que o gasto federal per capita com saúde (R\$ 1.033).

Note-se que os montantes devem ser muito maiores, já que o estudo não mensura despesas de estados e municípios nem inclui atendimentos ambulatoriais, reabilitação física ou acompanhamento psicológico após a alta.

O perfil das vítimas internadas — homens (89%), negros (82%) e mais da metade entre 15 e 29

anos — reflete as características de quem está rotineiramente sujeito à violência armada.

Há também disparidades regionais: Norte e Nordeste apresentam taxas de internação de mais de duas vezes as de outras regiões, sendo que o Nordeste concentra 43% dos casos.

Ademais, o próprio acesso à saúde é impactado. Em territórios sujeitos a operações policiais, unidades de saúde precisam ser fechadas com frequência — no Rio de Janeiro, apenas até setembro deste ano, a violência armada levou a mais de 700 suspensões de atendimentos nesse serviço.

A orientação da OMS parte da ideia de que agressões por armas

Em 2024, foram gastos R\$ 42,3 mi em internações causadas por ferimentos com armas de fogo, com custo médio de R\$ 2.680 por internação — 159% maior do que o gasto federal per capita com saúde (R\$ 1.033)

de fogo devem receber abordagem epidemiológica, com monitoramento contínuo de dados, para o desenvolvimento de estratégias e políticas em segurança e saúde de acordo com a situação endêmica não só de cidades mas de áreas urbanas específicas.

A formação de médicos e profissionais da saúde também precisa incluir esse fator, com protocolos de identificação de riscos que podem ser aplicados nas franjas do SUS, como as unidades de atenção primária e as equipes de saúde da família.

Problemas complexos exigem ações em rede entre órgãos e agências, e dimensionar custos é um primeiro passo nessa tarefa.

FOLHA DE S.PAULO ★★

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias

DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila

SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito

EDITOR-EXECUTIVO Vinicius Mota

CONSELHO EDITORIAL Candido Bracher, Demétrio Magnoli, Dora Kramer, Mônica Bergamo, Maria Alice Setubal (Neca), Oscar Vilhena, Paulo Junqueira Moll, Vera Iaconelli, Vinicius Mota, Wilson Gomes, Luiz Frias e Sérgio Dávila (secretário)

DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu

DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), Marcelo Benez (comercial), João Cestari (tecnologia), Alexandre Bonacio (financeiro, planejamento e novos negócios), Luciana Pandolfi (recursos humanos)

CIRCULAÇÃO FOLHA (VERIFICADO POR BDO)

877.134 - Fechamento 1º Semestre de 2025

Assinantes Folha + Venda Avulsa Impressa.

Veja os critérios em folha.com.br/circulacao-verificada/

João Montanaro



COLONISTAS

SÃO PAULO

Jornalismo sob ataque, democracia em erosão

Lygia Maria

A hostilidade ao jornalismo, comum no bolsonarismo, foi criada pelo PT. Basta lembrar do manifesto pela liberdade de imprensa assinado por cerca de mil jornalistas e juristas em 2010, após ataques de Lula a veículos de comunicação; dos núcleos de Militância em Ambientes Virtuais (MAVs); da lista negra de jornalistas publicada no site do PT em 2014; das ofensas às jornalistas Míriam Leitão e Andreza Matais. Agora, o alvo é Malu Gaspar, que publicou no jornal O Globo uma reportagem na qual, a partir do cruzamento de seis fontes, indica que o ministro Alexandre de Moraes, do STF, teria conversado com o presidente do Banco Central em prol do Banco Master. O escritório de advocacia da es-

posa de Moraes tem um contrato milionário com o banco. Por que Moraes e BC negam, acusam o texto de Gaspar de fake news e exigem que ela apresente provas. Trata-se de ignorância abissal sobre o método jornalístico. A imprensa precisa de fontes anônimas para cumprir sua função: o escrutínio do poder público. Não à toa, a Constituição garante esse anonimato. Seu papel é expor um fato que precisa ser apurado pela autoridade competente. Fontes protegidas e convergentes são evidência metodológica, não fraude, e negativas oficiais não encerram investigações. A aproximação da verdade no jornalismo é processual e intersubjetiva. A partir da publicação de um caso por um veículo, a in-

formação entra no espaço público, é testada, tensionada, aprofundada ou refutada por outros atores jornalísticos e jurídicos. Até o Supremo finge não entender tal método. Afinal, o inquérito das fake news foi aberto de ofício por Dias Toffoli, ao considerar que uma matéria da revista Crusoé que o citava era ofensiva ao STF —o mesmo Toffoli que decreta sigilo no caso do Banco Master após viajar de jatinho com advogado de membro do banco. Se a mais alta corte do país e os dois principais espectros da política nacional aviltam a atividade jornalística, por ignorância ou má-fé, a democracia está em erosão. É papel da imprensa e de forças ao centro agir para explicitar esse ocaso e, assim, contê-lo.

BRASÍLIA

Saldo positivo

Ana Cristina Rosa

Para um ano que começou com um prefeito reeleito democraticamente discursando em favor da “liberdade de expressão em defesa da ditadura militar” durante a posse, 2025 termina com saldo positivo em termos de defesa da democracia no Brasil. A resposta tenaz à “Intentona Bolsonarista” —com a condenação à prisão de 29 dos 31 acusados na trama golpista— demonstra prevalência do respeito à Constituição. Contudo, é importante lembrar que o fortalecimento do sistema democrático implica a defesa dos interesses do povo, o que faz da democracia algo incompatível com o racismo —em especial num país de maioria negra (56%) como é o Brasil. Nesse

sentido, houve avanços que merecem registro, como a ampliação (para 30%) das vagas para negros, indígenas e quilombolas em concursos públicos. Destaco também a demarcação de territórios quilombolas e a criação de um fundo destinado à reparação econômica e promoção da igualdade racial (ainda em tramitação, mas já aprovada em comissão do Congresso). Além disso, movimentos sociais negros apresentaram uma “Agenda Legislativa” com o objetivo de transformar reivindicações históricas em políticas públicas e marcos legais. Mulheres negras colocaram 300 mil pessoas nas ruas de Brasília na Marcha por Reparação e Bem-Viver. A primeira mulher negra foi empos-

sada na Academia Brasileira de Letras em 128 anos de existência da instituição fundada por Machado de Assis, um preto. E a literatura negra despontou como campeã de vendas e de procura em bibliotecas, impulsionando o debate sobre a questão racial. Para completar, o STF reconheceu a existência do racismo estrutural no país, pondo uma pá de cal no mito da democracia racial ao concordar que há violação sistemática dos direitos fundamentais da população negra. Mas não dá para soltar fogos de artifício, pois as conquistas contrastam com um cenário de recrutamento da violência por motivação étnico-racial e retrocessos pontuais em ações afirmativas. É preciso estar atento e forte.

Segurança pública é prioridade para 2026

Fato de violência ter virado tema central nas eleições é oportunidade para encontrarmos caminhos

Fábio Haddad

Na Folha desde 2008, foi editor responsável do jornal Agora São Paulo. Desde 2022, é editor do núcleo de Cidades e de Esporte

Se 2025 foi marcado pelo aumento da sensação de insegurança, o ano que se inicia nos reserva uma oportunidade. Não é apenas um sentimento contaminado pelo espírito otimista típico do Réveillon. Ao que tudo indica, pela primeira vez em muito tempo, o tema segurança pública estará no centro do debate político de uma eleição presidencial. Pesquisa Datafolha revelou que, para 16% dos brasileiros, esse é o principal problema do país, à frente da economia e atrás apenas de saúde (20%). Entre os homens, a violência fica numericamente em primeiro lugar (18% a 15%). Esse dado é sintoma de um cenário grave: os brasileiros estamos com medo. Ao menos 72% de nós mudaram algum hábito por causa da violência. A insegurança, que sempre permeou o cotidiano das cidades no nosso país, agora molda nossas vidas em um ponto que já não consideramos mais aceitável. Mais do que isso: facções criminosas como PCC e Comando Vermelho espalham terror pelo país, ampliam seus territórios, subjugam cidadãos, matam, roubam e lucram em uma desavergonhada variedade de áreas, como transporte público e combustíveis. Até aqui, não fomos capazes, como sociedade, de barrar o crescimento desses grandes grupos criminosos. E é nesse cenário terrível que nasce o otimismo. Com os holofotes voltados para o problema, teremos a chance de buscar soluções. O custo político da omissão já é maior do que o desgaste de debater o tema diante da população —sob o risco das reações exacerbadas de um país politicamente dividido. Não que uma eleição seja o ambiente ideal para o debate de ideias (deveria). Mas, já que parte importante das decisões que tomamos como país se dão sob o atrito estridente do processo eleitoral, aproveitemos. Naturalmente, seremos inundados por aqueles clichês quadri-enais, como “mais polícia na rua” ou “é preciso atirar para matar”. Entre uma bobagem e outra, podem surgir ideias boas, aplicáveis e objetivas. Entraremos na disputa eleitoral cientes de que quem

Não há saída fácil. Em um país dominado pelo medo, não colocar a segurança pública no centro do debate nacional é aceitar a derrota

quer que pretenda ocupar um cargo público no Brasil em 2027 vai ter de saber articular ao povo como pretende usar mais inteligência nas investigações sem ferir o direito à privacidade, como vai ampliar a força policial sem promover mais letalidade, como planeja impor penas duras sem se desviar da finalidade de ressocialização, como retomar territórios sem ferir os direitos fundamentais dos moradores das periferias. O cientista político Antonio Lavareda expôs uma visão menos otimista nesta **Folha**. Segundo ele, “a segurança pública, apesar de ocupar lugar constante no debate nacional, dificilmente se converte em eixo determinante do voto para presidente”. Ele descreve o fenômeno como resultado da fragmentação da segurança no país, com cada estado sendo ator central das políticas contra violência. Mas mesmo essa fragmentação promete estar no debate. A polêmica PEC da Segurança Pública tem como uma das propostas dar mais unidade à política de combate ao crime no país. As eleições poderão ser um bom ambiente para que esse debate floresça na mente dos brasileiros. Não há saída fácil para vencer a violência. Em um país dividido e dominado pelo medo, não colocar a segurança pública no centro do debate nacional é aceitar a derrota.

Marcus André Melo

O colunista está em férias.

RIO DE JANEIRO

Beijos proibidos

Ruy Castro

George Clooney mandou dizer que, a partir de agora, não beija mais ninguém no cinema — aos 64 anos, acha ridículo fazer papéis românticos com atrizes muito mais jovens. Pelo noticiário, milhões de mulheres em todo o mundo estão discordando —para elas, George Clooney será beijável até os 100 anos. E, de fato, aos 64, ele aparenta Cary Grant, Gregory Peck ou Marlon Brando aos 44. Na clássica Hollywood, os galãs continuaram beijando até muito depois de vencido o prazo. James Stewart, 50 anos, mastigando uma dentadura imaginária, beijou Kim Novak, 25, em “Um Corpo Que Cai” (1958) —como se ele ou qualquer outro fosse digno de beijar Kim Novak. Fred Astai-

re, idosíssimo para seus 58, beijou Cyd Charisse, no auge da beleza aos 35, em “Meias de Seda” (1957) —mas, quando eles dançavam, o tempo desaparecia. E Clark Gable, em boa forma, mas já com 60, beijou Marilyn Monroe, 34, em “Os Desajustados”. A expectativa de vida nos EUA era então de 66 anos. O melhor de alguns beijos do cinema aconteceu na filmagem. Dizem que, antes de beijar Sonia Braga em “Eu Te Amo” (1981), de Arnaldo Jabor, Paulo Cesar Pereio comeu cebola para dar mais realismo à coisa —os dois faziam um casal em conflito. Não sei o que Sonia achou de Pereio adotar essa técnica do Actor’s Studio. E, como seu papel em “De Vento em Popa” (1957) incluía ser

beijada pelo galã Cyl Farney, a estonteante Doris Monteiro, 23, uma revelação de cantora e atriz, impôs uma condição: o filme só poderia mostrar um beijo. Era uma imposição de sua mãe, severa senhora portuguesa. Mas, no estúdio, a cena teve de ser repetida à exaustão porque, para o diretor Carlos Manga, sempre havia alguma coisa errada. Doris não sabia, mas a primeira tomada já valera e as seguintes, sem filme na câmera, eram uma combinação de Cyl com Manga para poder beijá-la muitas, muitas vezes. Se o problema é beijar as garotas, Clooney poderia filmar com as belas Michelle Pfeiffer, Sharon Stone ou Jodie Foster. Todas acima de 60.

TENDÊNCIAS / DEBATES

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

folha.com/tendencias
debates@grupofolha.com.br

A violência contra mulheres é uma batalha por imaginários

Trata-se do ponto de chegada de um movimento cultural histórico, mas que vem ganhando força e organização: a ideia de que elas ‘foram longe demais’

Maria Alice Setubal (Neca), Beatriz Della Costa e Mariana Ribeiro

Doutora em psicologia da educação (PUC-SP), é socióloga, presidente do Conselho da Fundação Tide Setubal e do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta; membro do conselho editorial da **Folha**

Idealizadora e codiretora do Instituto Clarice

Codiretora do Instituto Clarice

Nas últimas semanas, testemunhamos uma escalada de brutalidade. Os feminicídios atingem patamares recordes desde que a lei que tipifica o crime entrou em vigor. A cada seis horas, uma mulher é assassinada por ser mulher —de forma cada vez mais pública, com corpos arrastados pelas ruas da maior capital do país.

A resposta institucional —projetos de lei, delegacias especializadas, medidas protetivas— é inegociável. Mas não suficiente. Estamos diante de uma disputa de imaginários. E a sociedade civil já indicou o caminho: o levante “Mulheres Vivas”, no dia 7 deste mês, colocou a vida em primeiro plano, não como pauta proprietária, mas como projeto político capaz de atravessar diferenças ideológicas.

É no campo das narrativas que a disputa se trava. A violência que mata mulheres é o ponto de chegada de um movimento cultural histórico, mas que vem ganhando força e organização: a ideia de que “as mulheres foram longe de-

mais”. De que seus corpos e identidades precisam “voltar ao lugar natural de pertencimento” —sob controle, comando e subjugação masculina. Essa narrativa circula de forma desinibida em redes sociais, podcasts, púlpitos e Paramentos. E produz os efeitos a que estamos assistindo.

O imaginário é o maior ativo em disputa porque opera nas camadas mais profundas da vida em sociedade. Não à toa, é aí que as forças ultraconservadoras escolheram investir, definindo papéis sociais sob o pretexto de serem “naturais”. Mas as mulheres estão rompendo com essa lógica. Não só porque seguem ocupando espaços públicos, mas porque disputam de forma frontal o modelo de poder que oprime, que violenta, que separa.

Na pesquisa inédita “Imaginário de Poder das Mulheres Brasileiras”, conduzida pelo Instituto Clarice, ouvimos em profundidade mulheres em posições de influência de todas as partes do Brasil, respeitando a composição racial da sociedade brasileira: 44%

negras, 44% brancas, 10% indígenas e 2% de mulheres amarelas.

Empresárias, cientistas, artistas, lideranças políticas, religiosas, comunitárias —nenhuma descreveu o poder como cargo, título ou capacidade de mando. Todas o descreveram como verbo: a possibilidade de transformar, de fazer circular, de sustentar. Um poder que se distribui, que escuta, que não se mede pela solidão do topo, mas pela qualidade das conexões que cria e pelo valor inegociável da proteção à vida.

Esse imaginário é especialmente presente na fala de mulheres líderes negras e indígenas, que historicamente enfrentam a violência de gênero e de raça como binômio inseparável. Como articulou Sueli Carneiro, a vanguarda é via de regra ocupada por quem é deixado para trás. É a partir desse lugar que se produz não só saber político, mas práticas e imaginários indispensáveis para qualquer projeto emancipatório, não apenas das mulheres racializadas, mas de todas as mulheres.

A violência que testemunhamos não é explosão irracional —é tentativa de restauração de uma ordem que se sente ameaçada. E encontra validação em discursos que naturalizam a submissão feminina como destino, não como construção histórica

Esse avanço, porém, provoca reação. Enquanto as mulheres ampliam sua presença pública e propõem outras lógicas de organização da sociedade, uma parcela dos homens responde com ressentimento. A violência que testemunhamos não é explosão irracional —é tentativa de restauração de uma ordem que se sente ameaçada. E encontra validação em discursos que naturalizam a submissão feminina como destino, não como construção histórica.

É aí que entra a imaginação como força política. Não basta mudar estruturas, é preciso conceber alternativas. Por séculos, naturalizamos uma única versão do poder até ela parecer inevitável. E naturalizamos também o lugar da mulher como território a ser ocupado.

Por isso, afirmamos: a formulação de novos imaginários sociais é o antídoto estrutural que está faltando no enfrentamento à epidemia de feminicídios. Não basta proteger mulheres da violência —é preciso desmontar a arquitetura simbólica que a autoriza. Isso exige investimento deliberado em movimentos culturais, narrativas públicas e produção simbólica que ampliem os horizontes sobre o papel das mulheres e desnaturalizem a associação entre feminilidade, submissão e espaço doméstico.

Combater a violência salva vidas agora; transformar o imaginário salva as próximas gerações. As mulheres estão criando outras linguagens, outros vínculos, outros modos de existir. Estão reescrevendo, no corpo e na vida, o que significa ser mulher neste país. Nosso trabalho é garantir que essa reescrita não tenha volta.

A história não para de se repetir

O paradoxo é que matar nas guerras, cada vez mais normalizadas, é legítimo, mas ajudar a morrer quem precisa partir é ilegal na grande maioria dos países

Betty Milan

Escritora e psicanalista, é membro da Academia Paulista de Letras

O ano de 2025 se esvai, mas não findará verdadeiramente nesta quarta-feira (31). A guerra que começou no dia 7 de outubro de 2023, com o ataque surpresa organizado pelo Hamas contra Israel, continua. A guerra no Leste Europeu, iniciada em 24 fevereiro de 2022, quando a Rússia invadiu a Ucrânia, também. Todos lutando por conquistas territoriais, enquanto o planeta está ameaçado por eventos climáticos extremos.

Até quando as nações vão obrigar os jovens a integrar as Forças Armadas para cumprir a ordem de matar ou morrer? Por que, além de ser recorrente, a guerra foi normalizada? Freud diria

que somos descendentes de gerações e gerações de assassinos e, como os ancestrais, estamos sujeitos à pulsão de morte. Só que nós temos o poder de frear a pulsão; e é isso que nos diferencia dos animais.

A guerra dá vazão ao que é bárbaro em nós. No entanto, insistimos nela, independentemente das consequências nefastas: os mortos e os que perderam os seus, os feridos e os amputados, os que ficaram cegos ou surdos. O espetáculo das consequências, que não para de ser exibido na televisão e nas redes, é aterrador.

Matamos na guerra e condenamos os feridos a viver com terríveis sequelas até o fim. Sem que

isso seja considerado um crime. A expressão “crime de guerra” serve para desviar a atenção do verdadeiro crime: a guerra. Trata-se de uma expressão enganosa.

O paradoxo é que matar na guerra é legal, porém ajudar a morrer quem precisa partir é ilegal na grande maioria dos países. A eutanásia e o suicídio assistido só foram legalizados na Holanda, Bélgica, Luxemburgo, Espanha, Portugal, Canadá, Colômbia, Uruguai, Nova Zelândia, Austrália (alguns estados) e parte dos EUA (Oregon, Washington, Califórnia, Montana, Vermont). A não legalização tem consequências desastrosas. Entre outras, tentativas frustradas de suicídio.

O apego à vida pode ser nocivo. Porque a vida não é um bem em si. O verdadeiro bem é a qualidade de vida. Assim como nós temos o direito de viver, devemos ter o de morrer. A liberdade requer este outro direito

Um dos argumentos invocados para não legalizar a eutanásia e o suicídio assistido é a dificuldade de determinar o momento certo de agir. Para tanto basta escutar quem precisa morrer, e a participação do psicanalista deve ser considerada. O que mais importa é ser solidário e aliviar o sofrimento humano. Só quem não presenciou a agonia na morte natural ignora isso.

A eutanásia no Brasil é considerada crime pelo Código Penal. O suicídio assistido também, mas com a possibilidade de atenuante (homicídio privilegiado, com pena reduzida) se for a pedido do paciente para aliviar sofrimento intenso e incurável. Só a ortotanásia é legal, ou seja, a suspensão de tratamentos fúteis ou desproporcionais para permitir a morte natural, com consentimento do paciente ou da família, buscando o conforto e não a antecipação da morte.

O apego à vida pode ser nocivo. Porque a vida não é um bem em si. O verdadeiro bem é a qualidade de vida. Assim como nós temos o direito de viver, devemos ter o de morrer. A liberdade requer este outro direito.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor
leitor@grupofolha.com.br

Expectativa para 2026

“Otimismo com novo ano cresce, e 69% dos brasileiros projetam melhora na situação pessoal, diz Datafolha” (Mercado, 27/12). Todo fim de ano, o brasileiro cultiva um otimismo patológico. Não é pautado na realidade. É apenas manifestação de esperança.
Dirce Maria de Jesus Barbosa
(São Paulo, SP)

*

E há quem diga que a economia vai mal e o país está quebrado. Mas há muito ainda a melhorar, se o Congresso ajudar.
José Soares
(São Paulo, SP)

*

A confiança, em tudo, é primordial para buscarmos maior equilíbrio. Feliz 2026!
João Guilherme Viana Correa
(Belém, PA)

Futuro do STF

“STF se vê na mira em ano eleitoral mesmo com fim de processo contra Bolsonaro” (Política, 27/12). Quem mira a Justiça não está bem-intencionado.
Paulo César M. de Andrade Santos
(Petrolina, PE)

*

O STF se converteu em ator político faz algum tempo. A memória de um tribunal constitucional que julga com imparcialidade está se esvaindo muito rapidamente.
André Silva de Oliveira
(Belém, PA)

*

“Proposta para código de conduta no STF é combatida em silêncio” (Elio Gaspari, 27/12). Código de conduta para ministros do STF é a desmoralização da Justiça. Juiz deve ser honesto de ofício. Para desonestidade já existe legislação.
Nacib Hetti
(Belo Horizonte, MG)

Cultura política

“Ignorância cívica assola o país” (Dora Kramer, 27/12).A coluna de Dora Kramer aborda com extrema clareza a que ponto chegamos em nossa pobre cultura política e cívica.
Cristina Reggiani
(São Paulo, SP)

*

Vê-se que Dora colocou o dedo na ferida. É isso que esperamos do jornalismo profissional.
Haymone Neto
(Recife, PE)



Pessoas caminham na ladeira Porto Geral, próxima à rua 25 de Março, área de comércio na região central de São Paulo
Rafaela Araújo - 16.jul.25/Folhapress

Segurança Pública

“Estilo despojado de novo secretário de Segurança liga alerta em aliados de Tarcísio” (Painel, 27/12). Logo de início, o novo secretário causou-me boa impressão, ao contrário do Derri-te. Talvez Tarcísio o tenha escolhido justamente para isso, para tentar melhorar a imagem do seu governo junto à população.
Alice Michelin
(Piracaia, SP)

*

Pessoalmente, o considero um cara ponderado. Tomara que dê certo em um estado carente na área de segurança pública.
Rafael Theodoro Silva
(São Paulo, SP)

Adeus a Brigitte Bardot

“Morre Brigitte Bardot, lenda do cinema francês e o ‘sex symbol’ absoluto de uma era” (Ilustrada, 28/10). É mais um verdadeiro mito que se vai. O tempo passa para todos, mas Brigitte o ultrapassou na nossa imaginação. Fez valer muito sua existência no cinema e na vida.
Valter Luiz Peluque (São Paulo, SP)

*

Uma era se apaga. Inigualável Brigitte.
Luiz Cláudio Lopes Rodrigues
(São Paulo, SP)

Inteligência

“A revolução copernicana da inteligência” (Álvaro Machado Dias, 28/12). A inteligência da natureza é a razão que governa e abarca o universo, conforme tradições mais antigas. A inteligência produzida pelo cérebro humano é apenas uma das expressões da inteligência na natureza.
André Antonio Santos (Brasília, DF)

História de vida

“O menino que viveu na rua e virou gerente do restaurante Fasano” (Mônica Bergamo, 27/12). Emocionante ler um pedacinho da biografia do Isma. Um legítimo brasileiro que não se dobrou às vicissitudes da vida e seguiu adiante, fazendo o melhor com o que tinha ao alcance. Esse é o verdadeiro herói, anônimo.
Eric Furtado
(Brasília, DF)

*

Linda história!
Regina Fonseca (Guarulhos, SP)

Antiguidade

“Uso cuidadoso das fontes antigas corrobora a existência de Jesus” (Reinaldo José Lopes, 27/12) Interessante contextualização de como as narrativas históricas eram elaboradas na Antiguidade. Jesus existiu, sem dúvidas. E essa existência impacta o mundo até hoje.
José Antonio Bonato
(Ribeirão Preto, SP)

Talento

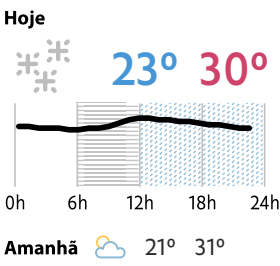
“A vida é sonho” (Tostão, 27/12). Mais uma vez, Tostão nos revela que sua pena supera o seu inigualável talento com a bola.
Chrysanthos Matheopoulos
(São Paulo, SP)

Originalidade

“Alimentando o monstro que me destruirá” (Ruy Castro, 27/12). Perfeito, foi ao ponto com este texto. Não há mais originalidade, criatividade, inspiração. Agora nem sabemos o que é real ou não. É triste e sem graça esse mundo que tripudia da autoria de textos, pesquisas, livros, contos e crônicas.
Ivani Cardoso (São Paulo, SP)

ATMOSFERA

São Paulo



Fonte: www.climatempo.com.br

Hoje

Rio	23°	36°
Brasília	19°	30°
Ribeirão	22°	32°

Amanhã

Rio	24°	37°
Brasília	18°	28°
Ribeirão	23°	31°

IPVA EM SÃO PAULO

O QUÊ O pagamento do IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores) começa em janeiro. Quem optar pela quitação à vista em janeiro terá desconto de 3%. Também será possível pagar à vista em fevereiro, sem desconto, ou parcelar o imposto em até cinco vezes.

COMO CONSULTAR O VALOR DO IPVA EM 2026

- Acesse o Sivei (Sistema de Veículos) no endereço www3.fazenda.sp.gov.br/SIVEI
- Entre com sua conta Gov.br
- Informe o número da placa do veículo
- Consulte o valor venal, o IPVA devido e as opções de pagamento

CALENDÁRIO DE PAGAMENTO (MOTORISTAS DE CAMINHÕES SEGUEM OUTRO CRONOGRAMA)

Placa	1ª parcela*	2ª parcela	3ª parcela	4ª parcela
1	12.jan	12.fev	12.mar	12.abr
2	13.jan	13.fev	13.mar	13.abr
3	14.jan	14.fev	14.mar	14.abr
4	15.jan	15.fev	15.mar	15.abr
5	16.jan	16.fev	16.mar	16.abr
6	19.jan	19.fev	19.mar	19.abr
7	20.jan	20.fev	20.mar	20.abr
8	21.jan	21.fev	21.mar	21.abr
9	22.jan	22.fev	22.mar	22.abr
0	23.jan	23.fev	23.mar	23.abr

*Primeira parcela ou cota única para quem pagar à vista

LEIA MAIS Saiba mais em folha.com/4cpzosfr/.

ACERVO FOLHA

Leia mais em acervo.folha.com.br

HÁ 100 ANOS | 29.DEZ.1925



Washington Luís ganha banquete e anuncia plataforma de governo

Partidários de Washington Luís, já indicado para ser candidato a presidente da República na eleição de 1926, e de Fernando de Melo Viana, escolhido para disputar a Vice-Presidência, ofereceram a esses dois políticos um banquete de 400 talheres, nesta segunda-feira (28), no Rio de Janeiro. No evento, Washington — que é da atual situação política — anunciou a sua plataforma política para o governo. Falou sobre a manutenção da ordem, as finanças, a questão social e vários outros tópicos. “Considero a continuidade político-administrativa como um dos grandes bens para o desenvolvimento dos povos”, disse.

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

EDIÇÃO DIGITAL ILIMITADA	R\$ 29,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO DIGITAL PREMIUM	R\$ 49,90 (plano mensal)		
EDIÇÃO IMPRESSA	VENDA AVULSA	ASSINATURA MENSAL*	
	seg. a sáb.	dom.	Todos os dias
SP	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 204,90
MG, PR e RJ	R\$ 7,90	R\$ 9,90	R\$ 209,90
DF e SC	R\$ 8,90	R\$ 11	R\$ 266,90
ES, GO, MT, MS e RS	R\$ 9,90	R\$ 12	R\$ 334,90
AL, BA, PE, SE e TO	R\$ 14,90	R\$ 15,50	R\$ 361,90
Outros estados	R\$ 15,90	R\$ 16,50	R\$ 448,90

* Com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

REDAÇÃO SÃO PAULO

Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222

OMBUDSMAN

ombudsman@grupofolha.com.br
0800-015-9000 (das 14h às 18h)

ATENDIMENTO AO ASSINANTE

(11) 3224-3090 | 0800-775-8080

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Palanque reforçado

O governo Lula aposta em uma safra de boas notícias para o início de 2026, com a injeção direta de dinheiro para milhões de pessoas de renda mais baixa no ano eleitoral. A mais importante é o início da isenção do IR para quem ganha até R\$ 5.000 mensais, um aporte de mais de R\$ 20 bilhões na economia. Também haverá o saque de R\$ 1.000 do Pé-de-Meia para os alunos que se formarem no ensino médio, além de ampliação do Gás do Povo, que distribui botijões gratuitos, e da tarifa social de energia.

A CALHAR Só no caso da conta de luz, serão mais 55 milhões de beneficiados. A expectativa de interlocutores do governo é que a junção destes programas dê novo impulso à recuperação da popularidade de Lula.

ECO 1 Três dias após o governador de SP, Tarcísio de Freitas (Republicanos), ter adotado o mote publicitário de que sua gestão “faz o impossível”, citando obras como o Rodoanel e o túnel Santos-Guarujá, o governo Lula (PT) mencionou ideia parecida em peças de propaganda. “Não existe nada impossível de ser feito no mundo, quando alguém tem coragem”, disse o presidente, em vídeo em 21 de dezembro sobre a transposição do rio São Francisco.

ECO 2 No mesmo dia, peça federal disse que “nós conquistamos o que parecia impossível”, em referência a ações como a aprovação da isenção do IR. Procurada, a Secom da Presidência não se manifestou.

VOU POR AÍ O PP avalia ter candidatura própria ao governo de SP no ano que vem e cita “crescente descontentamento de prefeitos” com Tarcísio e “queixas recorrentes sobre a falta de atenção a parlamentares” do partido. A legenda lista como possíveis nomes o deputado Ricardo Salles, hoje no Novo, e o ex-secretário estadual Filipe Sabará. Para o Senado, deve lançar Guilherme Derrite.

ME INCLUA FORA Sabará, que vem ciceroneando o presidencialável Flávio Bolsonaro (PL) em encontros com o mercado financeiro, poderia ser um candidato mais alinhado ao senador do que o próprio Tarcísio. Já Salles descarta a ideia e diz que a chance de concorrer contra o governador é “zero”.

EMBROMATION A deputada Júlia Zanatta (PL-SC) diz que apenas 32 de 61 requerimentos de informação apresentados por ela a ministérios em 2025 foram respondidos “a contento” pelas pastas. “Na Presidência de Bolsonaro, Lula gritava que ‘falta transparência’. Bastou virar governo para transformar requerimento de informação em deboche”, critica.

Com Danielle Brant, Carlos Petrocilo e Thaísa Oliveira

Cláudio



Líder em desmate, RO recebe 1 de 3 máquinas compradas com emendas na Amazônia

Estado, que possui a maior taxa proporcional de desmatamento na região, recebeu 507 equipamentos que agravam danos ambientais

PODER E DEVASTAÇÃO

Jullia Gouveia e Flávio Ferreira

SÃO PAULO E PORTO VELHO (RO) Líder em desmatamento proporcional na Amazônia, Rondônia foi o estado que mais recebeu máquinas pesadas compradas com emendas parlamentares na região desde 2015, com mais de 30% do total. Foram 507 equipamentos ao custo de R\$ 319 milhões em verbas públicas em uma década.

No topo do ranking regional estão também Tocantins, com 253 unidades e gasto de R\$ 109 milhões, e Mato Grosso, com 229 unidades a R\$ 145 milhões.

Embora as máquinas possam ter finalidades diversas, a disseminação delas na área de floresta é vista por técnicos como agravante para desmatamento, abertura de estradas sem controle e instalação de garimpos ilegais.

O levantamento da Folha inclui produtos como trator de esteira e de pneus, escavadeira hidráulica, retroescavadeira, pá carregadeira, motoniveladora e rolo compactador. A apuração não considera equipamentos de menor porte, como tratores agrícolas, caminhões e carros.

A contagem tem como marco inicial 2015, pois foi o ano em que uma alteração na Constituição obrigou o Executivo a pagar as emendas individuais pedidas pelos deputados e senadores, inaugurando um período de controle cada vez maior do Legislativo sobre o Orçamento, mudando a forma de fazer política no país.

Na última década, os congressistas direcionaram mais de R\$ 900 milhões para a compra de máquinas pesadas distribuídas pela Amazônia Legal.

Foram ao menos 1.649 equipamentos entregues a 467 municípios por meio de programas dos ministérios da Defesa, Agricultura e Desenvolvimento Regional.

Mais de 30% desses equipamentos foram para Rondônia, governado por Marcos Rocha (União Brasil) desde 2019. Entre 2011 e 2018, o estado ainda foi administrado pelo atual senador Confúcio Moura (MDB-RO).

Nesse período, entre os estados amazônicos, Rondônia teve a maior taxa de desmatamento proporcional ao território.

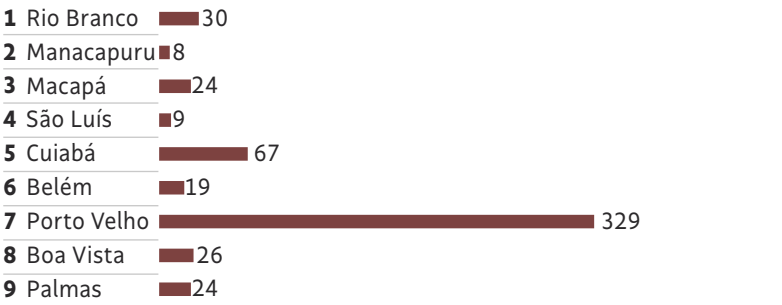
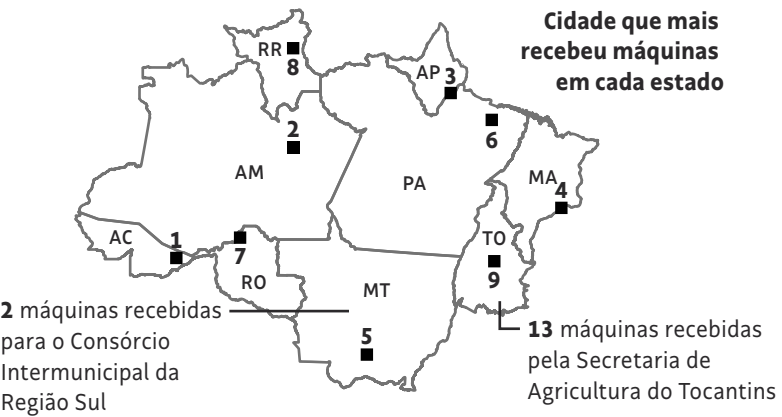
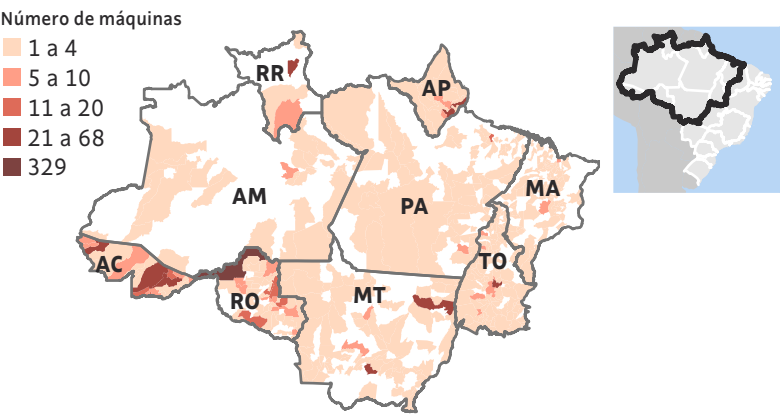
Foram 12 mil km² de vegetação suprimida segundo dados divulgados pelo Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais). Isso equivale a 5,1% da área do estado.

A Folha enviou pedido de manifestação ao Governo de Rondônia via e-mail, aplicativo de mensagem e telefone, mas não obteve um posicionamento da gestão.

Continua na pág. A7

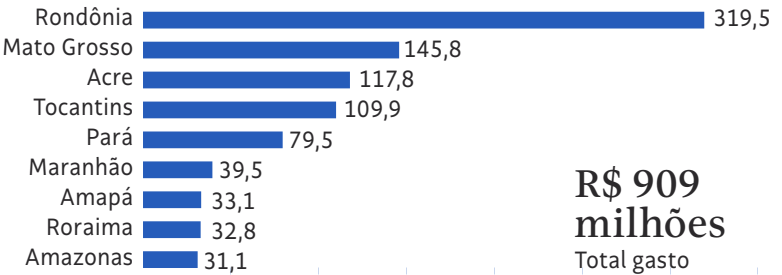
Máquinas pesadas na Amazônia

Na última década, municípios da Amazônia Legal receberam mais de 1.500 máquinas pesadas via emendas parlamentares



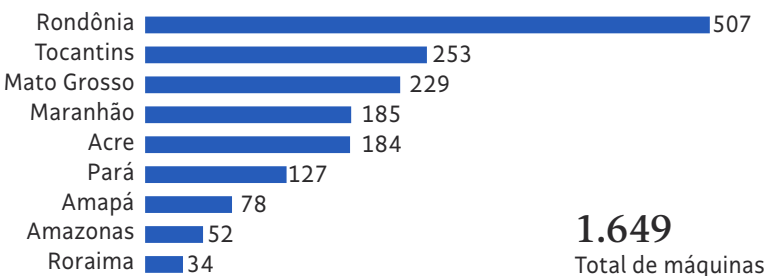
Valor em emendas enviadas para máquinas pesadas na Amazônia

Em R\$ milhões, desde 2015, corrigidos pelo IPCA



Quantidade de máquinas pesadas compradas com emendas

Por estado, desde 2015



Fontes: Siga Brasil, Transferegov e Portal da Transparência



Fazenda em área desmatada na divisa entre Rondônia e Amazonas, às margens da BR-319 Henrique Santana/Folhapress

Continuação da pág. A6

Dados do portal de transparência federal Transfere.gov mostram que a maioria das emendas que forneceram máquinas para Rondônia foram destinadas pelo programa Calha Norte, criado pelas Forças Armadas há mais de 40 anos com objetivo de atuação estratégica nas fronteiras. Nos últimos anos, o programa foi desvirtuado e se tornou um dos emendodutos preferenciais dos congressistas. Apenas por ele, Rondônia recebeu 402 equipamentos, totalizando R\$ 234,1 milhões. O número representa mais da metade das 755 máquinas distribuídas pelo programa na Amazônia Legal.

Já por meio do Ministério da Integração e Desenvolvimento Regional, o estado obteve R\$ 80 milhões para a compra de 94 máquinas; destas, 89 foram para Porto Velho. Do Ministério da Agricultura e Pecuária, Rondônia angariou 11 produtos.

Ao se analisar o perfil das entregas para Tocantins, segundo colocado no ranking das distribuições, outro ente público aparece: a estatal Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba). Por meio dela, o estado foi beneficiado com 174 máquinas pesadas, no total de R\$ 70 milhões.

Outro órgão público relevante nas entregas é o Ministério da Agricultura e Pecuária, que distribuiu R\$ 140 milhões para a compra de equipamentos de grande porte na Amazônia. Só o estado do Mato Grosso obteve mais da metade desse valor, R\$ 71 milhões, dos quais R\$ 59 milhões foram para a capital Cuiabá.

Segundo Hugo Cardoso, mestre em engenharia civil pela UFV (Universidade Federal de Viçosa), “a principal função dessas máquinas é desmatar, abrir e finalizar estradas. O trator de esteira não é só o mais indicado para o desmatamento, ele é fundamental”.

Em setembro, o presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Rodrigo Agostinho, disse à Folha que “da mesma forma que alguém usa uma arma para cometer um assalto, a máquina é o próprio instrumento para a prática do crime ambiental de desmatamento e de extração ilegal de madeira”.

Em novembro, o Supremo Tribunal Federal determinou que a Polícia Federal investigasse o caso de máquinas compradas com emendas usadas para abrir estrada no Acre com desmatamento ilegal e invasão de terra indígena, conforme revelado pela Folha.



Dano ambiental sob impulso de emendas

Com apoio da Rainforest Investigations Network (Rede de Investigações sobre Florestas Tropicais, em português), do Pulitzer Center, a Folha publica série de reportagens que mostra como o poder público pode causar danos ao ambiente.



O que a gente percebe é uma utilização ilícita. Em muitos lugares esse maquinário é um instrumento do crime. Da mesma forma que alguém usa uma arma para cometer um assalto, a máquina é o próprio instrumento para a prática do crime ambiental de desmatamento e de extração ilegal de madeira

Rodrigo Agostinho presidente do Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente) em entrevista concedida em setembro

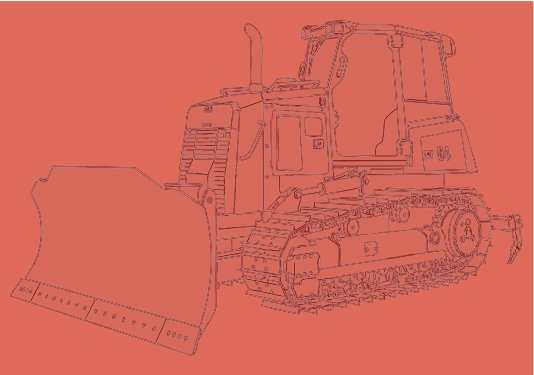


A principal função dessas máquinas é desmatar, abrir e finalizar estradas. O trator de esteira não é só o mais indicado para o desmatamento, ele é fundamental

Hugo Cardoso mestre em engenharia civil pela UFV (Universidade Federal de Viçosa)

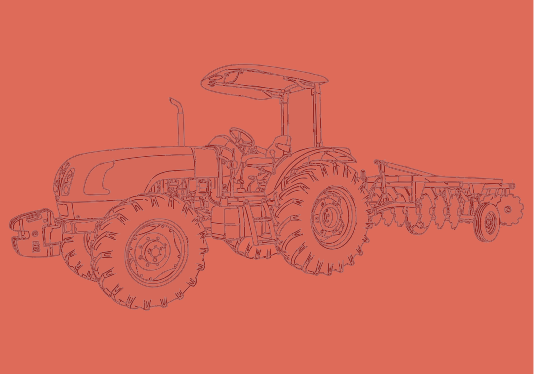
Máquinas compradas com emendas servem para desmatamento e abertura de estradas

Trator de esteira



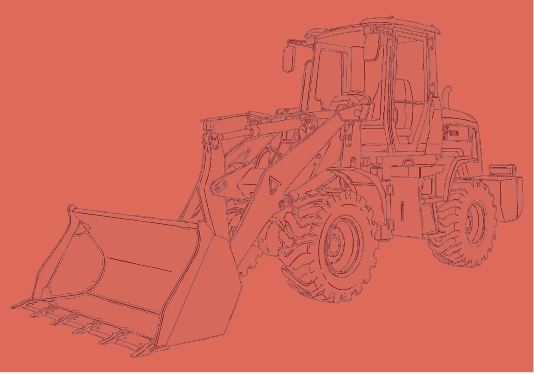
- Mais indicado para o desmatamento
- Tem lâminas para remover vegetação e a esteira confere maior tração, permitindo a atuação em terrenos íngremes ou encharcados

Trator de pneus



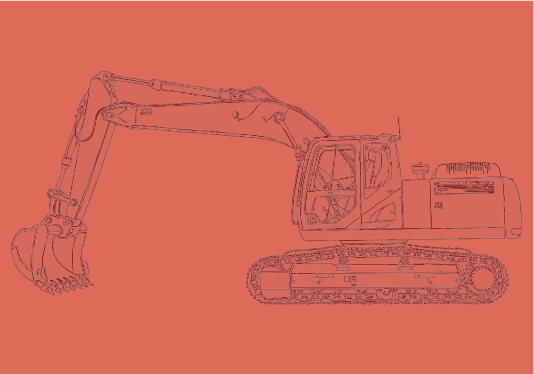
- Mais indicado para arar solos na agricultura, também pode misturar material para pavimentação
- Usado para puxar cargas pesadas, como solo ou grandes troncos

Pá carregadeira



- Mais indicado para carregar caçambas de caminhões, retirando terra e entulho, e faz escavação rasteira
- Pode ajudar a abrir caminhos, por ser um equipamento grande e robusto

Escavadeira hidráulica



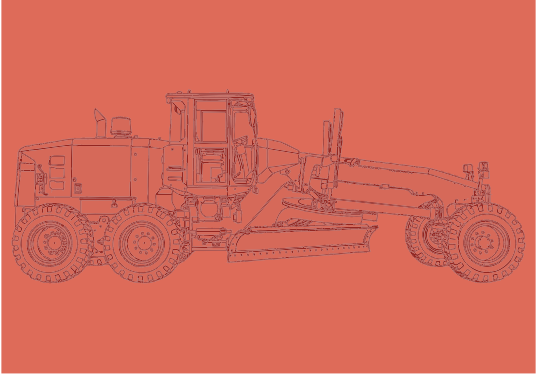
- Mais indicado para escavar terrenos com profundidade
- A esteira permite alcançar lugares íngremes ou encharcados. Também pode ser usada para quebrar e empurrar árvores

Retroescavadeira



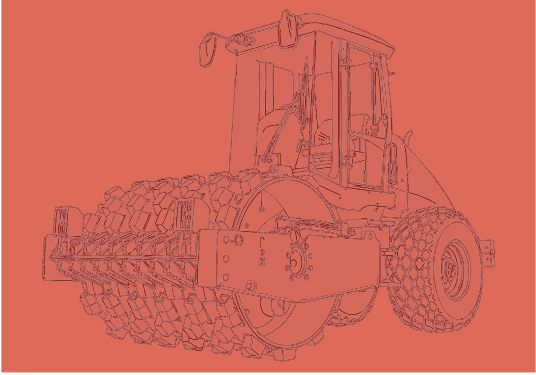
- Mais indicado para carregar caçambas de caminhões e escavar terrenos
- Equipamento menor, mas muito versátil. Na frente, funciona como uma pá carregadeira de pequeno porte; na parte traseira, há uma escavadeira

Motoniveladora



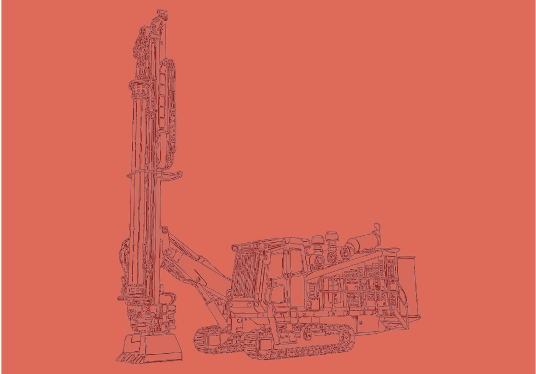
- Máquina de precisão que dá acabamento nas estradas
- Pode arrastar vegetação rasteira, mas é mais usada para homogeneizar a terra antes da compactação

Rolo compactador



- Mais indicado para compactar solos
- Compacta outros elementos de pavimentação, como brita e cimento, e forma a base das estradas

Perfuratriz



- Realiza demolição controlada, perfurando solo e rochas
- Usada também na mineração

política

Entenda o procedimento médico para tratar crise de soluços de Bolsonaro

Ex-presidente deve passar por bloqueio do nervo frênico esquerdo nesta segunda (29)

Jéssica Maes

SÃO PAULO Após uma forte crise de soluços, o ex-presidente Jair Bolsonaro foi submetido a um procedimento médico para aplacar os sintomas. Nesta segunda (29), deve ser realizado o bloqueio do nervo frênico esquerdo do ex-presidente, mesmo procedimento realizado no sábado (27), mas, daquela vez, no lado direito.

A previsão, segundo o hospital DF Star —onde Bolsonaro está internado desde a semana passada para operar uma hérnia inguinal—, é de que o procedimento seja realizado no início da tarde.

*

O que é o nervo frênico?

Há dois nervos frênicos, um de cada lado do corpo. Eles se originam na região cervical e descem até o diafragma, músculo no tórax usado para a respiração.

Ele é o principal responsável por controlar o diafragma. Soluços são causados por contrações involuntárias desse músculo, causando o fechamento da glote (a “tampa” da laringe, que regula a passagem de ar pelo pulmão) e gerando o som característico.



O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) se recupera de cirurgia de correção de hérnia inguinal Reprodução Carlos Bolsonaro no X - 25.dez.25

Como funciona o bloqueio?

O bloqueio médico desse nervo —feito com a aplicação local de anestésico e, opcionalmente, outras medicações— interrompe temporariamente os impulsos nervosos que estão provocando os espasmos do diafragma.

O procedimento é usado em casos graves de soluços persistentes, que não melhoram com medicamentos.

Segundo a equipe médica de Bolsonaro, a medida foi adotada após uma alta dose de medicação não ter amenizado os sintomas, que estariam ocorrendo diariamente há meses.

O bloqueio não é uma cirurgia. Com o paciente sedado, o nervo é localizado por meio de um ul-



Bolsonaro está sem soluços após crise, diz boletim

Boletim médico divulgado neste domingo (28) diz que o ex-presidente Jair Bolsonaro está estável e sem soluçar. Ele mantém cuidados pós-operatórios por causa de uma cirurgia de hérnia, realizada na quinta (25), no hospital DF Star, em Brasília.

Segundo o boletim, o ex-presidente teve crise de soluços na noite de sábado (27) e registrou elevação da pressão arterial.

“Para amanhã (29), está programada a complementação do tratamento, com bloqueio do nervo frênico esquerdo, para posterior avaliação dos resultados. O paciente deverá seguir com fisioterapia para reabilitação”, diz o relatório.

trassom. Então, é realizada uma punção, por onde é aplicado o anestésico —e, no caso do ex-presidente, também um medicamento corticoide, para prolongar os efeitos da intervenção.

Quais são os riscos?

Como o diafragma está envolvido na respiração, tanto a frequência cardíaca como o nível de oxigenação do paciente são monitorados durante e após o procedimento. Também por isso, o bloqueio é realizado em duas etapas.

De acordo com o radiologista intervencionista Mateus Saldanha, que realizou o procedimento em Bolsonaro, a ocorrência de falta de ar pode ser um dos efeitos colaterais do procedimento.

Além disso, há o risco de, inadvertidamente, a medicação atingir o plexo braquial, rede nervosa que controla os membros superiores, afetando os movimentos das mãos e braços.

Qual é o prazo para a alta?

Não é possível saber com certeza antes da realização do procedimento. A previsão, no entanto, é que o paciente fique ao menos 48 horas em observação, segundo Claudio Birolini, cirurgião da equipe do ex-presidente.

Assim, se a evolução do quadro de saúde de Bolsonaro for satisfatória, ele deve deixar o hospital na quarta-feira (31) para retornar à carceragem da Superintendência da Polícia Federal no Distrito Federal, em Brasília, onde o ex-presidente cumpre pena por tentativa de golpe de Estado.

PT é partido preferido de 24%, e PL fica em 2º com 12%, diz Datafolha

Ana Gabriela Oliveira Lima

SÃO PAULO O PT do presidente Luiz Inácio Lula da Silva continua na dianteira como a sigla preferida dos brasileiros, agora acompanhado pelo PL, legenda alavancada na memória nacional pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, mostra nova pesquisa Datafolha.

O partido de esquerda segue como o mais lembrado, feito que mantém desde o final da década de 1990. Atualmente ele é citado por 24% dos brasileiros, contra 12% do PL, a segunda sigla preferida dos brasileiros.

O cenário é de estabilidade para o PT no terceiro governo Lula, cujos índices variaram de 23% a 27%. Já a legenda de Bolsonaro alcançou índice recorde na série histórica, iniciada em 1989.

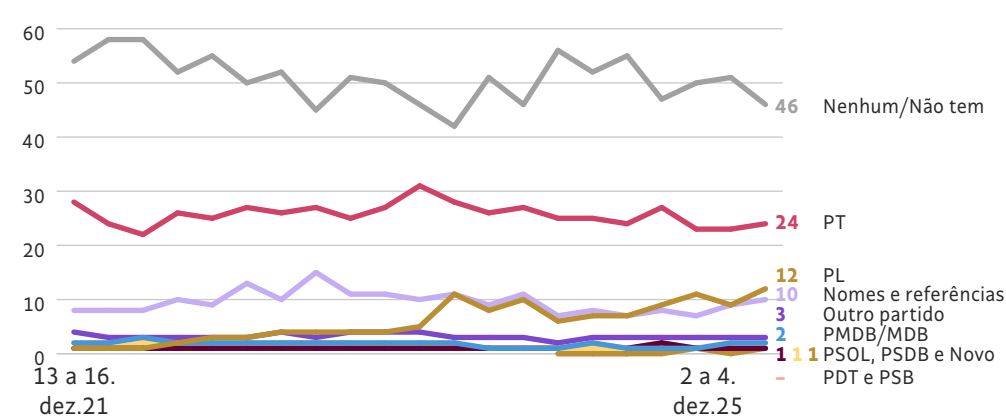
Os dados vêm de pergunta que aceitou respostas espontâneas e únicas no Datafolha, feito com 2.002 pessoas com 16 anos ou mais entre os dias 2 e 4 de dezembro, em 113 municípios. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos.

Considerando dados desde dezembro de 2021, quando o PL passou a ser citado de maneira consistente nas pesquisas, o ponto máximo do PT ocorreu em setembro de 2022, quando a sigla foi lembrada por 31% dos brasileiros.

Na época, Jair Bolsonaro governava o país, fazendo oposição direta ao PT. Atualmente inelegível e preso, Bolsonaro já declarou

24% citam o PT como partido político de preferência, e 12% citam o PL

Resposta espontânea e única, em %



— indica o partido não citado pelos respondentes

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada presencialmente com 2.002 pessoas de 16 anos ou mais em 113 municípios pelo Brasil dos dias 2 a 4 de dezembro; a margem de erro geral é de 2 p.p., para mais ou para menos

querer reeditar a disputa com Lula pessoalmente ou por meio de um de seus filhos, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ).

Considerando toda a série histórica do Datafolha, com dados para esta pergunta desde 1989 (ano das primeiras eleições diretas para presidente após a ditadura militar), o PT só perdeu como a sigla mais lembrada para o PMDB. A legenda, que antes de 1980 tinha o nome MDB, recuperado em 2017, chegou a ter 19% das menções em 1992 e 1993. Hoje, registra 2%.

A posição mudou no final da década de 1990, quando o PT entrou e nunca mais saiu da dianteira.

Desde o início da série histórica, porém, o maior índice entre

os brasileiros é daqueles que dizem não ter preferência de partido. A opção nunca teve índice menor que 40%.

O PSDB, que já foi considerado um dos principais opositores do PT, começou a série histórica em 1989 com 1% e teve pico de 9% em junho de 2015, época de protestos contra o governo Dilma Rousseff (PT) que levaram ao impeachment da então presidente.

Esse período, de fevereiro de 2015 a dezembro de 2016, também é um dos piores para o PT desde que ele ascendeu no final da década de 1990. Em março de 2015 e dezembro de 2016, a sigla, acostumada a dois dígitos, fez 9%.

PSDB e PMDB/ MDB disputa-

50%

dos eleitores que disseram ter votado em Lula na eleição de 2022 afirmam que o PT é seu partido favorito

29%

dos eleitores que disseram ter votado em Jair Bolsonaro na eleição de 2022 afirmam que o PL é seu partido favorito

ram o segundo lugar da preferência partidária na maior parte das duas primeiras décadas dos anos 2000, até que o PSL começou a ultrapassar as legendas em outubro de 2018.

A época é antecedida pela facada levada por Jair Bolsonaro durante campanha presidencial. O político era do PSL, que teve pico de menção de 7% em outubro de 2018 e depois caiu.

Já o PL passou a ser lembrado com consistência a partir de dezembro de 2021, sendo citado por ao menos 1% dos brasileiros. Bolsonaro foi para a legenda em 30 de novembro daquele ano.

Desde então, o partido foi subindo nas pesquisas, chegando a uma porcentagem com duas casas em outubro de 2022, quando Bolsonaro foi para o segundo turno com Lula, para quem perdeu.

Na análise por segmento, o último levantamento sobre preferência partidária mostra que o PT tem taxas de menções mais altas entre aqueles com ensino fundamental (31%), entre os moradores do Nordeste (31%), católicos (30%), os que avaliam o STF como ótimo ou bom (48%) e os que votaram em Lula em 2022 (50%).

Por sua vez, o PL se destaca entre os que têm renda familiar mensal de 5 a 10 salários mínimos (19%), com ensino médio e superior (14% cada), que avaliam o STF como ruim ou péssimo (30%) e votaram em Bolsonaro em 2022 (29%).



O governador Jorginho Mello, a deputada Carol de Toni (PL-SC) e Carlos Bolsonaro no interior de SC Reprodução - 12.out.25/Carol de Toni no Instagram

Bolsonarismo dobra aposta em SC para 2026, mas enfrenta fraturas

Governador Jorginho Mello (PL) pode ter rival do PSD afinado com ex-presidente, enquanto Carlos Bolsonaro gera impasse no PL ao lançar seu nome para o Senado

Catarina Scortecchi

CURITIBA Aliados do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) em Santa Catarina seguem apostando nas bandeiras do grupo para tentar repetir em 2026 a vitória eleitoral que obtiveram regionalmente nas urnas de 2022. Mas os conflitos nas costuras eleitorais até aqui dão pistas de que o grupo pode chegar rachado na disputa de outubro.

Dois movimentos geraram fraturas no campo da direita em Santa Catarina, estado onde o bolsonarismo tem forte capilaridade. Um deles foi a entrada de Carlos Bolsonaro (PL), ex-vereador do Rio de Janeiro, na disputa por uma das duas vagas da bancada catarinense no Senado.

Com uma vaga na chapa já garantida ao filho do ex-mandatário, o PL vai precisar descartar um dos dois nomes cotados até aqui para a disputa, a deputada federal Carol de Toni (PL) ou o senador Esperidião Amin (PP), e o impasse gerou troca de farpas públicas entre correligionários.

Aliados da Carol de Toni têm reclamado que ela está sendo “rifada” pela família Bolsonaro, que tem sinalizado preferir a aliança com o PP de Amin para fortalecer a candidatura à reeleição do governador, Jorginho Mello (PL). A deputada não decidiu se migra para o partido Novo e insiste no Senado, ou se permanece no PL e tenta a reeleição na Câmara.

Em 2022, o PL de Jorginho Mello concorreu isolado ao Executivo, mas ao longo dos três anos de mandato ampliou sua base de apoio e passou a desenhar uma

chapa para 2026 ao menos com PP e MDB, siglas que hoje integram o primeiro escalão da administração estadual.

Outro movimento que dividiu a direita catarinense foi o lançamento da pré-candidatura ao governo estadual de João Rodrigues (PSD), prefeito de Chapecó.

Rodrigues atua no mesmo espectro político de Jorginho Mello e ambos são ferrenhos defensores de Bolsonaro.

Aliados do atual governador ainda tentam convencer Rodrigues a desistir da corrida, inclusive deixando a cadeira de vice na chapa à disposição do PSD.

Também apostam no alinhamento de Jorginho Mello com figuras relevantes do PSD, como o atual prefeito de Florianópolis, Topázio Neto, reeleito no ano passado com o apoio do governador. Mas, até agora, Rodrigues não deu sinais de recuo.

Condenado em setembro por tentativa de golpe de Estado e preso desde novembro, Bolsonaro segue influente na política catarinense e bandeiras associadas ao seu nome devem se repetir na campanha eleitoral do ano que vem.

“Acredito que isso vai permanecer. É um grupo que não tem uma pauta econômica bem definida, por exemplo, mas tem o que chamamos de pautas morais, conservadoras, que é o que dá unidade a eles”, analisa o professor Julian Borba, do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Derrotado nas urnas de 2022, Bolsonaro conseguiu em Santa

“**Esse compromisso ideológico [do governo catarinense] com o bolsonarismo está muito ligado a uma espetacularização, falas públicas como ‘aqui bandido não entra’. Do ponto de vista de ações, da materialidade deste alinhamento ideológico, estão a ampliação das escolas cívico-militares e o fim das cotas raciais nas universidades estaduais, por exemplo**”

Julian Borba
professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC

Catarina sua quarta melhor votação no segundo turno da disputa. Fez 69,3% dos votos contra Lula (PT) —o petista acabou eleito com 50,9% dos votos em todo o país e deve tentar a reeleição no ano que vem.

Naquele pleito, o PL ainda conquistou o maior número de cadeiras na Assembleia Legislativa (11 deputados estaduais entre 40) e se tornou a sigla com mais representantes na bancada catarinense da Câmara —6 deputados federais entre 16 assentos no total.

A gestão de Jorginho Mello seguiu fiel até aqui ao bolsonarismo, inclusive com alfinetadas frequentes no governo federal e no PT nas suas redes sociais.

“Esse compromisso ideológico com o bolsonarismo está muito ligado a uma espetacularização, falas públicas como ‘aqui bandido não entra’. Do ponto de vista de ações, da materialidade deste alinhamento ideológico, estão a ampliação das escolas cívico-militares e o fim das cotas raciais nas universidades estaduais, por exemplo”, diz Borba.

Ele se refere a um projeto de lei recentemente aprovado pela Assembleia Legislativa e que veda a adoção de cotas e de políticas afirmativas por instituições públicas estaduais de ensino superior ou por aquelas que recebem algum recurso do Governo de Santa Catarina.

A proposta é de um parlamentar do PL, Alex Brasil, e seguiu para avaliação do Executivo. Jorginho Mello não antecipou se irá sancionar ou vetar, mas tem repetido em entrevistas que “universidade não tem cor”.

A Defensoria Pública da União já divulgou nota pública na qual sustenta que a medida é uma afronta a princípios fundamentais da Constituição Federal e “coloca em risco avanços históricos no reconhecimento de direitos de populações negras, indígenas e quilombolas”.

Em 2023, após a derrota de Jair Bolsonaro ao Planalto, Santa Catarina se tornou uma espécie de bastião do bolsonarismo, não apenas para preservar ideias do grupo, mas também para abrigar aliados.

Naquele ano, o governo Jorginho Mello nomeou ex-integrantes do governo federal em sua administração, como o ex-presidente da Biblioteca Nacional Rafael Nogueira, e também deu guarida a uma das filhas da ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro, Letícia Firmo.

Ela ocupa um cargo comissionado em Brasília vinculado ao governo catarinense, de assistente de gabinete na Secretaria Executiva de Articulação Nacional.

Na Prefeitura de São José, cidade vizinha a Florianópolis, Silvinei Vasques, que foi diretor-geral da PRF (Polícia Rodoviária Federal) sob Bolsonaro, atuou como secretário de Desenvolvimento Econômico e Inovação.

Silvinei foi preso na última sexta-feira (26) no Paraguai, durante uma tentativa de fuga. Ele pediu exoneração em 16 de dezembro, ao ser condenado a mais de 24 anos de prisão por participação na trama golpista.

Filho do ex-presidente Bolsonaro, Jair Renan também já ocupou um cargo comissionado em Santa Catarina. Em 2023, o senador então recém-eleito Jorge Seif (PL) abrigou Jair Renan no seu escritório em Balneário Camboriú.

Jair Renan depois se candidatou a vereador na cidade e acabou eleito com o maior número de votos do Legislativo local, nas eleições municipais de 2024.

No ano passado, o PL abocanhou 90 prefeituras entre 295 municípios catarinenses. Foi o melhor desempenho no estado entre todas as siglas. Depois figuram o MDB (70 prefeitos eleitos), PP (53) e PSD (41).



PREFEITURA DE SÃO PAULO
aqui o trabalho não para

Estúdio**FOLHA**

Prefeitura de SP recebe título por maior programa municipal de segurança alimentar do mundo



Aponte a câmera de seu celular ou tablet e saiba mais

política

Retrospectiva política 2025

Chegamos ao final do ano em um cenário ambíguo após reviravoltas

Lara Mesquita

Professora na Escola de Economia de São Paulo (FGV-EESP) e pesquisadora do Cepesp. Doutora em ciência política pelo IESP-UERJ

O ano de 2025 foi de reviravoltas políticas no Brasil. Chegou-se a decretar o fim do governo Lula nos primeiros meses; com o tarifaço e a queda no custo dos alimentos, a popularidade do presidente voltou a crescer em meados do ano. Chegamos ao final do ano em um cenário mais ambíguo.

Por um lado, o anúncio da candidatura de Flávio Bolsonaro e a provável retirada do governador de São Paulo da corrida presidencial em 2026 foram vistos como um bom presságio para Lula. Por outro, a aprovação do Orçamento de 2026, com a obrigação de execução de grande parte das emendas no primeiro semestre, e a confirmação de que as derubadas de vetos presidenciais atingiram patamares históricos pintam um cenário de maior dificuldade para o presidente no último ano de governo.

O ano começou sem a aprovação da Lei Orçamentária Anual, limitando os gastos do Executivo e com muita atenção dedicada às emendas parlamentares do orçamento. A ausência das cúpulas do Congresso e do Judiciário no ato de 8 de Janeiro foi simbólica. Em fevereiro, Hugo Motta foi eleito presidente da Câmara com apoio do governo e da oposição, mesmo sem ser a primeira opção de Arthur Lira. Na mesma época, a aprovação de Lula atingia seu pior patamar.

Março foi marcado pela aprovação tardia do orçamento, por mudanças na articulação política do governo e pela licença de Eduardo Bolsonaro para atuar nos Estados Unidos. Em abril, a recusa de Pedro Lucas (União Brasil) em assumir um ministério pôs em dúvida o poder de atração do Executivo, enquanto denúncias no INSS derrubaram sua cúpula.

Em maio, foi publicado o decreto do Executivo que elevou a alíquota do IOF, derrubado pela Câmara em junho, quando também foi aprovado o aumento do número de deputados. Em julho, Bolsonaro passou a usar tornozeleira eletrônica, e o STF reverteu decisão da Câmara sobre o decreto do IOF. No mesmo período, Lula recuperou popularidade e indicou que vetaria o aumento no número de deputados.

O segundo semestre foi dominado pela escalada judicial contra Jair Bolsonaro, os generais e outros cúmplices da tentativa de golpe, culminando em condenações no STF e, mais adiante, na prisão domiciliar do ex-presidente e no retorno ao regime fechado. Ao mesmo tempo, o Congresso avançou em pautas sensíveis, como a PEC da Blindagem e mudanças no licenciamento ambiental, enquanto operações policiais de grande impacto recolocaram a segurança pública no centro do debate.

Lula também teve vitórias, como a aprovação da isenção do Imposto de Renda para quem recebe até R\$ 5.000 mensais e o sucesso na negociação com Trump para a reversão das tarifas impostas ao país.

O ano se encerra com novos desgastes institucionais no STF, sobretudo em torno do Banco Master, e com a aprovação de um orçamento que reduz ainda mais o espaço para investimentos discricionários do Executivo. O anúncio de Flávio como herdeiro político do pai tensiona a relação da família Bolsonaro com o centrão e complica os planos do governador de São Paulo.

O ano termina marcando a fragilidade do presidente da Câmara, a covardia dos golpistas que tentam fugir do país e reservando um verão de intensas articulações políticas para a definição das candidaturas nacionais e estaduais, tanto do governo quanto da oposição.

DOM. Elio Gaspari, Celso Rocha de Barros
SEG. Camila Rocha / Lara Mesquita TER. Joel Pinheiro da Fonseca
QUA. Elio Gaspari QUI. Conrado H. Mendes
SEX. Marcos Augusto Gonçalves SÁB. Demétrio Magnoli

Flávio busca apoio de Marçal, ex-ministros e políticos com trânsito no mercado por 2026

Aliados dizem que senador quer focar pré-campanha em SP e Minas inicialmente; ele já procurou membros do PL e ex-secretário de Doria



Flávio Bolsonaro em entrevista após anúncio de sua pré-candidatura à Presidência Pedro Ladeira - 8.dez.25/Folhapress

Carolina Linhares e Thaísa Oliveira

BRASÍLIA No primeiro mês em pré-campanha à Presidência, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) buscou apoio de ex-ministros de Jair Bolsonaro (PL), dirigentes do PL e políticos de direita com trânsito no mercado financeiro, além do influenciador Pablo Marçal (PRTB).

Depois de se lançar ao Palácio do Planalto sob críticas e desconfiança de partidos do centrão, Flávio tem tentado cacifar seu nome e apresentar argumentos para aplacar sua rejeição, o que inclui repetir que está dedicado a montar o melhor time.

Aliados avaliam que o ex-presidente Jair Bolsonaro se cercou de auxiliares inexperientes e, em muitos casos, inábeis —erro que o senador precisaria evitar. Por isso, há uma preocupação de Flávio em reunir a seu redor nomes que poderiam demonstrar credibilidade.

Interlocutores de Flávio afirmam que ele pretende ampliar sua agenda de viagens pelo país a partir de fevereiro e focar sua pré-campanha em São Paulo e Minas Gerais, em uma tentativa de reverter votos que em 2022 migraram para Lula (PT) nesses estados.

Nesta reta inicial, porém, o principal esforço de Flávio tem sido o de buscar o endosso do mercado financeiro —que não esconde a preferência pelo governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Quem tem sido o braço-direito do senador nesse meio é Filipe Sabará, ex-secretário municipal de João Doria. Sabará diz ter organizado os dois eventos de aproximação de Flávio com banqueiros e investidores na capital paulista, o primeiro com integrantes

do banco suíço UBS e o segundo com empresários na casa de Gabriel Rocha Kanner, sobrinho de Flávio Rocha, dono da Riachuelo.

“Eu tenho proximidade com o mercado. Foi meio natural, o pessoal começou a me perguntar sobre o Flávio, e eu resolvi fazer essa ponte. Me coloquei à disposição do senador”, diz o ex-secretário de Desenvolvimento Social, que causou polêmica em 2017 ao sugerir o uso de farinata em merendas escolares.

Também foi Sabará —que em 2024 coordenou a campanha de Marçal à Prefeitura de São Paulo— quem articulou o apoio do influenciador a Flávio. Após a conversa, Marçal colocou à disposição do senador seu arsenal de comunicação digital.

Um amigo de Flávio diz, sob reserva, que o senador sabe que a avenida Faria Lima representa uma parcela ínfima do eleitorado brasileiro, incapaz de eleger alguém. Apesar disso, continua, a avaliação é que a desconfiança do mercado financeiro passa um sinal ruim ao restante do eleitorado.

Flávio tem recorrido aos conselhos de pessoas que integraram a equipe econômica do governo Bolsonaro. Entusiastas da candidatura afirmam ser cedo para prospectar nomes de eventuais futuros ministros, mas dizem que a intenção de Flávio é anunciar possíveis auxiliares antes da eleição.

O senador tem discutido propostas com o ex-ministro da Economia Paulo Guedes, com o ex-ministro de Minas e Energia Adolfo Sachsida e com o ex-presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social) Gustavo Montezano.

A empresários, ele se apresenta como “Bolsonaro moderado” e

afirma seguir a “cartilha de Paulo Guedes”, com a promessa de diminuir impostos, controlar a taxa de juros e enxugar a máquina pública.

Na avaliação de Sabará, alguns nomes do mercado já acreditam que o candidato anti-Lula será mesmo Flávio e não Tarcísio. “A rejeição imputada a ele não é dele, é do pai dele. O mercado não tem receio com ele, porque ele tem a pauta do Paulo Guedes. A única pergunta que me fazem é se ele vai até o fim”, diz ele.

Segundo participantes do almoço na casa de Kanner, Flávio disse ser o Bolsonaro que sempre quiseram —respeitado no Senado, disposto a fazer composições políticas e a conversar com todos, até mesmo o ministro Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal). O senador teria ouvido perguntas duras, como a alta rejeição da família.

O deputado estadual Lucas Bove (PL) se colocou à disposição de Flávio para atuar em sua pré-campanha em São Paulo. Além de contatos em associações comerciais e bancos, Bove também tem relação com os ruralistas no estado.

Sem o mesmo entusiasmo no PP, no União Brasil e no Republicanos, Flávio tem se apoiado politicamente no presidente do PL, Valdemar Costa Neto, e no secretário-geral do partido e líder da oposição no Senado, Rogério Marinho (RN), que também foi ministro do governo Bolsonaro.

Disposto a concorrer ao governo do Rio Grande do Norte no ano que vem, Marinho tem se engajado na pré-campanha de Flávio e tentado articular apoios ao filho mais velho de Bolsonaro junto a outros partidos. À Folha Flávio disse querer Marinho ao lado dele no ano que vem.



Painel com índices do mercado acionário na sede da B3 (Bolsa de SP); no cenário mais otimista, bancos preveem Ibovespa em 224 mil pontos em 2026 Nelson Almeida - 7.abr.25/AFP

Mercado vê espaço para Bolsa subir mais em 2026, mas espera turbulência

Eleições e corte de juros devem ditar desempenho de ativos domésticos; neste ano, Ibovespa acumula alta de 33%

Tamara Nassif

SÃO PAULO A Bolsa de Valores brasileira surpreendeu o mercado em 2025. De janeiro até sexta-feira (26), o Ibovespa, índice acionário de referência do país, subiu 33% —um movimento que culminou em 32 renovações do recorde histórico ao longo do ano e que passou ao largo das expectativas da grande maioria dos agentes no apagar das luzes de 2024. A época da virada do calendário, a mediana das projeções de casas de análise projetava que o índice fecharia 2025 em 142.500 pontos. O Ibovespa encerrou a sexta aos 160.896 pontos —distante da máxima do ano, de 164.455 pontos, atingida em 4 de dezembro, mas ainda mais longe das projeções do fim de 2024.

A valorização de mais de 30% bateu o CDI (Certificado de Depósito Interbancário, o equivalente da taxa Selic no mercado privado) acumulado do ano, em torno de 13,75%, no “país da renda fixa”, como o Brasil é apelidado.

O motivo para o pessimismo recaía na expectativa de juros mais altos e piora do quadro fiscal, que levaram o dólar ao pico de R\$ 6,20. O câmbio pressionado teria o potencial de impulsionar a inflação até 7% neste ano, como previam algumas corretoras, o que elevaria a Selic e, por consequência, tiraria ainda mais a atratividade da renda variável.

Mas a Selic foi alçada a 15%, maior patamar em quase duas décadas, a inflação entrou na banda de tolerância do Banco Central, e o quadro fiscal do país não melhorou. A disparada da Bolsa neste ano, afirmam especialistas, teve mais a ver com o cenário internacional do que com o doméstico, conforme investidores estrangeiros adotaram a estratégia de diversificação para fora dos EUA em meio às turbulências do governo Donald Trump.

Em 2026, será a vez de os ventos nacionais ditarem a direção do índice. “As eleições presidenciais e o ciclo de cortes na taxa de juros vão dar as cores da economia do ano que vem”, afirma Gina Baccelli, estrategista sênior de



Não há nenhuma certeza em ano eleitoral, exceto a de que haverá muita volatilidade

João Daronco
analista da
Suno Research



Todos os ruídos do Brasil, como os da corrida presidencial e o lado fiscal, já estão descontando o Ibovespa. Ao olhar os pares emergentes, estamos perdendo para Índia, Argentina, Hong Kong

Matheus Amaral
especialista em renda variável do Inter, para quem a Bolsa brasileira está ‘barata’, ou seja, os preços dos ativos não refletem o real valor

investimentos do Itaú.

Ainda que a disputa esteja carregada de incerteza, operadores projetam um cenário em que Lula (PT) enfrentará um candidato da oposição com uma agenda mais alinhada aos interesses do mercado —isto é, mais avesso a aumentar gastos públicos e atento à trajetória da dívida do país, atualmente em 78% do PIB, segundo dados do BC em novembro.

O aumento de despesas poderia, por exemplo, forçar uma manutenção da Selic em patamares elevados, já que teria o potencial de afetar a inflação. Nesse cenário, os rumos da economia ficariam mais imprevisíveis, e a renda variável, menos atraente.

Flávio Day

O desmonte das operações de “Tarcísio Trade” —posições que anteviam uma vitória do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), no pleito— no início de dezembro deu o tom da volatilidade esperada para 2026. O anúncio da candidatura do senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) dividiu a oposição e enfraqueceu o nome de Tarcísio, então favorito da Faria Lima.

A possibilidade de uma reeleição de Lula, visto como expansionista pelo mercado, fez a Bolsa cair 4% e o dólar avançar 2% em um único dia, apelidado de “Flávio Day” pelos investidores. “Não há nenhuma certeza em ano eleitoral, exceto a de que haverá muita volatilidade”, diz João Daronco, analista da Suno Research.

Mesmo assim, a expectativa é que o Ibovespa siga em trajetória ascendente. O Itaú espera que o índice avance para a faixa de 165 mil a 180 mil pontos, com potencial para alcançar 189 mil pontos no cenário mais construtivo. Já a XP vê 185 mil pontos como o patamar justo, com o cenário mais pessimista projetando o índice em torno de 144 mil pontos, e o mais otimista, em 224 mil pontos.

“Não espero que o Ibovespa suba em linha reta. Devemos ter várias quedas, como a do Flávio Day, ao longo do ano”, afirma.

A tese de valorização da Bolsa se ampara na previsão de cortes na taxa Selic: segundo o mais re-

cente boletim Focus, a expectativa é que os juros encerrem o próximo ano em torno de 12%. Rodadas de afrouxamento monetário costumam ser positivas para o Ibovespa, que, segundo a XP, avançou 39,2% considerando os oito ciclos mais recentes.

A Selic em baixa ainda pode atrair o investidor local de volta para a Bolsa, conforme a renda fixa perde um pouco do brio. Para esse tipo de operador, pesa ainda o que Daronco chama de “fomo” (“fear of missing out”, ou medo de ficar de fora, em inglês). “Ao olhar para a taxa Selic, 15% ao ano parece já bastante coisa. Mas, ao observar Bolsa em 30%, o investidor pensa: ‘Poxa, perdi, então vou comprar para o ano que vem’”, diz o analista da Suno.

Na avaliação de especialistas, o corte de juros será ainda mais atraente para o investidor estrangeiro, que deverá continuar na estratégia de diversificar carteiras para fora dos Estados Unidos. “Ele vai alocar mais recursos no Brasil se houver corte. A discussão é se vai ser muito ou pouco”, diz Gina Baccelli, do Itaú.

Além disso, há a tese de que a Bolsa brasileira está “barata”, ou seja, que os preços dos ativos não refletem o real valor. “Estão negociando hoje em torno de nove vezes o lucro esperado para o ano”, diz Matheus Amaral, especialista em renda variável do Inter.

Traduzindo em miúdos, a conta soma o valor de mercado de todas as empresas listadas no Ibovespa e divide o resultado pelo lucro esperado de todas essas mesmas companhias para 2025. O resultado é o que diz se a Bolsa está “barata” ou “cara”. O dado de 9 vezes preço/lucro está abaixo da média histórica, de 11 vezes. Para ter ideia, o S&P 500, índice de referência dos EUA, está rodando a 23 vezes preço/lucro.

“Todos os ruídos do Brasil, como os da corrida presidencial e o lado fiscal, já estão descontando o Ibovespa. Ao olhar os pares emergentes, estamos perdendo para Índia, Argentina, Hong Kong. Nós estamos baratos também por isso, porque é difícil antever os riscos que podem acontecer aqui”, afirma Amaral.

Ibovespa em 2025



+33%
é a variação do ano

Fonte: CMA

R\$ 1 bi da Mega da Virada pode render R\$ 7 mi por mês em renda fixa

Cálculos indicam rendimentos elevados mesmo em aplicações conservadoras; apostador deve tomar medidas para blindar patrimônio, recomendam especialistas

Júlia Galvão

SÃO PAULO O prêmio estimado em cerca de R\$ 1 bilhão da Mega da Virada, o maior já oferecido na história da loteria, pode gerar rendimentos mensais de milhões de reais se for aplicado em investimentos conservadores de renda fixa, segundo cálculos do planejador financeiro Ivan Viana, certificado CFP pela Planejar.

As simulações consideram um cenário projetado de Selic em torno de 12% ao ano até o fim de 2026, em linha com expectativas do mercado, e indicam que a aplicação integral do prêmio em ativos como Tesouro Selic e CDBs permitiria ao ganhador obter uma renda mensal elevada sem comprometer o patrimônio principal.

A Mega da Virada é um concurso especial realizado no dia 31 de dezembro e não acumula. Se ninguém acerta as seis dezenas da faixa principal, o prêmio é redistribuído entre os acertadores da Quina e, sucessivamente, da Quadra, conforme as regras da Caixa.

Nas simulações, Viana adotou rendimento mensal de 0,5% para a poupança, o equivalente a 6,17% ao ano. Para aplicações atreladas à taxa básica de juros, como Tesouro Selic e CDBs que pagam 100% do CDI, foi considerada a taxa de 12% ao ano (bruta).

No caso dos CDBs de bancos médios, o cálculo partiu de uma remuneração de 110% do CDI, o que corresponde a aproximadamente 11,8% ao ano (brutos). Já para os FIIs (fundos imobiliários), a estimativa considerou um retorno médio de 0,8% ao mês.

Segundo Viana, os rendimentos apresentados são líquidos e com desconto do IR (Imposto de Renda) regressivo nos casos de Tesouro Selic e CDBs. Poupança e FIIs foram considerados isentos de IR para pessoas físicas. As projeções também partem da premissa de que não há retiradas nem novos aportes, mantendo o valor investido integralmente ao longo do período analisado.

Segundo Diogo Carvalho, sales de renda fixa e fundos abertos da InvestSmart XP, mesmo com a perspectiva de queda da Selic —hoje em 15%—, aplicações conservadoras continuam capazes de gerar renda elevada. Ele diz, no entanto, que a redução dos juros tende a reduzir a rentabilidade dos ativos atrelados ao CDI, o que exige uma estratégia de alocação mais diversificada.

Nesse contexto, Carvalho diz que o caminho mais adequado é combinar diferentes classes de ativos para buscar retornos superiores à taxa básica de juros. Para 2026, ele afirma que analistas veem um cenário macroeconômico mais favorável para a renda variável, já que a queda dos rendimentos da renda fixa tende a direcionar parte dos investimentos para



Volantes para aposta da Mega da Virada em casa lotérica no Rio, na Lapa Tomaz Silva - 23.dez.23/Agência Brasil

Quanto rende R\$ 1 bilhão da Mega da Virada em diferentes produtos

Tesouro Selic

Rendimento projetado de R\$ 1 bilhão (12% ao ano)

Simulação considera aplicação sem retiradas com base em cenário projetado para a Selic em dezembro de 2026 e tributação vigente

Período	Rendimento líquido acumulado, em R\$	Patrimônio total, em R\$	Alíquota de IR aplicada
1 mês	7.750.000	1.007.750.000	22,5%
1 ano	99.000.000	1.099.000.000	17,5%
3 anos	344.000.000	1.344.000.000	15%
5 anos	649.000.000	1.649.000.000	15%

CDB (110% do CDI)

Rendimento projetado de R\$ 1 bilhão

Simulação considera aplicação sem retiradas com base em cenário projetado para a Selic em dezembro de 2026 e tributação vigente

Período	Rendimento líquido acumulado, em R\$	Patrimônio total, em R\$	Alíquota de IR aplicada
1 mês	7.630.000	1.007.630.000	22,5%
1 ano	97.350.000	1.097.350.000	17,5%
3 anos	335.000.000	1.335.000.000	15%
5 anos	648.000.000	1.648.000.000	15%

*Ivan Viana, da Planejar, diz que, para fins de simulação, o CDI foi considerado próximo à Selic —geralmente um pouco inferior— e arredondado de forma conservadora para 11,8% ao ano (bruto) nos CDBs

Fundos Imobiliários (FIIs)

Rendimento projetado de R\$ 1 bilhão (0,8% ao mês, isento de IR)

Simulação considera aplicação sem retiradas com base em cenário projetado para a Selic em dezembro de 2026 e tributação vigente

Período	Renda líquida (isenta de IR)	Renda acumulada, em R\$
1 mês	8.000.000	8.000.000
1 ano	8.000.000	96.000.000
3 anos	8.000.000	288.000.000
5 anos	8.000.000	480.000.000

*Ivan Viana, da Planejar, diz que em FIIs, além da renda, o patrimônio (o valor das cotas negociadas na Bolsa) pode oscilar para cima ou para baixo conforme o mercado. A projeção não considera a valorização das cotas

Poupança

Rendimento projetado de R\$ 1 bilhão (0,5% a.m. ~6,17% ao ano)

Simulação considera aplicação sem retiradas com base em cenário projetado para a Selic em dezembro de 2026 e tributação vigente

Período	Ganho líquido (isento de IR)	Patrimônio final, em R\$
1 mês	5.000.000	1.005.000.000
1 ano	61.700.000	1.061.700.000
3 anos	195.500.000	1.195.500.000
5 anos	348.300.000	1.348.300.000

*A poupança continua sendo a opção de menor retorno entre os produtos considerados, ainda que isenta de IR
Fonte: Ivan Viana, planejador financeiro CFP pela Planejar

ativos de maior risco, como ações e fundos imobiliários.

No caso dos fundos imobiliários, Carvalho diz que, além do potencial de valorização das cotas, há o diferencial da geração de renda mensal isenta de IR para pessoas físicas. Ele cita também o Tesouro IPCA+ como alternativa relevante para o próximo ano, por oferecer proteção contra a inflação em um ambiente de maior incerteza fiscal, especialmente em ano eleitoral, quando os gastos públicos costumam aumentar e a volatilidade tende a ser maior.

Viver de renda

Segundo Ivan Vianna, é possível viver da renda gerada pelo prêmio sem precisar tocar no valor principal. A recomendação é realizar saques mensais entre 0,5% e 0,7% do montante investido, o que equivaleria a uma renda de aproximadamente R\$ 5 milhões a R\$ 7 milhões por mês.

O especialista diz que esse padrão de retirada permite preservar o patrimônio a longo prazo, mantendo o poder de compra mesmo diante da inflação e das oscilações naturais dos ciclos econômicos, além de cobrir com folga um padrão de vida extremamente elevado.

“Caso o investidor destine uma parcela minoritária do patrimônio a ativos de maior risco —como ações, fundos multimercado ou outros instrumentos financeiros mais sofisticados—, no horizonte de longo prazo existe a possibilidade de obter retornos superiores aos cenários conservadores apresentados”, diz.

Segundo ele, esse potencial adicional está associado às expectativas de crescimento econômico, à evolução das empresas listadas em Bolsa e à capacidade do investidor de suportar volatilidade, compreender os riscos envolvidos e adotar uma estratégia bem estruturada de diversificação. Essa análise deve ser realizada por profissionais qualificados, como planejadores financeiros pessoais e gestores de investimentos, levando em conta o perfil de risco do investidor.

Pressão de familiares

Para reduzir o risco de perdas, Vianna diz que é fundamental adotar medidas de proteção patrimonial e planejamento financeiro desde o início. Segundo ele, isso inclui avaliar a criação de estruturas jurídicas adequadas, separar os recursos destinados ao consumo do patrimônio principal e evitar tomar decisões financeiras muito importantes nos primeiros meses.

O especialista afirma ainda que a ausência de educação financeira, a pressão de familiares e amigos, gastos sem critérios e investimentos mal compreendidos explicam por que parte dos ganhadores de loteria perde o dinheiro em pouco tempo.

A definição prévia de uma estratégia de renda e o apoio de assessoria especializada e independente ajudam, assim, a reduzir decisões impulsivas e a preservar o patrimônio a longo prazo.

Marcos de Vasconcellos

Excepcionalmente hoje a coluna não é publicada



Prédios residenciais em fase de construção na zona sul de SP Danilo Verpa - 14.abr.24/Folhapress

Reforma tributária pode elevar carga de imóveis de alto padrão e beneficiar os populares

Construção industrializada tende a ganhar espaço com o fim de impostos embutidos em insumos, dizem especialistas e entidades

MERCADO IMOBILIÁRIO

Ana Paula Branco

SÃO PAULO A reforma tributária promete simplificar o emaranhado de impostos sobre o consumo, mas seus efeitos práticos ainda estão sendo decifrados por setores de capital elevado e de ciclos longos, como o imobiliário. A principal mudança, segundo especialistas e entidades do setor, é a migração de um sistema cumulativo, com impostos embutidos ao longo da cadeia, para um modelo de Imposto sobre Valor Agregado (IVA), composto pelo IBS (Imposto sobre Bens e Serviços) e pela CBS (Contribuição sobre Bens e Serviços). Entidades do setor, como a Abrainc (Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias), afirmam que se trata de uma nova lógica que tende a aumentar a transparência, mas não elimina o risco de alta de carga tributária em determinados segmentos. Para o consumidor, os efeitos não serão imediatos. O ano de 2026 funcionará como um “ano-teste”, sem recolhimento efetivo dos novos tributos. Nesse período, as empresas deverão apenas emitir documentos fiscais para que o governo possa calibrar as alíquotas. A cobrança plena começa em janeiro de 2027. A reforma cria um regime específico para o setor imobiliário, com redução de 50% da alíquota-padrão para a venda de imóveis e de 70% para aluguéis. Também institui um redutor social, um desconto na base de cálculo do

imposto voltado a atenuar o impacto sobre a moradia. Ainda assim, o impacto final no preço dependerá do valor do bem. Unidades de menor valor tendem a ser beneficiadas. O redutor social de R\$ 100 mil aplicado à base de cálculo de imóveis novos favorece empreendimentos populares, como os enquadrados no programa Minha Casa, Minha Vida. Já imóveis de alto padrão podem registrar aumento de carga tributária, segundo estimativas do governo e do próprio setor. No caso dos aluguéis, além da redução maior de alíquota, haverá um redutor social mensal de R\$ 600 por imóvel. Uma das promessas centrais da reforma é eliminar os chamados impostos “escondidos”. Hoje, tributos incidentes sobre insumos como cimento, aço e serviços se acumulam ao longo da obra e acabam embutidos no preço final, sem clareza para o comprador. Com o IVA, esses valores passam a gerar créditos tributários que podem ser abatidos do imposto devido na venda ou na locação. Para o auditor fiscal Jefferson Valentin, autor de obra sobre a reforma tributária nos imóveis, a mudança traz cidadania ao permitir que o comprador saiba exatamente quanto está pagando de imposto no preço final do imóvel. Além disso, espera-se um aumento na eficiência da construção, incentivando a industrialização e o uso de pré-moldados, que, hoje, são penalizados pela cumulatividade. Empresas de construção modular e off-site do setor veem na

reforma uma oportunidade para ampliar o uso de tecnologias. A Dexco, por exemplo, afirma que a redução da cumulatividade e a possibilidade de aproveitamento de créditos tributários criam um ambiente mais favorável para a adoção de métodos produtivos mais próximos aos da indústria. **Usados** No mercado de imóveis usados, a preocupação foi evitar a bitributação. A reforma criou o chamado redutor de ajuste, que permite descontar do cálculo do IBS e da CBS o valor de aquisição do imóvel e tributos já pagos, como o ITBI (Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis). Dessa forma, o imposto incide só sobre a valorização ou a margem da operação, não sobre o valor total do bem. Outro ponto sensível é a incorporação imobiliária. Atualmente, grande parte das empresas adota o Regime Especial de Tributação (RET), que unifica impostos em uma alíquota reduzida sobre a receita. Com a reforma, esse modelo deixa de existir como hoje. O novo regime prevê alíquotas inferiores às gerais, mas, em muitos casos, superiores à carga efetiva atualmente praticada. Entre 2027 e 2028, haverá um período de transição no qual as empresas poderão optar entre o novo regime e permanecer no modelo atual (RET), mas sem direito a créditos tributários. Segundo a Receita Federal, as regras detalhadas de como esses cálculos serão feitos na prática ainda dependem de normas que devem ser editadas até o final de 2025.

DE GRÃO EM GRÃO

Planejar 2026 é entender que próximo ano não é objetivo final

O que faz diferença é a coerência das escolhas repetida ao longo do tempo

Michael Viriato
Assessor de investimentos e sócio fundador da Casa do Investidor

Todo fim de ano traz a sensação de estar diante de um mapa aberto sobre a mesa. O caminho está ali, mas ninguém sabe exatamente como estarão o clima, o trânsito ou as condições da estrada. Ainda assim, ninguém decide viajar sem mapa apenas porque o percurso envolve riscos. Planejamento não elimina incertezas, mas é fundamental para evitar que essas o paralisem ou tragam riscos desnecessários. José Ortega, filósofo espanhol do século 20, escreveu que “eu sou eu e minha circunstância”. A frase ajuda a entender por que planejamento financeiro não é uma tentativa de controlar o futuro, mas uma forma de agir com lucidez dentro dele. É comum que as pessoas cheguem ao fim do ano querendo “planejar 2026” como se ele fosse um evento isolado. Esse olhar curto costuma gerar dois comportamentos igualmente ruins. Alguns caem no otimismo ingênuo, exagerando expectativas e subestimando riscos. Outros entram em estado de espera, travados pelo medo de que o próximo ano seja difícil. Em ambos os casos, o erro é tratar o ano seguinte como destino final, quando ele é apenas mais um trecho de uma jornada longa. Planejar não é prever se 2026 será bom ou ruim. É tomar decisões que continuem fazendo sentido mesmo se ele não for como o esperado. É nesse ponto que suas decisões deixam de ser uma coleção de escolhas isoladas e passam a funcionar como um sistema, um tripé: investimento, proteção e sucessão. Mas um tripé não se sustenta apenas porque tem três pés. Ele se mantém de pé também porque foi colocado no lugar certo. Na prática, planejar para investir significa definir para que os porquês do dinheiro. Ou seja, que tipo de vida ele precisa financiar hoje e sustentar ao longo dos anos. Quando isso fica claro, investimentos deixam de ser escolhidos pelo desempenho do próximo ano e passam a ser avaliados pelo papel que cumprem no plano. Planejar para proteger não é buscar tranquilidade genérica, mas identificar o que não pode falhar. Qual evento desmontaria toda a estrutura se acontecesse. Esse exercício muda a forma como se enxerga risco, porque proteção deixa de ser custo e passa a ser parte do desenho. Planejar para suceder não é antecipar o fim, mas garantir continuidade. É responder, com calma e antecedência, quem fica vulnerável se algo acontecer e como o plano segue funcionando sem imprevisto. Quando essa conversa é feita cedo, ela costuma ser simples. Quando é adiada, quase sempre se torna cara e conflituosa. Essas três dimensões só funcionam bem quando vêm depois de perguntas honestas. Para que estou acumulando patrimônio? O que não pode dar errado no meio do caminho? Quem depende desse plano além de mim? Quando essas respostas existem, muitas decisões passam a se ajustar naturalmente. Otimismo responsável nasce daí. Não da certeza de que o próximo ano será bom, mas da confiança de que o plano não depende de um único ano para funcionar. Um ano difícil não destrói um bom planejamento. Um ano excelente não conserta um plano ruim. O que faz diferença é a coerência das escolhas repetidas ao longo do tempo. Planejar é aceitar que o futuro tem risco, mas também tem horizonte. E quem enxerga o horizonte raramente fica parado, esperando o próximo ano chegar.

colunistas da semana

DOM. Samuel Pessôa, Vinicius Torres Freire, Roberto Campos Neto / Marcos Lisboa / Candido Bracher / Ana Paula Vescovi
SEG. Marcos de Vasconcellos, Ronaldo Lemos, Eduardo Cucolo / Michael Viriato **TER.** Michael França / Cecilia Machado, Mauro Zafalon
QUA. Bernardo Guimarães / Jerson Kelman, Vinicius Torres Freire **QUI.** Solange Srour, Vinicius Torres Freire, Rômulo Saraiva
SEX. Bráulio Borges, Vinicius Torres Freire **SÁB.** Marcos Mendes / Laura Müller Machado



Fachada da sede do Banco Master na rua Elvira Ferraz, em Itaim Bibi, na zona sul de São Paulo Rovena Rosa - 19.nov.25/Agência Brasil

Oficiais de Justiça procuram liquidante do Master no escritório da instituição

Procura por Eduardo Félix Bianchini alimenta expectativa de que servidor aposentado do BC seja intimado para dar informações sobre banco de Daniel Vorcaro

Adriana Fernandes

BRASÍLIA Dois oficiais de Justiça estiveram na sede do Banco Master, em São Paulo, à procura do liquidante da instituição, Eduardo Félix Bianchini, antes do feriado do Natal, alimentando a expectativa de que ele seja intimado para dar esclarecimentos nos próximos dias.

Servidor aposentado do BC e escolhido pelo regulador para cuidar da liquidação do banco de Daniel Vorcaro, Bianchini passou o Natal com a família fora de São Paulo e não estava no escritório durante a visita dos oficiais.

Bianchini se transformou em alvo da defesa de Vorcaro, que tenta, junto ao STF (Supremo Tribunal Federal) e ao TCU (Tribunal de Contas da União), buscar a anulação da liquidação.

Com acesso aos dados do Master, o trabalho do liquidante vai mostrar contratos e pagamentos feitos pelo banco a prestadores de serviço, inclusive a advogados.

O Master contratou o escritório de familiares do ministro Alexandre de Moraes, do STF, por R\$ 3,6 milhões mensais para auxiliar na defesa dos interesses da instituição, segundo o jornal O Globo.

O risco de Bianchini ser chamado a dar esclarecimentos no imbróglio jurídico em torno da liquidação entrou no radar depois que a defesa do Master acusou o BC de ter usado o liquidante para obter informações.

A informação está em petição enviada ao ministro Jhonatan de Jesus, do TCU, como mostrou reportagem do portal Metrôpoles.

O ministro Dias Toffoli, do STF, decidiu fazer uma acarea-



Quem é quem na acareação sobre o Banco Master



DANIEL VORCARO

Controlador do Master. Foi preso em novembro, suspeito de tentar deixar o país em meio à investigação sobre o banco; foi solto e usa tornozeleira



AILTON DE AQUINO

Diretor de Fiscalização do BC desde 2023; participou de reuniões com Vorcaro durante a análise da venda do Master ao BRB, que acabou vetada



PAULO HENRIQUE COSTA

Ex-presidente do BRB, foi demitido do cargo em novembro após operação policial investigar transação com o Master

ção entre Vorcaro e Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB (Banco de Brasília), com a presença do diretor de fiscalização do BC, Ailton de Aquino Santos. A acareação está marcada para 30 de dezembro.

Procurado, Toffoli negou por meio da sua assessoria que tenha partido dele o envio de oficiais de Justiça para intimar o liquidante do Master. O ministro informou que, neste momento, estão mantidos apenas os três nomes já divulgados pelo STF para a acareação.

O ministro Jhonatan de Jesus também tem colocado pressão em uma ação que tem restringido a atuação dos próprios técnicos da Auditoria Especializada em Bancos Públicos e Reguladores Financeiros, unidade do TCU que fiscaliza bancos públicos e instituições financeiras no Brasil, segundo relatos de dois servidores do tribunal à reportagem.

Jesus determinou ao BC que se manifeste sobre supostos indícios de precipitação na liquidação do Master. A assessoria do TCU não foi encontrada neste domingo (28) e não retornou um pedido de comentários enviado por email. O tribunal colocou em sigilo o processo que analisa uma possível omissão do BC no Master.

A Folha ouviu um técnico do BC, já aposentado, com larga experiência em liquidação de bancos. Segundo ele, uma eventual interferência do STF e do TCU no trabalho do liquidante seria uma ação sem precedente. O ex-servidor, que trabalhou em casos de quebra de bancos, vê uma tentativa de intimidação do trabalho de liquidação do Master.

O ex-diretor do BC Luiz Fernando Figueiredo avalia que TCU e STF têm pouca noção do que estão fazendo. “Eu nunca tinha visto. O que está sendo pedido são coisas que não têm sentido”, disse.

Para ele, a fraude do banco de Vorcaro foi tão grande que não há como ser contestada. “Foi uma fraude gigante. Não foi decisão de um diretor, mas de todo um colegiado a partir de um volume de documentação muito robusto.”

Procurado pela Folha, o advogado Walfrido Warde, que defende Vorcaro, disse que auxiliares responderiam aos questionamentos. Até a publicação desta reportagem não houve retorno.

BC avalia entrar com mandado de segurança no STF contra acareação

BRASÍLIA O Banco Central deve entrar com um recurso no STF (Supremo Tribunal Federal) para tentar barrar a participação de um diretor do regulador na acareação ordenada pelo ministro Dias Toffoli no caso Banco Master. O recurso em análise pela área jurídica da autoridade monetária é um mandado de segurança, de acordo com duas pessoas que acompanham o caso e que foram ouvidas pela reportagem.

Neste sábado (27), após um pedido de esclarecimento do banco, o magistrado reafirmou a necessidade da acareação e da participação do BC, embora tenha dito que o regulador e o diretor Ailton

de Aquino, de fiscalização, não figuram como investigados. A audiência está prevista para terça-feira (30).

O BC havia solicitado que Toffoli esclarecesse se Aquino tinha sido chamado para a audiência do STF na condição de testemunha, acusado ou pessoa ofendida.

“Tendo em vista que o objeto da investigação tange a atuação da autoridade reguladora nacional, sua participação nos depoimentos e acareações entre os investigados é de especial relevância para o esclarecimento dos fatos”, afirmou Toffoli no despacho.

Esse despacho de Toffoli informando que nem o Banco Central



Tendo em vista que o objeto da investigação tange a atuação da autoridade reguladora nacional, sua participação [...] é de especial relevância”

Dias Toffoli
ministro do STF
sobre presença do BC na acareação

nem o diretor de fiscalização figuram como investigados no caso Master, porém, reforçou os argumentos jurídicos do regulador contrários à acareação, instrumento utilizado na produção de prova criminal.

Além da participação de Aquino, o ministro determinou a convocação de Daniel Vorcaro, dono do Master, e Paulo Henrique Costa, ex-presidente do BRB (Banco de Brasília), instituição que fez uma proposta de compra do banco liquidado em março. A aquisição foi vetada pelo BC em setembro.

O formato põe em confronto Vorcaro e Costa, que são investi-

gados, e Aquino, um dos responsáveis no órgão regulador pela fiscalização da atuação do Master e do BRB. A acareação foi determinada diretamente pelo ministro, sem um pedido anterior de investigadores, como acontece normalmente.

Como mostrou a Folha, Dias Toffoli teria indicado a integrantes de seu gabinete que pretende esclarecer o momento em que o Banco Central tomou conhecimento das suspeitas sobre as operações financeiras do Master, as medidas na fiscalização do mercado de títulos e determinar eventuais responsáveis por falhas no processo.



Rodrigo Cury, presidente da Visa no Brasil: empresa é líder global em transações e 2º lugar no país Adriano Vizoni/Folhapress

Visa investe em IA que faz compras no lugar do cliente, diz CEO da empresa no Brasil

Bandeira aposta em tecnologia para descobrir preferências do usuário; oferta de serviços de valor agregado ajuda empresa a sobreviver ao Pix

2026, MODO DE USAR

Daniele Madureira

SÃO PAULO O presidente da Visa no Brasil, Rodrigo Cury, conta que existe uma pergunta típica a que ele precisa responder nos almoços de domingo em família: por que alguém não consegue aumentar o limite do cartão? Para isso, tem uma analogia pronta. “Eu não produzo carros [cartões e crédito]. Eu faço a estrada.”

A resposta ilustra uma das premissas de negócios da Visa. Multinacional americana especializada em tecnologia de pagamentos, presente em mais de 200 países com 4,8 bilhões de credenciais (entre cartões físicos, digitais e tokens), a empresa não tem contato direto com o consumidor. Seus clientes são as instituições financeiras e os estabelecimentos comerciais. Daí o fato de não ser responsável pela emissão do cartão, nem pela concessão do crédito.

A Visa é responsável por “pavimentar” o ambiente de negócios digital por onde transita o dinheiro, o que envolve a organização de uma complexa rede de dados que precisa funcionar em tempo real, envolvendo informações sobre o cliente, o banco, o adquirente (dono da “maquininha de cartão”) e o estabelecimento. No mundo, são 15 mil instituições financeiras, 150 milhões de estabelecimentos comerciais e quase 5 bilhões de credenciais, que geram um volume gigantesco de dados sobre o uso

do Visa por CPFs e CNPJs. Esses dados são criptografados e, portanto, aparecem para a multinacional como códigos.

Mas é justamente esse ambiente rico em informações que vai conduzir a Visa a uma nova “avenida” de crescimento nos próximos anos: para além de garantir a segurança e a eficiência das transações financeiras em nível global, a empresa começa a usar cada vez mais a inteligência artificial generativa para identificar gostos, tendências e comportamentos de compra do consumidor. Segundo a Visa, 2025 foi o último ano em que os clientes fizeram e finalizaram suas compras sozinhos, sem um agente de IA.

“Você gosta de fazer determinadas coisas durante as suas férias, por exemplo, que só você sabe. Agora não só você sabe: tem um agente de IA que te conhece

muito bem. A partir de instruções simples, ele vai procurar todas as opções de viagens, passeios e atividades que façam parte do seu perfil e orçamento para, inclusive, fazer as compras para você, facilitando a sua vida”, diz Cury.

Isso sempre com a permissão do usuário e em um ambiente seguro, sem “alucinações” que possam dar brecha a compras indevidas, afirma. “A ideia é usar em compras rotineiras, de supermercado, por exemplo, para permitir que você ganhe tempo”, diz. “A Visa é uma das empresas do mundo que mais investem em IA.”

A bandeira vem trabalhando com mais de cem parceiros globais para implantar o Visa Intelligent Commerce (VIC), que já produziu centenas de transações controladas e iniciadas por agentes de IA.

Nos Estados Unidos, os primeiros projetos-piloto começaram neste ano. No início de 2026, será a vez da Europa e da Ásia-Pacífico. Na América Latina e Caribe, as soluções serão apresentadas ao longo do ano.

A aposta na IA vai aumentar a venda de serviços de maior valor agregado (value added services), que hoje representam entre 30% e 35% da receita da Visa. “Até uns dez anos atrás, o trabalho da companhia estava concentrado em infraestrutura e segurança para transações financeiras”, diz Cury. Mas o avanço de meios de pagamento instantâneos, a exemplo do brasileiro Pix, fez

+ Série ‘2026, Modo de Usar’ ouve CEOs de consumo

Série da **Folha** traz entrevistas semanais em texto e vídeo, apresentando expectativas, receios e estratégias escolhidas para 2026 pelos principais executivos de dez segmentos diferentes: supermercados, varejo, consórcios, têxtil, calçados e confecções, ar-condicionado, tecnologia, telefonia, serviços financeiros e mobilidade. Todas as empresas da série faturam mais de R\$ 1 bilhão ao ano.

RAIO-X VISA DO BRASIL Fundação 1983

Sede São Paulo

Funcionários 350

Presença Cerca de 70 milhões de cartões

Participação de mercado 40%

Principais concorrentes Mastercard, Elo

Receita líquida 2024*: US\$ 35,9 bilhões (R\$ 199 bilhões) *receita global

a empresa se mexer.

Entre 2021 e 2024, o Pix se tornou o principal meio de pagamento utilizado no Brasil: saltou de 46,1% para 76,4% do total da população, segundo dados do Banco Central. Com isso, superou o uso de dinheiro vivo, que caiu de 83,6% para 68,9%. Embora nesse intervalo tenha crescido também o uso de cartões, o avanço foi muito inferior ao do Pix: no débito, cresceu de 61,7% para 69,1%, e, no crédito, de 44,5% para 51,6%.

Em volume de transações, no terceiro trimestre, o Pix segue liderando, com 20,5 bilhões. O consolidado de cartões (débito, crédito e pré-pago) aparece em segundo, com 11,6 bilhões.

Segundo Cury, porém, a ferramenta também representa oportunidade de receita. “O Pix vem sofrendo tentativas de golpe e fraude —e garantir a segurança das transações é um dos pilares do nosso negócio”, afirma. “No Brasil, temos um [projeto] piloto rodando com a solução Visa para proteger a transação Pix, e assim atender aos bancos.”

No mundo, as duas grandes multinacionais da indústria de cartões são as americanas Visa e Mastercard. Embora seja líder global, a Visa perdeu a primeira posição no Brasil para a rival.

Nos últimos anos, a Mastercard fechou contratos importantes com fintechs e bancos digitais, a exemplo de Nubank e C6 Bank, o que lhe garantiu a dianteira.

Esquema de cartão

Para Willer Marcondes, sócio para serviços financeiros da Strategy, consultoria estratégica da PwC Brasil, o nome “bandeira” para designar a Visa ou a Mastercard não traduz bem o que as empresas fazem. Em inglês, diz, a expressão é mais apropriada: “card scheme” [esquema de cartão].

“São elas que ditam as regras do jogo: têm a missão de dizer como um pagamento deve sair de um lado e como será recebido do outro”, diz Marcondes. “Parece simples, mas, quando se consideram os mais de 200 países no mundo, cada um com sua regra tributária, seu banco central, legislações e arranjos próprios, é preciso que alguém forneça garantias de pagamento, que traga liquidez ao sistema sempre que alguém use o cartão fora do país.”

Quanto à possibilidade de o Pix, lançado no final de 2020, matar o cartão de débito, Marcondes lembra que costuma demorar muito para que um meio “mate” o outro no sistema financeiro. “Há 20 anos, pelo menos, o cheque é uma solução caducante, mas ainda resiste”, diz.

“[O Pix] Não é o fim da linha, mas exige investimento e capacidade de reação, de entender a nova realidade do banco, que deixa de ser um lugar onde se guarda dinheiro para ser um lugar que proporciona experiências digitais.”

Cury concorda. Segundo ele, há uma forte correlação entre o débito e a principalidade da conta-corrente: o cliente usa mais a modalidade no cartão do seu banco principal. “A gente achou que débito seria reduzido a cinzas [depois do Pix], e não foi. Ainda soma R\$ 1 trilhão em transações ao ano.”

economia

O melhor filme de 2025 é ‘O Riso e a Faca’

Coprodução brasileira cria um universo inteiro em mais de três horas de duração

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Ainda não fui ver “O Agente Secreto”. Excluída a possibilidade de que seja uma obra-prima absoluta, o melhor filme de 2025 na minha opinião é, de longe, o extraordinário “O Riso e a Faca”. Trata-se de uma coprodução brasileira com mais três países, dirigida pelo português Pedro Pinho e com fotografia acachapante do brasileiro Ivo Lopes Araújo.

O filme sacudiu o Festival de Cannes, onde foi exibido na mostra Un Certain Regard, levando o prêmio de melhor atriz para a cabo-verdiana Cleo Diára. Deveria ter levado mais. Em tempos em que muita gente acha que o cinema é uma arte em declínio, “O Riso e a Faca” comete uma cosmogonia: cria um universo inteiro em suas mais de três horas de duração.

Esse universo atende pelo nome de Guiné-Bissau. A partir do país africano, o filme conduz uma observação sofisticada, fascinante e aberta do estado atual do mundo. Por exemplo, o protagonista é um engenheiro ambiental português chamado Sérgio, funcionário de uma ONG. Ele vai ao país avaliar o impacto da construção de uma estrada.

De cara há um choque entre o seu papel globalizante, de funcionário de ONG que traz valores “universais”, com a complexidade das forças presentes em Guiné-Bissau, locais e globais: imigrantes de várias origens com agendas pessoais distintas, o avanço da busca por lucro a partir de agentes locais e estrangeiros, as nuances entre pobreza e modos de vida tradicionais, a presença inafastável da China. E, no meio de tudo isso, uma outra força universalizante em ação: o desejo (o filme é para adultos, não veja com crianças por perto!).

Uma das dádivas do filme é retratar as inúmeras formas como o português é falado. O “de Portugal”, o “brasileiro”, os modos de fala locais, as formas mestiças, incluindo variantes de crioulo, e assim por diante. Só isso já seria motivo para fascínio. Mas o filme vai além. Abre sucessivos buracos de Alice.

Mostra como é o cultivo do arroz nas bolanhas (manguezais) e sua luta perpétua para manejar a água do mar. A tórrida vida noturna em Bissau, movida pela música de artistas como Américo Gomes, Don Pina e Kilograma. E regada a cerveja portuguesa Super Bock (marca que aparece também em camisetas de crianças). Ou ainda, a nostalgia de preparar a cachupa na comunidade cabo-verdiana. Ou o desejo de visitar “as ilhas”, modo como os locais chamam o arquipélago na costa, como Pecixe e suas praias paradisíacas e praticamente desconhecidas.

“O Riso e a Faca” (o título vem de uma música de Tom Zé) é cinema de estupefação. Mesmo depois de três horas e meia, desejei que o filme continuasse. Queria saber mais sobre como a água chega às tabancas (aldeias) isoladas do país. Ou o que aconteceu com a comunidade que se espantou ao saber que em Portugal as pessoas “jogam água limpa nas latrinas”.

São perguntas que me levam a querer visitar Guiné-Bissau, convertida em um misto de bola de cristal com espelho de autoconhecimento por esse filme único e grandioso. Por fim, vale dizer que há outro filme feito na África chamando a atenção neste ano cinematográfico tão rico: “Sirât”. Não é ruim. Mas perito de “O Riso e a Faca” é diminuto. Feliz ano novo!!

READER

Já era 2025

Já é Um ano ótimo para o cinema

Já vem 2026, um ano de incerteza para o cinema

O filme sacudiu o Festival de Cannes, onde foi exibido na mostra Un Certain Regard, levando o prêmio de melhor atriz para a cabo-verdiana Cleo Diára. Deveria ter levado mais

Jovens cansados das telas aumentam consumo de agendas e planners de papel

Busca por organização e produtividade cresce no fim do ano, e consumidor usa caderno para desacelerar e fugir de rotina agitada

Gabriela Cecchin

SÃO PAULO “Eu quero ficar cada vez mais ‘off’ das telas.” Essa foi a decisão da publicitária Gabriela Brito, 27, que trocou plataformas como Notion e Trello, que usou durante cerca de três anos, por um planner, agenda física que permite visualizar a semana, o mês e o ano em páginas separadas.

Gabriela diz que a escrita manual passou a ser uma forma de recuperar processos criativos e de organização que, segundo ela, ficaram limitados no ambiente digital.

“Eu sinto que isso está limitando minha criatividade, de certa forma, e eu estou perdendo o hábito de escrever”, diz Brito.

A virada do ano impulsiona a busca por planners, agendas e calendários físicos. Na Shop Figlia, fundada pela publicitária Marina Mie Murakoshi, 23, o planner é o principal produto da marca e concentra um pico de vendas no fim do ano.

No lançamento mais recente, segundo a fundadora, as vendas registradas nos primeiros 12 minutos praticamente igualaram metade do volume alcançado em todo o ano anterior. Ao fim da primeira hora, o total já havia atingido o resultado do lançamento do ano passado.

Para Marina, o planner físico tem sido buscado como ferramenta de organização, mas também como espaço de pausa em meio à rotina acelerada. A fundadora afirma que a marca tem observado um público interessado em planejamento sem rigidez excessiva, com foco em equilíbrio e bem-estar.

“As pessoas buscam cada vez mais praticidade, com ferramentas que permitirão encontrar clareza sobre si, que possam acolher a rotina delas, e trazer equilíbrio do planejamento sem nenhuma produtividade tóxica”, afirma.

Na papelaria Organizando a Vida, dezembro e janeiro concentram a principal temporada do ano. A fundadora, Deise Santos, 28, afirma que, nesse período, o faturamento da loja cresce entre 30% e 60%, impulsionado sobretudo por planners anuais e agendas datadas. Segundo ela, o aumento das buscas começa ainda na segunda quinzena de outubro e se mantém elevado até o início do ano seguinte.

Já na Paperview, especializada em planners físicos, o fim do ano também concentra um aumento consistente na procura por produtos de auto-organização. Para a fundadora Angela Bufarah, 55, o planner passou a ocupar um espaço distinto das ferramen-



Visitantes na feira Escolar Office Brasil, a maior feira de papelaria da América Latina, em 2024 Jardiel Carvalho - 6.ago.24/Folhapress

tas digitais.

“As novas tecnologias não competem com o planner físico, elas caminham juntas. Aplicativos e agendas digitais são ótimos para alertas e compromissos, mas o planner em papel é o espaço da pausa, da escrita à mão, da reflexão”, comenta.

A terapeuta ocupacional Livia Lilla Delduque, 24, afirma que o papel ajuda a organizar prioridades e hábitos. “Consigo ampliar minhas atividades de autocuidado e a manter hábitos mais saudáveis”, comenta Livia.

Nas papelarias consultadas pela reportagem, o preço dos planners variava de R\$ 96 a R\$ 329, com base no tamanho, no número de divisões internas, no nível

de personalização e nos materiais para decoração.

O interesse por produtos físicos chegou também às livrarias. Segundo Alexandre Martins Fontes, presidente da ANL (Associação Nacional de Livrarias) e responsável pela rede Martins Fontes, as vendas de agendas, calendários e planners crescem de forma acentuada no fim do ano.

“Em outubro, a gente vende três vezes mais do que a média que a gente vende de janeiro a setembro. Em novembro, cinco vezes mais. Em dezembro, dez vezes mais”, conta.

Para ele, os números indicam que, apesar da consolidação das agendas digitais, o papel segue relevante no consumo cultural.



ATENÇÃO

Agências de publicidade e anunciantes

Devido às celebrações de fim de ano, os fechamentos publicitários serão antecipados nas seguintes edições:

Quinta-feira 25/12 e 1/1

Folha de S.Paulo	Entrega de Ap	Material
Política/Mundo/Economia/ Cotidiano/Esporte/ Classificados/Ilustrada	18h Ter.	18h Ter.

Sexta-feira 26/12 e 2/1

Folha de S.Paulo	Entrega de Ap	Material
Política/Mundo/Economia/ Cotidiano/Esporte/ Classificados/Ilustrada	18h Ter.	18h Ter.

China lidera corrida por combustíveis limpos com tecnologia verde e barata

Empresas usam energia eólica e solar para produzir insumos verdes e ajudar na descarbonização do setor industrial

“Isto é mais do que um marco tecnológico”, disse ele no início deste ano.

“Alternativas verdes e escaláveis agora são reais e operacionais.”

Embora as tecnologias de combustíveis limpos ainda estejam evoluindo, especialistas afirmam que empresas como a Envision mostram como a China está usando sua energia renovável abundante e de baixo custo, além de biocombustíveis, para ajudar a descarbonizar seu vasto setor industrial.

Apesar de os combustíveis limpos serem significativamente mais caros que as alternativas de combustíveis fósseis, as empresas chinesas estão estabelecendo as bases para dominar as cadeias de suprimentos globais de tecnologia limpa.

“Existe essa expectativa de que a escala permitirá que fique mais barato — assim como aconteceu com os painéis solares de 2010 até agora”, disse David Fishman, analista de energia da consultoria The Lantau Group.

A amônia é um dos produtos químicos industriais mais produzidos do mundo, com a maior parte da produção sendo usada como fertilizante e o restante como matéria-prima para plásticos, têxteis, produtos de limpeza e explosivos para mineração.

A amônia verde, que é produzida com energia renovável em vez de gás natural ou carvão, é um líquido com alta densidade energética que pode ser armazenado e transportado facilmente.

A demanda global pelo produto químico, atualmente em aproximadamente 185 milhões de toneladas, pode crescer se for usado como combustível limpo para navegação e geração de energia, embora obstáculos significativos permaneçam antes da adoção em massa.

A Envision, com sede em Xangai, investiu cerca de 8 bilhões de yuans (US\$ 1,1 bilhão) na fábrica de Chifeng. Ela tem uma capacidade anual inicial de 320 mil toneladas e planeja aumentar a produção para 5 milhões de toneladas na próxima década.

Apesar do baixo custo da energia solar e eólica na China, o alto custo dos eletrolisadores, bem como a falta de redes de armazenamento e distribuição, desacelerou as esperanças de comercialização em massa.

Maitaca Corretora de Seguros Sociedade Unipessoal Limitada
CNPJ 00.066.873/0001-11 - NIRE 35.236.652.728

Extrato da Ata de Deliberação de Sôcia realizada em 17.12.2025

Data, Hora, Local: 17.12.2025, às 09h45, na sede social, na Avenida Paulista, nº 2.100, São Paulo/SP. **Presença:** Totalidade das quotas representativas do capital social. **Mesa:** Carlos Pelá - Presidente, Dionysios Emmanuil Inglesis - Secretário. **Deliberação Aprovada:** A Sôcia deliberou reduzir o capital social da Sociedade em R\$ 1.000.000,00, por considerá-lo excessivo em relação ao objeto social da Sociedade, nos termos do inciso II do Artigo 1.082 do Código Civil, com o consequente cancelamento de 1.000.000 de quotas, no valor de R\$ 1,00 cada uma, de propriedade e titularidade da Sôcia **Tehama Participações Sociedade Unipessoal Limitada**, mediante restituição em moeda corrente nacional. **Encerramento:** Nada mais. **Sôcia: Tehama Participações Sociedade Unipessoal Limitada** - Carlos Pelá e Dionysios Emmanuil Inglesis. - *Diretores.*

FOLSOM PARTICIPAÇÕES
SOCIEDADE UNIPESSOAL LIMITADA
CNPJ 13.055.062/0001-42 - NIRE 35.225.030.135

Extrato da Ata de Deliberação de Sôcia realizada em 17.12.2025

Data, Hora, Local: 17.12.2025, às 10h15, na sede social, São Paulo/SP, Avenida Paulista, 2.100. **Presença:** Totalidade do capital social. **Mesa:** Carlos Pelá - Presidente; Dionysios Emmanuil Inglesis - Secretário. **Deliberações aprovadas:** Reduzir o capital social da Sociedade no valor total de R\$ 1.000.000,00, com o cancelamento de 1.000.000 de quotas, no valor nominal de R\$ 1,00 cada, de propriedade da Sôcia **J. Safra Properties Participações Sociedade Unipessoal Limitada**, mediante restituição do mencionado valor à Sôcia, em moeda corrente nacional, por considerá-lo excessivo em relação ao objeto social da Sociedade, nos termos do inciso II do Artigo 1.082 do Código Civil. **Encerramento:** Nada mais. **Sôcia: J. Safra Properties Participações Sociedade Unipessoal Limitada - Carlos Pelá - Diretor - Dionysios Emmanuil Inglesis - Diretor**

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLÓRIDA PAULISTA

EDITAL RESUMIDO

CONCORRÊNCIA ELETRÔNICA Nº 03/2025 - Processo nº 2.440/2025. Objeto: Contratação de empresa especializada na prestação de serviços de apoio administrativo visando suporte técnico e profissional específicos nas áreas orçamentária, contabilidade, financeira e planejamento, na sede da Prefeitura Municipal, por profissional devidamente capacitado e habilitado, com vistas ao aprimoramento e ao atingimento de melhorias nas atividades das servidões, conforme detalhamento dos serviços no item de referência. **Data de início da disputa: 25/02/2026 às 09:00 horas.** O Edital na íntegra encontra-se à disposição dos interessados na Praça Gerson Veronese Ferracini, nº 358, Flórida Paulista/SP, no site oficial do Município <http://www.floridapaulista.sp.gov.br/>, na plataforma <https://bbl.org.br/> e pelo e-mail: licitacao@floridapaulista.sp.gov.br. Informações complementares poderão ser fornecidas pelo telefone: (18) 3581-9029.

Prefeitura Municipal de Flórida Paulista/SP, 23 de dezembro de 2025.

José Andriotti - Prefeito

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO
COMANDO DE POLICIAMENTO DO INTERIOR 2 – UGE 180157
AVISO DE LICITAÇÃO – UASG 180157
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 90081/2025 – PR-157/0081/25
PROCESSO Nº 20251210671 – SEI! 057.611951/2025-00
PLATAFORMA: <https://gov.br/compras>
OBJETO: Contratação de serviço de instalação de ar condicionado com fornecimento dos equipamentos para a 3ª Cia PM do 49º BPM/I. **ABERTURA DA LICITAÇÃO:** 14/01/2026 às 08h45min. **CRITÉRIO DE JULGAMENTO:** Menor preço. **DISPONIBILIDADE DOS EDITAIS E ANEXOS:** <https://pnpc.gov.br/app/editais> https://www.imprensaoficial.com.br/ENegocios/HomeNPaoLogado_3_0.aspx ou Comando de Policiamento do Interior 2, situado na Avenida João Jorge, 499, Vila Industrial, Campinas/SP. **INFORMAÇÕES:** (19) 3772-6748 - Seção de Despesa Orçamento e Custo do Comando de Policiamento do Interior 2.

PREFEITURA MUNICIPAL DE AGUAÍ
ESTADO DE SÃO PAULO

AVISO DE REPUBLICAÇÃO DE LICITAÇÃO. Processo Administrativo SECADM-CCLIC Nº 213/2025 - Pregão(eletrônico) Nº 32/2025. objeto: registro de preços para aquisição parcelada e conforme a necessidade do município de carnes para a merenda escolar. Recebimento das propostas a partir do dia: 30 de dezembro de 2025 às 08h30min. Início da sessão de disputa de preços: 14 de janeiro de 2026, às 09h00min. Edital a disposição no link <https://aguaui.sp.gov.br/home/>. Franciele Rodrigues Luciano Martins – Pregoeira

AVISO DE PUBLICAÇÃO DE LICITAÇÃO. Processo Administrativo SECADM-CCLIC Nº 220/2025 - Pregão(eletrônico) Nº 33/2025. objeto: registro de preços para aquisição parcelada de uniformes escolares a serem distribuídos para os alunos da rede municipal, conforme necessidade da Secretaria Municipal de Educação, Esportes e Cultura. Recebimento das propostas a partir do dia: 30 de dezembro de 2025 às 08h30min. Início da sessão de disputa de preços: 15 de janeiro de 2026, às 09h00min. Edital a disposição no link <https://aguaui.sp.gov.br/home/>. Franciele Rodrigues Luciano Martins – Pregoeira



TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DA 2ª REGIÃO AVISO DE CHAMAMENTO PÚBLICO

 ITAIPU BINACIONAL	PREGÃO ELETRÔNICO NACIONAL NF 1942-25
--	--



LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA

PRESENCIAL
ON-LINE



1º Leilão: dia 07/01/2026 às 14h00
2º Leilão: dia 16/01/2026 às 14h00

EDUARDO CONSENTINO, leiloeiro oficial inscrito na JUCESP nº 616 **(JOÃO VICTOR BARROCA GALEAZZI – preposto em exercício)**, com escritório à Av. Fagundes Filhos, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, devidamente autorizado pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S.A.**, doravante designado **VENDEDOR**, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre 100 Sul, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular nº 1011933047, celebrado com Bê meim, limitação com Garantia Alienação Fiduciária de Imóvel e Outras Avenças nº 1011933047, em 21/03/2024, no qual figura como o **DEVEDOR**, **GEOVA AMORIM RODRIGUES**, brasileiro, solteiro, portador do RG nº 90196554-SS/PM, CPF nº 827.292.293-85, residente e domiciliado em Bequimão/MA, levava à **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 07 de janeiro de 2026, às 14h00 horas**, à Av. Fagundes Filhos, 145, Conjunto 22, Vila Monte Alegre, São Paulo/SP, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R\$ 666.967,95 (Seiscentos e oitenta e seis mil, novecentos e cinquenta e sete reais e noventa e seis centavos)**, o imóvel a seguir descrito, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário, constituído por **UM TERRENO pertencente ao latifundiário municipal de Bequimão, situado à Av. Itapetininga, em Bequimão/MA**, com as seguintes características: **03 (três) metros de frente para a oeste, limita-se com a Av. Itapetininga, mede 14,00m; lado direito para o sul, limita-se com Osmar Silva, mede 81,00m; fundo para o oeste, limita-se com Osmar Silva, mede 41,00m; lado esquerdo para o norte, limita-se com Josemar Costa, Maria e Dinoca, mede 75,00m. Perfazendo uma área total de 2.145,40 m². No terreno foi construída UMA CASA RESIDENCIAL toda de alvenaria, coberta de telhas canal, medindo 8,00m de frente com 16,00m de fundo, frente para o leste e limita-se na Av. Itapetininga fundo faoreste na Av. Itapetininga, bairro de Fátima, nesta cidade de Bequimão/MA, contendo 09 cômodos, sendo: 03 quartos, 01 terraço, 01 banheiro, 01 cozinha, 01 varanda e 02 banheiros. O Cartório de Registro de Imóveis de Bequimão/MA, sob o nº 1011933047, transcreve a Desocupação por conta do requerente, nos termos do art. 30 da Lei nº 9.514/97. Caso não haja habitante em primeiro leilão, fica desde já superior o **dia 16 de janeiro de 2026, às 14:00 horas**, no mesmo local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R\$ 453.511,12 (Quatrocentos e cinquenta e três mil, quinhentos e onze reais e doze centavos)**. Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.biaasleiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. Os (s) devedor(es) fiduciário(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da Lei 9.514/97, incluído pela Lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato nº 1011933047, com o endereço do devedor, **Geova Amorim Rodrigues**, residente e domiciliado em Bequimão/MA, sob o nº 1011933047, o imóvel entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.biaasleiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciário, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados poderão participar do leilão de modo presencial ou on-line, conforme o caso, desde que compareçam pessoalmente, ou por meio de procuração, clicando na opção **“ABILITAR”** com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo as habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter **“ad corpus”** e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de concluído expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciário, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. A **transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciário, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB – Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.381 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial.**

Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biaasleiloes.com.br

China lidera corrida por combustíveis limpos e tecnologia verde

Empresas usam energia eólica e solar para produzir combustíveis verdes e ajudar na descarbonização do setor

FOLHA EM DEFESA DA ENERGIA LIMPA

FINANCIAL TIMES Em um parque industrial em Chifeng, na Mongólia Interior, um bilionário está embarcando na próxima fase da revolução verde da China. Zhang Lei construiu a Envision, transformando-a em uma das maiores fabricantes de turbinas eólicas do mundo.

Agora, o empresário está usando energia eólica para produzir a chamada amônia verde, vendendo-a para uso em fertilizantes e produtos químicos, além de combustível para navegação.

+ **Especialista aponta desafios para uso em grande escala**

O maior obstáculo para o negócio, segundo Frank Yu, que lidera os esforços de gás zero carbono e energia de hidrogênio da Envision, decorre da incerteza sobre as descarbonização em países ocidentais. "Sem uma política forte para reduzir emissões, como o combustível verde pode competir com os fósseis?"

Encontra-se ANULADA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90260/2025 por vício insanável no edital, processo 024.00169130/2025-45, destinado a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão seria no dia 29/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Encontra-se ANULADA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90258/2025 por vício insanável no edital, processo 024.00169134/2025-23, destinado a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão seria no dia 29/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Encontra-se ANULADA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90259/2025 por vício insanável no edital, processo 024.00169133/2025-89, destinado a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão seria no dia 30/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Encontra-se ANULADA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90261/2025 por vício insanável no edital, processo 024.00169136/2025-12, destinado a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão seria no dia 30/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

Encontra-se ANULADA no Departamento Regional de Saúde IV – Baixada Santista, LICITAÇÃO na modalidade PREGÃO ELETRÔNICO nº 90263/2025 por vício insanável no edital, processo 024.00169137/2025-67, destinado a Contratação de Empresa Especializada na Prestação de Serviço de Equipe Multidisciplinar em Saúde, na Modalidade Interação Domiciliar em cumprimento à ação judicial, pertencente a este DRS IV, tipo MENOR PREÇO. A realização da sessão seria no dia 30/12/2025 às 10:00 horas, por intermédio do site www.gov.br/compras O Edital da presente licitação encontra-se disponível para consulta no site www.gov.br/compras

[illegible][illegible]



Entrada de Moggio Udinese, norte da Itália, a partir de ponte sobre rio Fella; cidade serviria de moradia fictícia a brasileiros Wikimedia Commons

Itália investiga suposto esquema que deu cidadania a mais de 80 brasileiros

OUTRO LADO Brasileiro suspeito de forjar certificados de residência a beneficiados não respondeu; processo se deu de forma idônea, afirma integrante de família brasileira

Michele Oliveira

MILÃO A cidade de Moggio Udinese tem cerca de 1.600 habitantes. Por ocupar um território de montanha, aos pés dos Alpes Julianos, que separam a Itália da Áustria, a maior parte das casas se concentra em poucas ruas. Duas delas são familiares, ao menos no papel, para mais de 80 brasileiros que tiveram a cidadania italiana reconhecida de 2018 a 2024.

Segundo investigação iniciada pela polícia e agora aos cuidados do Ministério Público, uma casa na Via Abbazia e outra na Via Traversigne foram indicadas de forma falsa como local de moradia de brasileiros que obtiveram a cidadania ali por direito de sangue. Os dois endereços ficam a cerca de 100 metros da prefeitura, responsável pelos processos.

Seis pessoas —quatro funcionários da administração municipal, um brasileiro e uma albanesa— foram indiciadas pelo suposto esquema. Uma notificação da Promotoria aos investigados, à qual a *Folha* teve acesso, diz que esse grupo “comprovava falsamente a existência”, nesses dois imóveis, de “situações de moradia habitual” para brasileiros descendentes de italianos. Com isso, garantia “o requisito legal necessário para a inscrição nos registros da população residente e, consequentemente, para o sucessivo pedido e obtenção do status de cidadão italiano iure sanguinis [direito de sangue]” para eles e seus filhos menores de idade.

No total, afirma o documento, 83 brasileiros tiveram a cidadania reconhecida dessa forma, sem nunca terem residido de fato em Moggio Udinese. “Alguns até vieram [à cidade], mas poucos. Ficavam poucos dias, faziam turismo e iam embora”, disse à *Fo-*

Suposto esquema forjava comprovação de residência para brasileiros em cidade do norte da Itália



Casas que seriam usadas no esquema de residência fictícia para brasileiros obterem cidadania



1 Via Traversigne, 35



2 Via Abbazia, 3

lha o promotor Giorgio Milillo, de Udine, responsável pelo caso. A investigação aponta que os brasileiros que passaram pela cidade ficavam de dois a cinco dias, mas ainda é incerto quantos estiveram realmente lá.

No caso de Moggio Udinese, os beneficiados teriam forjado esse status de morador para poder dar seguimento ao processo. Segundo o Ministério Públi-

co, eles teriam pago € 6.500 (R\$ 41,3 mil) para conseguir a cidadania nesses moldes, incluindo o título de residência fictício. Não está claro como esse valor era calculado no caso de famílias numerosas ou com filhos. Esses brasileiros, porém, não são alvo da investigação.

O único brasileiro indiciado é Sergio Luiz Garana, 54, que seria residente na região do Vêneto,



Gestão Meloni endureceu lei da cidadania

O caso de brasileiros que obtiveram a cidadania italiana após terem simulado residência em Moggio Udinese, de acordo com o Ministério Público, se soma a outras investigações do tipo realizadas nos últimos anos.

Com a justificativa de coibir abusos e o que considera a comercialização do passaporte italiano, o governo da conservadora Giorgia Meloni mudou neste ano a Lei da Cidadania, de 1992, para restringir o acesso à cidadania para descendentes nascidos no exterior.

Pelas novas regras, a transmissão e o reconhecimento da cidadania por direito de sangue só valem para duas gerações nascidas fora da Itália. “Infelizmente houve ao longo dos anos abusos e pedidos de cidadania que iam além do verdadeiro interesse pelo nosso país”, disse em março o vice-premiê Antonio Tajani. “Ser cidadão italiano não é uma brincadeira para ter no bolso o passaporte e fazer compras em Miami.”

A nova regra terá sua legitimidade avaliada pela Corte Constitucional em março de 2026.

também no norte da Itália. Ele é apontado como proprietário de um dos imóveis utilizados como residência fictícia para seus compatriotas. Para os investigadores, Garana atuava com uma mulher de origem albanesa na organização do esquema.

A dupla, segundo a apuração, indicava à prefeitura as duas casas em Moggio Udinese como de moradia dos brasileiros, chamados nos autos de “clientes”. Depois, entregava em nome deles a documentação para obter a cidadania italiana, incluindo formulários com sinais de falsificação, e ajudava os clientes a organizar viagens breves para a Itália. Os dois mantinham relações “pessoais e constantes” com funcionários da prefeitura, ainda segundo a Promotoria.

Um indício de que as moradias na cidade eram simuladas, diz o Ministério Público, é que a documentação entregue à prefeitura continha “falsificações grosseiras” e “prazos incongruentes”. Foram identificados casos em que a emissão do código fiscal (equivalente ao CPF) ocorreu antes de os brasileiros chegarem à Itália, além de pedidos de cidadania sem data e com assinaturas “claramente falsificadas”.

Os policiais identificaram ainda contratos de aluguel trimestrais com assinaturas de inquilinos falsificadas e com datas de assinatura e registro anteriores à suposta chegada dos brasileiros.

Na outra ponta do esquema, funcionários da prefeitura são suspeitos de forjar fiscalização da presença dos brasileiros nas duas casas apontadas como moradia. Um dos requisitos para a obtenção do certificado de residência é a vistoria in loco de um agente. “Alguns [brasileiros] foram até checados, mas a grande maioria não”, diz o promotor Milillo.

Caso se tornem réus, os investigados responderão por crime de falsidade ideológica em documentos públicos. A pena é de um a seis anos de prisão, mas o agravante da reincidência pode triplicar a sanção.

A *Folha* procurou Garana e seu advogado, mas não obteve retorno. A reportagem encontrou nas redes sociais perfis em seu nome, nos quais ele aparece como “gerente geral” da empresa Cidadania Italiana Garana, em atividade desde 1997. O site está fora do ar, e um número de telefone italiano consta como inexistente. No Facebook, ao lado do nome aparece a inscrição “adeus”. Um dos advogados identificados na notificação do Ministério Público como defensor de Garana disse que não atua mais na área e indicou outro profissional. Em diversas tentativas, esse segundo advogado não atendeu ao telefone do escritório nem respondeu por e-mail.

Quem não mora na Itália deve encaminhar o pedido de cidadania por direito de sangue ao consulado do país em que vive. Diante de filas que chegam a dez anos, como na representação em São Paulo, passar um tempo no país europeu como morador se tornou uma alternativa para agilizar o processo, que, pelas regras, costuma levar cerca de seis meses.

Continua na pág. A21

Continuação da pág. A20

Chamada de reconhecimento de cidadania por via administrativa, essa modalidade de residir por um tempo na Itália é regulada por normas do Ministério do Interior. Segundo circular de 1991, a condição de cidadão italiano deve ser “certificada pelo prefeito do município de residência”, e o procedimento só pode ser iniciado se o interessado estiver “registrado no cadastro da população residente”.

Quando alguém chega para morar na Itália ou muda de endereço internamente, precisa se registrar ou atualizar os dados na prefeitura. A comprovação oficial de endereço —exigida, por exemplo, para outros documentos ou acesso a serviços públicos— é feita com um certificado emitido pela prefeitura ou pelo Ministério do Interior.

A atual gestão de Moggio Udinese não está envolvida. A prefeita, Martina Gallizia, não quis dar entrevista. “Como a investigação está em andamento, prefiro não dar declarações”, escreveu por e-mail.

Para o promotor Melillo, o esquema poderia ter ocorrido em qualquer outra cidade pequena. “Elas têm menos funcionários e menos possibilidades de checagem interna.” A denúncia da Promotoria e uma possível abertura de processo na Justiça devem ocorrer nos próximos meses.

Lista tem 19 brasileiros com mesmo sobrenome

Na lista daqueles que tiveram a cidadania reconhecida com essa modalidade, a reportagem identificou 19 brasileiros que seriam de uma mesma família, todos com sobrenome Flores ou Florezi. São três gerações, com idades hoje de 6 a 71 anos.

No caso de 10 dos 19 nomes, as datas de declaração de residência e de inscrição na lista de moradores da prefeitura de Moggio Udinese são exatamente as mesmas dos pedidos da cidadania italiana, todas em 2019. A primeira pessoa teria sido registrada em janeiro, outras quatro em julho (todas no mesmo dia) e outras cinco em dezembro daquele ano (também em um só dia).

Oito nomes na lista eram menores à época, o que sugere que seriam filhos dos adultos que obtiveram a cidadania e, por isso, teriam obtido o reconhecimento de forma automática.

Na média, as pessoas de sobrenome Flores ou Florezi conseguiram o certificado do status de cidadão italiano cinco meses após a data da declaração da suposta residência em Moggio Udinese. Com esse papel em mãos, eles podem fazer outros documentos, como o passaporte. Poucos meses depois, a residência desses brasileiros foi transferida para o exterior —os autos da investigação não indicam para onde.

A Folha falou por telefone e trocou mensagens com uma integrante da família que mora em São Paulo. Ela não quis dar entrevista e disse que o processo de cidadania foi feito de forma idônea. Tampouco respondeu a uma lista com 21 perguntas enviada pela reportagem sobre como foi o processo.

Beneficiados podem perder cidadania italiana, diz advogada

MILÃO Os brasileiros que obtiveram a cidadania italiana após se beneficiarem de suposto esquema de residência fictícia na cidade de Moggio Udinese podem ter o reconhecimento anulado, se comprovada a fraude.

A cidadania por direito de sangue em geral não pode ser revogada —ao contrário do que ocorre com outras modalidades, como a obtida por casamento, que pode ser cancelada em caso de crimes graves—, mas existe margem para contestação judicial e administrativa, por meio da prefeitura.

Segundo a advogada italiana Celeste Di Leo, há casos na jurisprudência recente do país em que o processo de obtenção da cidadania foi considerado nulo justamente por comprovantes oficiais de residências baseados em falsificações ou fiscalização forjada dos requisitos.

Em 2019, o Tribunal de Milão decidiu que, sem a condição fundamental da moradia na cidade onde foi feito o pedido da cidadania, a “competência funcional da prefeitura” também foi perdida. “Como consequência, as medidas de reconhecimento da cidadania foram consideradas nulas e sem efeito”,

disse Celeste, do escritório milanês Canella Camaiora.

“A declaração de nulidade da medida administrativa de reconhecimento tem o efeito de privá-la de qualquer efeito jurídico desde a origem, levando à conclusão de que o requerente nunca adquiriu o status de cidadão”, afirmou.

Especificamente sobre o caso de Moggio Udinese, a advogada diz que os caminhos para a anulação do reconhecimento da cidadania seriam dois.

No primeiro cenário, o próprio município pode emitir, em regime de autotutela, uma ordem de retirada dos registros civis e do reconhecimento da cidadania dos brasileiros. Moggio Udinese tem nova prefeita desde 2024 —os casos investigados teriam ocorrido no mandato anterior.

Uma segunda opção seria o Ministério Público de Udine, atual responsável pela investigação, apresentar uma ação civil para buscar o cancelamento formal dos certificados de cidadania e das transcrições das certidões de nascimento do registro civil, documentos que são ponto de partida para a obtenção do passaporte italiano. **MO**



Partido governista vence eleição no Kosovo

Homem beija carro com foto do premiê Albin Kurti —ele conquistou mais da metade dos votos e abriu caminho para que um governo possa ser formado no Parlamento após impasse de um ano

Valdrin Xhemaj/Reuters

Argélia faz da memória política externa

Parlamento aprova lei que classifica colonização francesa como crime

Bianca Santana

Doutora em ciência da informação, mestra em educação e jornalista. Autora de “Quando me Descobri Negra”

Na véspera do Natal, o Parlamento argelino aprovou uma lei que classifica o domínio colonial francês como crime, exigindo desculpas oficiais e reparações por parte da França. A legislação caracteriza as execuções, a tortura, os testes nucleares, o saque de recursos naturais, dentre outros, praticados de 1830 a 1962, como crimes imprescritíveis. O texto prevê sanções contra a glorificação do colonialismo e reforça demandas antigas, como a devolução de arquivos, artefatos culturais e restos mortais levados à França. Apesar de não ter efeito no direito internacional, há peso político na ação.

Em 2024, em uma passagem por Argel, tive a oportunidade de testemunhar o quanto a memória colonial é viva por lá. As cenas do clássico “A Batalha de Argel”, filmadas na Kasbah —centro histórico árabe, bem próximo dos edifícios imponentes de arquitetura francesa, de frente para o Mediterrâneo—, ofereciam uma chave de leitura não apenas do passado, mas do presente argelino.

O Museu Nacional do Mujahid, que não pode ser filmado nem fotografado, exibe maquetes em tamanho real das práticas de tortura empregadas pelo Exército francês. O Memorial dos Mártires marca a paisagem de Argel e homenageia os mais de 1 milhão de mortos da guerra de independência.

Há também franceses que reconhecem e se contrangem com a brutalidade do colonialismo na Argélia. Em 2004, ainda estudante em Paris, tive a oportunidade de conversar por muitas tardes com Monsieur André Lafitte, cuidador de idosos, que havia servido pelo lado francês na guerra da Argélia. Ele relatava, com pesar, as violências que havia testemunhado e praticado.

Transformar essa memória colonial, tão viva, em instrumento de política externa, merece especial atenção neste momento, quando as relações Argel-Paris atravessam uma das fases mais tensas desde a independência argelina.

O apoio francês ao plano marroquino para o Saara Ocidental foi interpretado pela Argélia como uma ruptura do equilíbrio histórico que a França dizia almejar para o Magreb. Para Argel, que apoia a autodeterminação do povo saaraui e a Frente Polisário, a mudança francesa significou alinhar-se a Rabat em uma das questões mais sensíveis da geopolítica regional.

Em abril, Argélia e França expulsaram diplomatas de ambos os países depois que autoridades francesas detiveram um funcionário consular argelino no contexto da investigação sobre o sequestro do blogueiro Amir Boukhors, crítico a Argel. Embaixadores foram convocados, e os mecanismos de cooperação foram temporariamente suspensos.

É nesse contexto que a nova lei ganha densidade política. Ao tipificar juridicamente a colonização como crime, o Estado argelino institucionaliza o posicionamento que há anos orienta sua diplomacia.

A reação francesa foi de desconforto. Autoridades reiteraram a disposição ao diálogo sobre memória, mas classificaram a lei como um gesto hostil em um momento de tensões acumuladas. Paris tem resistido a pedidos de desculpas formais, embora Macron já tenha reconhecido a brutalidade do sistema colonial e seus efeitos duradouros.

Vale lembrar que a Argélia é fornecedora estratégica de gás para a Europa. E que a França concentra uma das maiores diásporas argelinas.

mun

Trump pressiona Zelenski, mas acordo não sai

Segundo Kremlin, EUA e Rússia farão grupos de trabalho para discutir paz; líder americano evita dar prazos

Igor Gielow

SÃO PAULO A mais recente rodada de negociações para encerrar a Guerra da Ucrânia acabou em novo impasse, com o presidente Volodimir Zelenski pressionado pelo anfitrião Donald Trump na Flórida —mas negando um acordo acerca das perdas territoriais para Vladimir Putin.

Os dois líderes se encontraram para um almoço de trabalho em Mar-a-Lago, o resort que serve de residência a Trump na Flórida. “É bem melhor que a Casa Branca”, brincou Trump na entrevista que ambos concederam, marcada por um tom agridoce para o ucraniano.

Se ele não foi admoestado como no notório encontro de fevereiro passado, teve de ouvir considerações que serão tomadas como ofensas em casa.

“O presidente Putin quer a paz. (...) A Rússia quer que a Ucrânia seja bem-sucedida, e Putin foi bastante generoso”, declarou o americano, ao citar a oferta de energia russa para os invadidos em 2022.

Zelenski riu amarelo. Ainda é incerto o quanto avançaram, mas o fato é que Trump havia passado uma hora e 15 minutos ao telefone com Putin antes de receber o ucraniano.

“Estamos nas etapas finais das conversas”, afirmou Trump ao lado de Zelenski antes do encontro. “Mas eu não tenho prazos finais”, completou, fugindo da armadilha de ultimatoss dados aos dois beligerantes em outras ocasiões. Ambos conversaram com líderes europeus após a reunião, e o ucraniano afirmou que Trump deve sediar um encontro com eles em Washington em janeiro.

Comentando a conversa, o assessor presidencial russo Iuri Uchakov, um dos principais negociadores do tema Ucrânia, disse que Trump concorda com Putin acerca da necessidade de um acordo completo, sem haver uma trégua temporária para discussões posteriores relacionadas a



Zelenski e Trump se olham durante encontro em Mar-a-Lago, na Flórida Joe Raedle/Getty Images/AFP

Regiões da Ucrânia anexadas pela Rússia

- Península anexada pela Rússia em 2014
- Regiões anexadas pela Rússia, reivindicadas em minuta de 2025
- Áreas hoje controladas pelos russos



questões territoriais.

Além disso, sugeriu a extensão das negociações com a formação de dois grupos de trabalho, um sobre justamente a perda de terras por Kiev, e outro para trabalhar questões econômicas.

Trump disse que “cobrimos talvez 95%” dos 20 pontos apresentados por Zelenski em reação ao programa de 28 itens que havia sido entregue inicialmente pelos Estados Unidos, a partir de um trabalho conjunto com Moscou.

O texto inicial era francamente favorável ao Kremlin, enquanto o atual atende a boa parte das demandas de Kiev para o fim da guerra. Há vários pontos que a Rússia já disse não aceitar, como o congelamento das linhas de batalha como estão para daí negociar concessões territoriais.

Putin quer todos os territórios que anexou ilegalmente em 2022, fazendo questão publicamente da totalidade do Donbass, composto pela já 100% russa Lugansk e por Donetsk, a joia da coroa da região, que está cerca de 80% ocupada, de acordo com sites de monitoramento da guerra.

Os EUA propuseram, nas semanas de negociação com os ucranianos e russos, de forma separada, que a parte de Donetsk sob controle de Kiev seja desmilitarizada. Moscou afirmou que aceitaria o plano desde que o policiamento e controle da região fossem feitos por forças suas —o que Zelenski continua rejeitando.

De todo modo, o presidente ucraniano disse que, se não houver acordo sem perdas, ele terá de fazer uma consulta popular sobre o que for decidido com Trump. Mesmo isso é incerto, pois ao fim depende de combinar com os russos.

Mais cedo, buscando reforçar sua posição, a Rússia havia anunciado uma série de triunfos militares no leste do país que invadiu em 2022. Foram seis localidades tomadas, inclusive a simbólica Mirnohrad, que tentava resistir havia três meses. Kiev buscou relativizar as perdas.

AMÉRICA DO SUL

Seis pessoas, incluindo um bebê, morrem em ataque a tiros no Equador

QUITO | AFP Seis pessoas, incluindo um bebê de cerca de dois anos, morreram em frente a uma praia turística no Equador durante um ataque armado com fuzis. Outras três pessoas ficaram feridas, informou a polícia neste domingo (28).

O ataque ocorreu na cidade de Puerto López, na província de Manabí, destino popular para a observação de baleias. O atentado aconteceu em meio a uma onda de violência neste fim de semana que deixou ao menos nove mortos, segundo a imprensa local.

Por volta das 9h locais (11h de Brasília), vários homens arma-

dos com fuzis automáticos, que se deslocavam em uma camionete e duas motos, abriram fogo contra um grupo de pessoas que se encontrava no local.

Após os disparos, os suspeitos fugiram, disse o coronel William Acurio, comandante da polícia na região. A polícia ainda investiga o paradeiro dos criminosos e as circunstâncias do ataque.

Indícios apontam para “disputas internas entre estruturas criminosas”, disse a polícia em comunicado. O presidente do Equador, Daniel Noboa, defende uma política linha-dura contra o crime organizado, mas a violência não cessa no país.

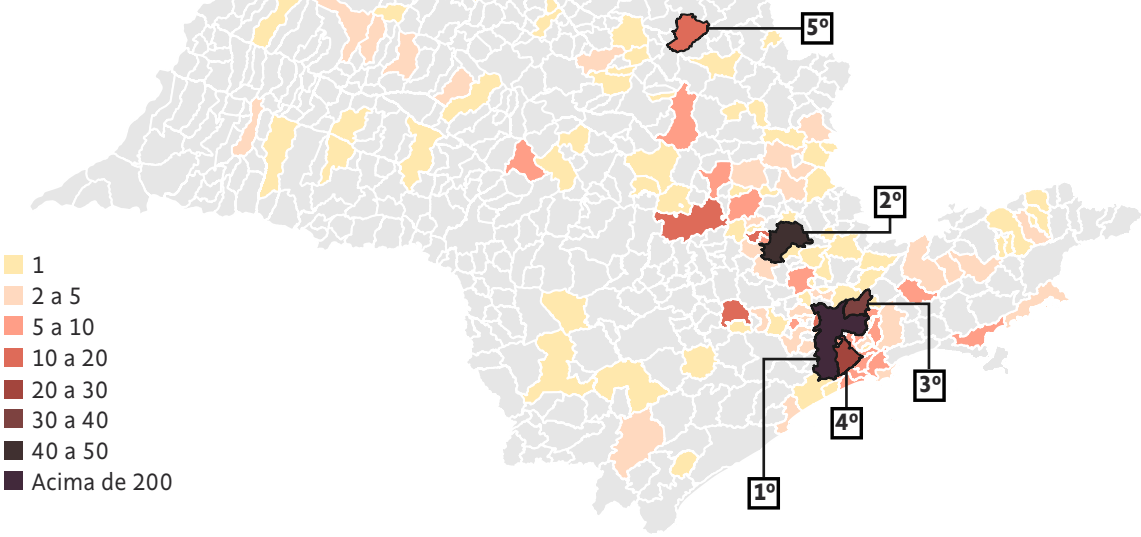


Eleição será ‘livre e justa’, diz chefe da junta militar de Mianmar

Min Aung Hlaing, líder da junta, mostra dedo com tinta após votar, em Naypyidaw; observadores internacionais criticam processo conduzido por militares —país sofreu golpe em 2021 Sai Aung Main/AFP

Letalidade policial em SP

Mortes por município, de janeiro a outubro de 2025

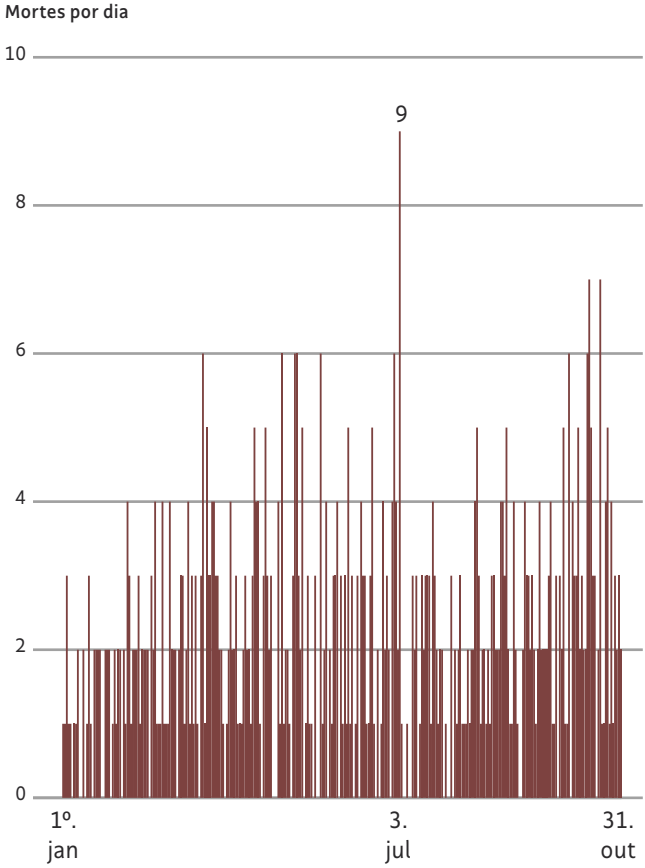


1º	São Paulo	202
2º	Campinas	41
3º	Guarulhos	33
4º	São Bernardo do Campo	24
5º	Ribeirão Preto	18

Números incluem mortes provocadas por policiais militares e civis, em serviço e de folga; 2 mortes ocorreram em uma ação da Polícia Federal em São José do Rio Preto

Fonte: Secretaria de Segurança Pública de São Paulo

Violência policial ao longo do ano em SP*



*Para 21 casos que não continham informação sobre data da morte, foi considerada a data de registro da ocorrência

SP tem 2º maior índice de mortes pela polícia dos últimos cinco anos

Letalidade policial aumentou 69% entre 2023 e 2025, considerando os meses de janeiro a outubro; imagens de homens rendidos mortos por PMs marcaram o período

Tulio Kruse

SÃO PAULO Policiais militares e civis mataram 650 pessoas no estado de São Paulo de janeiro a outubro de 2025. Foi o segundo maior número de mortes provocadas por agentes de segurança nos últimos cinco anos —perde só para 2024, marcado pela Operação Verão, que teve um saldo oficial de 56 mortos e se tornou a ação mais letal da história da PM paulista desde o Massacre do Carandiru.

Os números mostram que, no governo Tarcísio de Freitas (Republicanos), houve inversão na tendência de letalidade policial no estado. A gestão anterior, de João Doria (ex-PSDB), viu redução de 54% nas mortes provocadas por agentes de segurança de 2020 a 2022.

No período equivalente sob Tarcísio, houve alta de 69% na letalidade policial, considerando os meses de janeiro a outubro nas duas comparações —os dados de novembro de 2025 ainda não foram divulgados. Os números incluem casos em que os policiais estavam tanto em serviço quanto de folga. Antes de o governador assumir o mandato, a estatística estava no patamar mais baixo dos últimos 20 anos.

Questionada, a SSP (Secretaria de Segurança Pública) disse que “todas as ocorrências dessa natureza são rigorosamente investigadas pelas Polícias Civil e Militar, com acompanhamento das corregedorias, do Ministério Público e do Poder Judiciário” e que “desde 2023, mais de 1.200 agen-

tes foram presos, demitidos ou expulsos por desvios de conduta”.

Casos em que policiais mataram pessoas desarmadas, que não ofereciam risco, tiveram desfechos diferentes no ano. Em julho, o marceneiro Guilherme Dias Santos Ferreira, 26, foi morto com um tiro pelas costas enquanto corria para pegar um ônibus. Ele saía do trabalho, numa fábrica de móveis em Parelheiros, zona sul de São Paulo.

O PM Fabio Anderson Pereira de Almeida, que estava de folga e disse ter confundido Guilherme com um assaltante, foi preso mais de um mês após o crime e ficou menos de duas semanas detido. A decisão da Justiça que o liberou levou em conta, como atenuantes, que ele era réu primário, tinha emprego e residência fixa.

Mas houve prisões em flagrante de PMs filmados pelas próprias câmeras corporais atacando pessoas desarmadas. Em junho, um morador de rua foi morto com tiros de fuzil após ficar mais de uma hora rendido pelos policiais.

Um tenente e um soldado foram presos mais de um mês depois, após a Corregedoria analisar as imagens. Eles alegaram que a vítima havia tentado arrancar uma arma das mãos de um policial. A gravação o mostra se movendo com calma e aparentemente obedecendo às ordens dos PMs.

Em julho, uma perseguição policial na favela de Paraisópolis, na zona sul, terminou com a morte de um suspeito que estava com as mãos para cima. A morte de Igor Oliveira de Moraes Santos, 24, re-

voltou a comunidade: ruas foram fechadas, lixeiras queimadas, veículos de imprensa destruídos e carros tombados por vândalos em protesto contra o assassinato.

Os detalhes de funcionamento das câmeras corporais da PM —que mudaram com a compra de novos equipamentos na gestão Tarcísio— foram essenciais para a colheita de provas nos dois casos. A morte do morador de rua Jeferson de Souza Santos, 23, só foi filmada porque o modelo antigo, da fabricante Axon, grava em modo contínuo e sem som mesmo que o policial não a acione. Há imagens da morte de Jeferson, mas não há áudio.

No caso de Paraisópolis, o flagrante ocorreu por causa do acionamento remoto, que só há nas câmeras novas da PM, fabricadas pela Motorola. Quando uma câmera é acionada manualmente, ativa todas num raio de 20 metros.

Foi o que ocorreu na favela paulistana. A câmera que filmou a morte de Igor com os braços levantados foi ativada com a aproximação de outro equipamento.

Os dados mostram que as regiões de Ribeirão Preto, Campinas e Piracicaba, no interior paulista, e os municípios São Bernardo do Campo e Guarulhos, na região metropolitana da capital, tiveram os maiores aumentos de letalidade policial em 2025, em comparação com o ano passado.

“É o que a gente chama, aqui na ouvidoria, de interiorização das mortes”, diz o ouvidor das polícias, Mauro Caseri. Ele afirma que o órgão está analisando as ocorrên-

O governo, de alguma maneira, aceita que esses excessos sejam feitos em nome da ordem pública, da tranquilidade etc. E eles não só pensam assim, mas muitas vezes sentem que há apoio popular

Sérgio Adorno
coordenador científico do Núcleo de Estudos da Violência da USP

É preciso investigar se houve preservação do local, se as câmeras corporais foram utilizadas. Você tem um conjunto de tecnologias que poderiam nos levar a uma conclusão mais efetiva dos casos que não são respeitadas

Mauro Caseri
ouvidor das polícias

cias para entender se a letalidade policial tem relação com o comportamento do crime organizado.

Segundo ele, o índice alto de mortes preocupa e é necessário discutir a qualidade das provas coletadas em investigações contra policiais. Não raro casos com evidências de abuso do uso da força pela polícia acabam com absolvições na Justiça, afirma.

“É preciso investigar se houve preservação do local, se as câmeras corporais foram utilizadas. Você tem um conjunto de tecnologias que poderiam nos levar a uma conclusão mais efetiva dos casos que não são respeitadas”, diz.

A SSP afirmou que todos os protocolos operacionais “são revisados rotineiramente” e que investe em equipamentos de menor potencial ofensivo, “como as 3.500 armas não letais incorporadas ao arsenal das polícias, e na ampliação do uso das Câmeras Operacionais Portáteis (COPs) da Polícia Militar, cuja implementação segue rigorosamente o acordo no Supremo Tribunal Federal (STF)”.

A pasta diz ainda que o estado registrou 1.061 mortes em confrontos com policiais em serviço nos últimos dois anos, “redução de quase 25% em relação aos primeiros anos da gestão anterior”.

Para o coordenador científico do Núcleo de Estudos da Violência da USP, Sérgio Adorno, há contaminação crescente na segurança pública —que deveria ter uma gestão técnica— pela política.

“O custo político de ser condescendente com a letalidade é baixo, porque não há cobrança. Quem cobra são setores politizados da sociedade, ligados aos direitos humanos, e as áreas de pesquisa que mostram que esse tipo de política não resolve o problema da segurança”, diz. “O governo, de alguma maneira, aceita que esses excessos sejam feitos em nome da ordem pública, da tranquilidade etc. E eles não só pensam assim, mas muitas vezes sentem que há apoio popular.”

No litoral do RS, dunas móveis invadem casas e desafiam urbanização

Ocupação da orla interrompeu fluxo natural da areia, agravando problema em cidades como Cidreira e Imbé

FOLHA VERÃO

Carlos Villela

PORTO ALEGRE Encontrar areia todo dia depois de varrer a casa não era algo estranho para a funcionária pública aposentada Vanda Rodrigues, 67, moradora do litoral norte do Rio Grande do Sul há quase três décadas. Entretanto, desde quando se mudou há oito anos com o marido para o balneário de Costa do Sol, em Cidreira, a escala da faxina aumentou como nunca.

“Como na época só tinha uma cerquinha de madeira, cada vento jogava areia para dentro do nosso pátio. Muita areia, de tirar quantidades em carrinho de mão. Era dentro de casa, era para todo lado”, conta ela. A solução encontrada foi erguer um muro de contenção de cinco metros de altura para impedir que sua casa fosse engolida.

Ter um muro tão alto quanto ou maior que a própria casa foi o caminho adotado por quase toda a comunidade da Costa do Sol, vizinha de um extenso campo de dunas com aproximadamente 10 km de extensão e em constante movimento.

“Eu faço caminhada quase todos os dias pela manhã com meus cachorros, e a cada dia eu noto uma diferença nelas. Um dia uma está mais alta, depois baixou, onde não tinha duna agora tem.”

Hoje, acrescenta ela, o problema é maior em imóveis de veranistas, que passam períodos curtos de dezembro a março, voltam para suas cidades e não retornam para fazer limpeza ou manutenção.

“Muitas casas que também têm as dunas de fundo já soterraram ou não existem mais porque os donos não cuidaram”, diz Vanda.

Também moradora da Costa do Sol, a comerciante Ivone Carneiro, 42, afirma que a expansão desregrada de ruas no passado e as habitações irregulares agravaram o problema.

“As pessoas se arriscam, constroem em cima de lugares que não é certo fazer. As dunas não prejudicam ninguém, é o contrário, as pessoas que prejudicam as dunas”, explica Ivone.

A movimentação da areia é um fenômeno enfrentado há décadas em outras cidades gaúchas como Balneário Pinhal, Osório e Palmares do Sul. Em trechos da orla de Tramandaí, as dunas já atingiram o segundo andar de algumas residências e soterraram parcialmente os imóveis perto da praia.

“Não é todo lugar em que você constrói a sua casa que o terreno se move. Normalmente, o terreno é estático. Mas onde você tem du-

nas, se movimenta”, diz o professor de oceanologia da UFRGS Gerson Fernandino de Andrade Neto.

Ele diz que o desenvolvimento urbano no território, que tem alta incidência de dunas na orla e em trechos de terra firme, entrou no caminho da corrente de vento característica da região — o “Nordestão”, como é chamado pelos habitantes do litoral do estado.

“As cidades começaram a se desenvolver por cima desses campos de dunas e passaram a interromper, ou pelo menos ficar no meio desse trânsito de sedimentos que antes livremente se deslocavam por aqui”, diz Gerson.

Ele afirma que essas cidades precisam considerar os impactos de novas obras de construção civil e expansão da zona urbana no fluxo natural da areia. O litoral norte teve alta populacional de 32% de 2010 a 2022, segundo o IBGE, com crescimento acentuado após a pandemia de Covid-19.

As prefeituras do litoral não têm autonomia para intervenções por serem APPs (áreas de preservação permanente), mas podem fazer ações como plantio de vegetação nativa para ajudar na fixação das dunas e manejo controlado, permitidas pela legislação e por normativas do Conama (Conselho Nacional do Meio Ambiente) sobre o tema.

Todos os municípios devem ter um plano de manejo de dunas e submetê-lo à Fepam (Fundação Estadual de Proteção Ambiental).

Em Imbé, equipes fazem limpeza regular com pás, enxadas e vasouras, chegando a retroescavadeiras e caminhões-caçamba segundo o caso, conta o secretário de meio ambiente do município, Gilcimar Amando.

Com a proximidade do verão e dos turistas, o serviço é intensificado para diminuir o acúmulo sobre ruas, calçadas e áreas de intensa circulação de pessoas.

O secretário diz que restos das dunas retirados são usados em obras municipais, pois não podem ser devolvidos à natureza. “Não tem como recolher a areia [na rua] sem ter algum resíduo que não era dela. Se põe no lugar, pode afetar a fauna natural.”

A prefeitura aguarda licenciamento para iniciar uma obra de cercamento de dunas com toras de madeira para cercear os “caminhos de rato”, atalhos feitos pelos banhistas que alteram as dunas.

Nos casos de soterramento parcial de imóveis, Gilcimar diz que a manutenção cabe aos donos. “A gente não pode retirar a duna porque ela vai ou não invadir o espaço do município. A duna é uma proteção, uma barreira natural e impede o mar de avançar para dentro da cidade.”



Ciclone de dezembro foi problema a mais

A perda da barreira das dunas é outro desafio urbano no litoral gaúcho: o ciclone que atingiu a cidade no começo de dezembro diminuiu o tamanho de muitas dunas, diz o secretário Gilcimar Amando.

A força da tempestade destruiu mais de dez quiosques e chegou ao portão de residências à beira-mar. Além disso, prejudicou o crescimento de mudas de erva-de-bicho, plantadas para estabilizar as dunas a longo prazo.

“Uns ficam preocupados porque a areia vem para dentro da cidade, e os que têm casas na orla da praia têm medo de a areia sair do fundo da casa deles, porque depois o mar vai invadir”, afirma Gilcimar.



As pessoas se arriscam, constroem em cima de lugares que não é certo fazer. As dunas não prejudicam ninguém, é o contrário, as pessoas que prejudicam as dunas

Ivone Carneiro
comerciante e moradora da Costa do Sol



A duna é uma proteção, uma barreira natural e impede o mar de avançar para dentro da cidade

Gilcimar Amando
secretário de Meio ambiente de Imbé (RS)



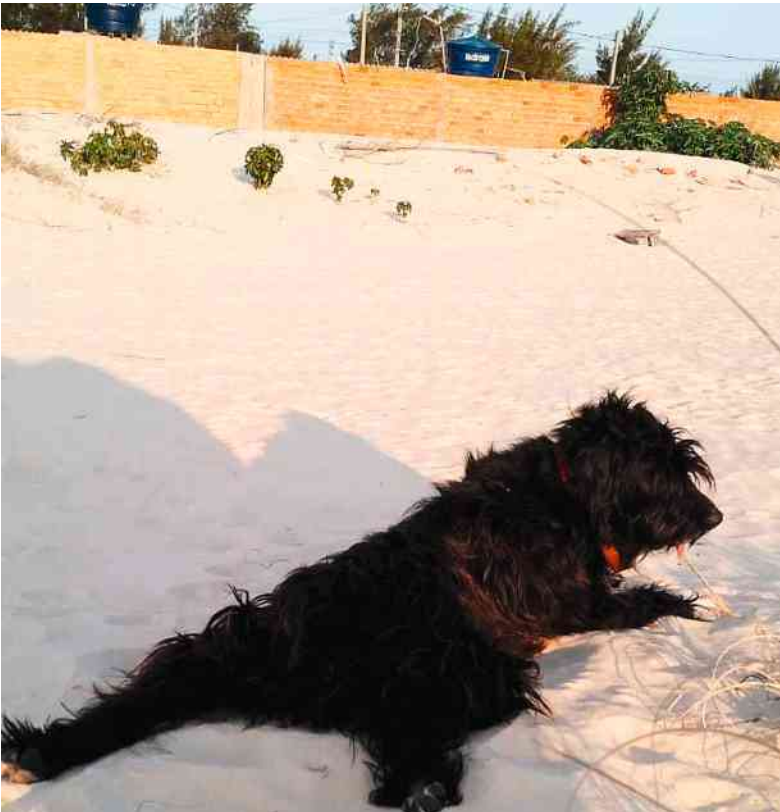
Areia avança sobre estrutura de quiosque na praia da Costa do Sol em Cidreira, no litoral norte do Rio Grande do Sul

Brenda Fernández/Folhapress



Na praia de Costa do Sol em Cidreira, moradores levantam muros para tentar conter o avanço da areia

Fotos de Vanda Rodrigues/Folhapress



Cachorro descansa em duna em frente a casas cujos moradores, na Costa do Sol, em Cidreira, construíram muros de até cinco metros de altura



O Gato da Cidade, que se autointitula o herói que protege Nova Iguaçu (RJ) Leonardo Coelho/Folhapress

‘Heróis’ fantasiados ganham as ruas e as redes com humor, ações sociais e polêmica

Personagens acumulam fãs ao publicar vídeos salvando gatinhos ou denunciando problemas nas cidades e dizem sofrer ameaças

Matheus de Moura e Leonardo Coelho

RIO DE JANEIRO Nas ruas de Belém, Paráman é a figura que cobra de autoridades o conserto do asfalto, salva gatinhos e posta vídeos engraçados em redes sociais. No Rio de Janeiro, o Gato da Cidade denuncia a falta de segurança em passarela para pedestres e doa cesta básica a uma família carente. Pelo Brasil, pessoas criam identidades de super-heróis, trajados com fantasias, e publicam vídeos e fotos na internet onde dizem se comportar como mocinhos que salvam moradores ou mesmo como justiceiros, com símbolos dos quadrinhos e do cinema. Seguem o movimento conhecido no exterior, da sigla RLSH (real-life superhero, ou super-herói da vida real). Paráman é um dos que dizem negar a violência e optar pela abordagem amigável de prestar serviços à comunidade. Márcio do Carmo, 50, é muito fã de jogos de tabuleiro e desenvolveu a identidade de herói local há pouco menos de dez anos. “Sempre quero mostrar uma forma sadia de ser um super-herói exemplar.” Segundo ele, a comunidade de Belém o adora, pois cobra publicamente autoridades. Seu Instagram intercala vídeos de humor, em que brinca com sua autodenominada posição de herói e a graça de sua roupa precária, e vídeos nos quais tenta ajudar as comunidades locais. Entre as publicações, pede pavimentação de ruas de um conjunto habitacional. No Rio de Janeiro, uma figura se destaca entre os adeptos do heroísmo popular. Com 1,89 m de altura, quase 100 quilos, Gato

da Cidade usa armadura laranja composta por uma infinidade de polímeros leves, mas —promete ele— capazes de parar uma faca. O rapaz de 26 anos diz ser um burocrata, e buscar o anonimato por medo de represálias de criminosos e milicianos da cidade em que mora e atua: Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ex-integrante do Exército, Gato da Cidade diz nunca ter desferido um soco sequer; violência não é seu mote, uma vez que se recusa a “caçar criminosos e coisa e tal”. “Eu quero ser um exemplo para as pessoas da minha região, uma fonte de esperança”, diz. Vídeos de seu perfil no Instagram o mostram arrecadando cestas básicas para uma família vulnerável, acompanhando uma adolescente até sua casa durante a madrugada e acalmando uma pessoa em situação de rua em aparente crise psicótica violenta. Apesar das redes sociais, o temor por se expor é comum entre quem desempenha o papel. “Nenhum vigilante passa [a verdadeira identidade]”, disse o mascarado Mr. Raptor, de São Paulo. Inspirado no Gato da Cidade e no filme Kick Ass para iniciar sua jornada no caminho dos super-heróis da vida real, o vigilante de 22 anos (que também pediu o anonimato) não visa a violência. “Já ajudei umas sete pessoas em caso de furtos, brigas, bullying etc., mas nunca prendi ninguém porque isso é trabalho da polícia”, diz. Mas já sofreu ameaças de ladrões que costumavam furtar celulares no centro de São Paulo. Com o nome de Super-heróis da Vida Real (SHVR), o movimento de pessoas fantasiadas de perso-

nagens tem registros no mundo desde a década de 1980. No México de 1985, um herói chamado Superbarrió Gomez chamou atenção com uma roupa típica de lutador de luta-livre, com direito a máscara e às cores de Chapolin Colorado. Dizia defender os interesses do povo ao antagonizar políticos e as elites. Há quem arrisque se dizer justiceiro. O grupo Espectros Patriotas veicula vídeos de rondas noturnas no Youtube. Neles, mascarados abordam adolescentes, a maioria negros, nas ruas do centro do Rio, a maioria na madrugada. Em um desses vídeos, o grupo imobiliza dois adolescentes de 15 e 17 anos na região da Leopoldina. Ao ver que não tinham nada, o vigilante encapado numa bandeira do Brasil os libera após filmar seus rostos, expondo-os na internet. “Joga no grupo as imagens desses aqui. Se alguém pegar aqui é sem perdão.” Quem filma comenta no vídeo que, caso algo de errado tivesse sido flagrado, o “pau ia cantar bonito nesse cantinho aqui”. O canal, desde 2016, tem vídeos em que é comum dizerem que “puxaram a ficha corrida” daqueles alvos da ação, baseados em fatores como “estar andando sozinho na rua de forma suspeita”. Via WhatsApp, um dos membros disse que são incapazes de ver uma injustiça e ficar de braços cruzados. Ele admite o uso da força “no calor do momento” e que não querem incentivar linchamentos ou justiceiros. A Polícia Civil do Rio disse em nota que “desconhece qualquer ação relevante e estruturada desta natureza no estado”.

Conheci meu avô numa exposição

Numa noite, minha avó foi embora com os filhos; ele tentou localizá-los, em vão

Giovana Madalosso

Escritora, roteirista e uma das idealizadoras do movimento Um Grande Dia para as Escritoras

V i meu avô materno pelo primeira vez quando eu tinha 35 anos. De longe, na penumbra. E acho que só fui conhecê-lo mesmo depois de morto. Essa história daria um livro, quem sabe um dia dê um livro, mas hoje tentarei espremê-la aqui. Tudo começou em um café no centro de Curitiba. Minha avó, que não devia ter nem 18 anos, ficava por ali esperando a irmã acabar o turno de garçoneite. Num desses dias conheceu meu avô, um judeu de São Paulo, que tinha se mudado para Curitiba para fazer engenharia. Os dois se apaixonaram e meu avô se formou e se mudou com minha avó para São Paulo, mas não se casaram no papel porque ela não era judia, e a família dele não aceitava isso. Ainda assim, viveram juntos e tiveram dois filhos. Um deles, a minha mãe. Minha avó tinha um gênio daqueles. Parece que uma vez ficou brava e, com um cabo de vassoura, derrubou da prateleira todas as compotas que meu avô cozinhava. Não que a vida dela fosse fácil: ser uma mulher não casada, naquela época, e hostilizada por não ser judia devia ser ainda mais difícil do que chorar sobre o doce derramado. Talvez por isso, numa certa noite, minha avó foi embora com os filhos. Durante anos, meu avô tentou localizá-los. Finalmente conseguiu. Ele já estava casado com outra mulher. Minha avó já tinha reconstruído sua vida de uma nova maneira.

A partir de então, meu avô passou a enviar dinheiro e a se relacionar a distância com a filha. Sempre se encontravam quando minha mãe ia a trabalho para São Paulo. Quando me mudei para essa cidade, aos 24 anos, fui almoçar num restaurante judaico, administrado por senhoras da comunidade. A conta chegou e assinei o cheque. Uma das senhoras arregalou os olhos: como você tem esse sobrenome e não te conheço? Imagino a notícia se espalhando pela comunidade. Se espalharia de qualquer jeito, já que logo as redes sociais chegariam para revelar essa e tantas outras paternidades paralelas.

Morando em São Paulo, me interessei em conhecer o meu avô, mas ele já estava muito velho e não se mostrou inclinado a isso. Só fui vê-lo no leito de morte, quando resolveu me receber, com outros netos. Ele estava fraco, o quarto de hospital estava escuro e cheio de gente. Desse dia, guardo só uma feição distante na penumbra, feição que não vi no enterro, já que o caixão estava fechado e eu estava distraída com outros rostos, diversos “sangue do meu sangue” que eu via pela primeira vez. Desde então, me aproximei da família e ganhei um tio maravilhoso e três primos, um deles que amo e se tornou meu amigo. Mas o Salomão mesmo eu seguia conhecendo pouco, só por raras fotos em que aparece sempre sério, empertigado, ao lado de outras pessoas. Até que o fotógrafo Thomas Farkas teve seu trabalho exibido em uma exposição. Uma de suas fotos mostra dezenas de homens numa rua da cidade, comemorando o fim da Segunda Guerra. No centro da foto, em primeiro plano, sob a chuva de papel picado, está o meu avô. Como eu nunca tinha visto. Olhando para a câmera, flagrado, desalinhado, aliviado pelo fim da guerra que matou os seus. Tão humano, tão vivo, tão vulnerável, tão próximo, a ponto de eu finalmente lhe sussurrar cara a cara: muito prazer.

DOM. Antonio Prata SEG. Becky S. Korich / Giovana Madalosso TER. Vera Iaconelli QUA. Ilona Szabó de Carvalho / Jairo Marques QUI. Sérgio Rodrigues SEX. Tati Bernardi SÁB. Oscar Vilhena Vieira / Luís Francisco Carvalho Filho



Homem se refresca com água no parque Augusta, no centro de São Paulo, neste domingo (28) Rafaela Araújo/Folhapress

São Paulo bate recorde de calor para dezembro com 36,3°C neste domingo

Após período de altas temperaturas, capital paulista tem alerta de tempestade nesta segunda (29); aviso vale para todo o estado, Paraná e boa parte de Santa Catarina

Clayton Castelani e
Fábio Pescarini

SÃO PAULO A cidade de São Paulo alcançou na tarde deste domingo (28) a maior temperatura deste ano e também o dia mais quente já registrado em um mês de dezembro desde o início das medições, em 1943. A estação meteorológica convencional do Inmet (Instituto Nacional de Meteorologia) no Mirante de Santana (zona norte) apontou 36,3°C às 15h. Essa nova marca é anotada apenas dois dias após a capital paulista ter marcado o recorde anterior para o mês e para o ano, na sexta

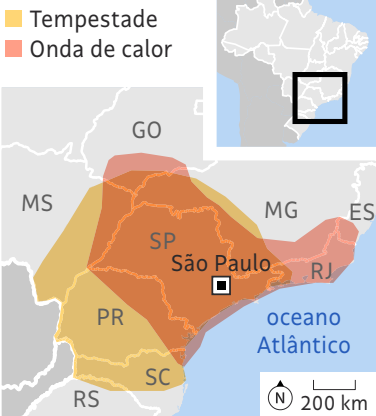


Quais cuidados tomar em dias de calor extremo

- Beba água regularmente, mesmo sem sentir sede
- Evite exposição ao sol entre 10h e 16h, período de maior radiação solar
- Use roupas leves e de cores claras, que facilitam a transpiração
- Evite álcool e alimentos pesados, que dificultam a digestão

ta (26), com 36,1°C. Antes disso, a mais elevada temperatura para dezembro havia sido aferida em 3 de dezembro de 1961 (35,6°C). As informações sobre o recorde de calor foram conferidas a pedido da Folha pelo meteorologista do Inmet Franco Nadal Villela, um dos responsáveis por acompanhar a estação de Santana. Nessa mesma estação, a medição automática das 16h apontou calor ainda maior neste domingo, de 37,2°C. As estações convencionais e automática do Mirante de Santana são oficiais. O registro histórico é mais adequado quando considerado o sistema con-

Alertas climáticos para esta segunda (29)



Fonte: Inmet

vencional, que é o instrumento utilizado desde o início da série. O registro convencional, porém, requer a conferência de um funcionário do instituto, e essa apuração manual pode resultar em lacunas. A anotação do último dia 25, por exemplo, não está acessível no sistema de consulta do Inmet. Durante a pandemia de Covid, a estação convencional também ficou por aproximadamente um ano sem ter suas medições registradas, segundo Villela. No sábado, o Inmet emitiu um alerta de grande perigo para uma onda de calor que atinge 1.284 municípios no Brasil. A área sob o aviso vermelho abrange os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, o norte do Paraná e o sul de Minas Gerais e Espírito Santo. A categoria, que é a terceira e a mais grave do instituto, segue até esta segunda-feira (29). Com a aproximação de uma frente fria, que leva chuvas ao Sudeste no início da semana, pode haver mudança nos termômetros, embora o tempo continue quente. Após um período de calor extremo, os últimos dias de dezembro deverão ser chuvosos e com riscos de alagamentos nesta segunda. Os paulistanos devem ficar atentos para raios, rajadas de vento acima dos 50 km/h e queda de granizo em pontos isolados, segundo o CGE (Centro de Gerenciamento de Emergências) da Prefeitura de São Paulo. Entre as consequências esperadas pelo órgão municipal estão quedas de árvores e falhas no fornecimento de energia. O Inmet também emitiu alerta para risco potencial de tempestade em todo o estado. Paraná e boa parte de Santa Catarina estão incluídos no aviso. Nesta segunda, o amanhecer será com sol, nebulosidade variável e probabilidade de pancadas isoladas de chuva com baixo volume. À tarde, a previsão é de chuva forte. A temperatura máxima deve chegar aos 31°C. Na terça (30) ainda faz calor, mas com temperaturas mais baixas do que as registradas nos últimos dias. A temperatura máxima prevista é de 29°C. A partir da tarde são esperadas pancadas de chuva de forte intensidade.

Cidades do litoral paulista competem por turistas

João Pedro Feza

SANTOS Atrair turistas com novidades: é assim que cidades dos litorais sul e norte de São Paulo competem entre si no fim de ano e início de verão. Santos, Praia Grande, Ubatuba e Caraguatatuba estão entre os municípios com programação diferenciada. No litoral sul, Praia Grande decidiu retomar o show pirotécnico no Réveillon após dois anos. No último dia do ano retrasado, balsas com fogos tombaram no mar e a atração foi cancelada. Em 2025, os 10 minutos de fogos serão sem estampidos. Nos bairros Canto do Forte, Tupi e Caiçara, disparos ocorrerão diretamente do chão —como antes de 2023. No Boqueirão, Aviação e Mirim serão lançados a partir

7,5 milhões

de turistas são esperados no litoral paulista no auge deste verão, entre dezembro e fevereiro, de acordo com o Centro de Inteligência da Economia do Turismo do governo do estado

de cubos com 15 metros de altura instalados na areia. Vinculado à Secretaria de Turismo e Viagens do estado, o Centro de Inteligência da Economia do Turismo estima que 7,5 milhões de turistas vão circular no litoral paulista no auge do verão, entre dezembro e fevereiro. Em Santos, pela primeira vez, o cantor e compositor Guilherme Arantes fará show em palco nas areias do bairro Gonzaga, a partir das 22h do dia 31. E, após contagem regressiva, dez balsas, recorde na cidade, vão disparar fogos silenciosos durante 14 minutos. Em Guarujá, a aposta é o novo projeto “Guarujá, Seu amor no Verão”. Entre as atrações, seis palcos para shows musicais gratuitos à noite, e programação esportiva e cultural durante o dia.

A prefeitura promete, ainda, queima de fogos de 20 minutos no Réveillon com três balsas: duas na Praia de Pitangueiras e uma em Astúrias. O município espera receber 1,5 milhão de visitantes. No litoral norte, Ubatuba volta a ter festival musical após dez anos. O Ubatera receberá, na região central, shows gratuitos de artistas como Thiaguinho e Nando Reis até 4 de janeiro. O horário será estendido até 2 horas da manhã no Réveillon com a DJ Bárbara Labres e expectativa de público de 1,5 milhão de pessoas. Em Caraguatatuba, a programação de fim de ano inclui shows gratuitos na Praça da Cultura e, na virada, queima de fogos silenciosos. A expectativa da prefeitura é receber 700 mil pessoas.

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse folha.com/classificados ou ligue 11 3224-4000 whatsapp 11 9 9646-9069 classifieds@grupofolha.com.br

NEGÓCIOS

COMUNICADOS

COMUNICADO
Solicitamos que o senhor SHEILA BERNARDO DE LIMA CTPS 1080621 série 7685 retorne ao trabalho ou informe eventual motivo de impedimento. Vição Campo Belo Ltda.

Cânceres de vulva e vagina matam 600 em 2025

Vacinação, testes para detectar HPV e atenção aos sintomas são medidas para tentar evitar a doença no país

SAÚDE PÚBLICA

Laiz Menezes

SÃO PAULO O estigma em torno do HPV (papilomavírus humano), transmitido principalmente por via sexual, mas também por contato pele a pele, ainda afasta muita gente da vacinação e dos consultórios, dizem especialistas. A resistência preocupa porque o HPV é o principal causador dos cânceres de vulva e vagina, que mataram 597 pessoas no SUS entre janeiro e setembro de 2025.

No mesmo período, segundo o Ministério da Saúde, foram registrados 16.559 atendimentos ambulatoriais e 2.161 internações relacionadas aos tumores. Os números correspondem a procedimentos, não a pessoas, e não há dados sobre diagnósticos.

Para Caetano da Silva Cardial, oncologista da Febrasgo (federação das associações em ginecologia), “todo tumor ligado ao HPV carrega um preconceito”.

Entre 2022 e setembro de 2025, foram 1.964 mortes por câncer de vulva no Brasil. No mesmo pe-



Profissional aplica vacina contra HPV em unidade de saúde de Belo Horizonte

Rodrigo Nunes - 9.mar.15/Divulgação MS

16.559

atendimentos ambulatoriais relacionados aos cânceres de vulva e de vagina foram realizados no SUS de janeiro a setembro de 2025

ríodo, o país teve 593 mortes por câncer de vagina. A vulva é a parte externa da genitália feminina, formada por pele e pelos; a vagina é uma mucosa interna que conecta a vulva ao colo do útero.

O câncer de vulva é considerado um tumor raro de pele e tem duas principais origens: o HPV, mais comum em mulheres entre 45 e 55 anos, e uma doença autoimune chamada líquen escleroso, que costuma afetar mu-

lheres pré-adolescentes e na pós-menopausa. O líquen escleroso não tem causa única definida. Fatores hormonais (como baixos níveis de estrogênio), predisposição genética e traumas repetidos na região também podem contribuir para o surgimento da doença. A condição causa coceira persistente e, sem tratamento, pode evoluir para câncer em até 60% dos casos, diz o oncologista. Com acompanhamento e uso de pomadas à base de corticoide, o risco cai drasticamente.

Quando identificado no início, com tumores menores que 2 cm e sem linfonodos comprometidos, a chance de cura do câncer de vulva é alta com cirurgia. Nos estágios avançados, o tratamento inclui radioterapia e quimioterapia, e a taxa de cura é reduzida.

O câncer de vagina é menos frequente, com cerca de 500 casos por ano no Brasil, e tem como causa o HPV em 90% dos registros, diz Cardial. Ocorre mais frequentemente entre 40 e 50 anos, enquanto as lesões precursoras podem aparecer a partir dos 30.

Como a vagina é um órgão com

rugos e pregas, lesões podem ficar escondidas. Muitas mulheres são assintomáticas até que o tumor cresça. Tumores menores que 2 cm e restritos à mucosa podem ser curados com cirurgia. Já tumores mais profundos ou maiores geralmente exigem radioterapia associada à quimioterapia.

Tanto no câncer de vulva quanto no de vagina, o diagnóstico precoce é decisivo. O médico reforça que mulheres, especialmente as pós-menopausa, devem procurar atendimento se tiverem coceira persistente por mais de duas semanas, feridas, sangramentos anormais ou alterações visíveis na vulva.

Rosana Richtmann, infectologista do laboratório Delboni Salomão Zoppi e Lavoisier, diz que a vacinação é a melhor forma de prevenir a doença. Ela explica que, quanto mais jovem, melhor a resposta imunológica e menor a chance de já ter tido contato com o vírus.

O projeto Saúde Pública tem apoio da Umane, associação civil que tem como objetivo auxiliar iniciativas voltadas à promoção da saúde.

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Curioso nato, foi uma referência na psicanálise

OSVALDO MARBA RIBEIRO (1932 - 2025)

Lucas Lacerda

SÃO PAULO Aos 38 anos, Osvaldo Marba, tesoureiro no Banco do Brasil e pai de três filhos, resolveu entrar na universidade. Foi fazer medicina na Faculdade de Ciências Médicas de Santos, após acumular experiência como psicólogo. Com ele, sua mulher, Elza Scazufka Marba Ribeiro, quatro anos mais nova, também psicóloga.

Os dois voltaram às salas de aula depois de já terem cursado filosofia na USP e se especializaram em psiquiatria e psicanálise. A rotina era movida pela parceria, com expediente das 8h às 18h no consultório, criando os filhos e sempre lendo muito, hábito mantido por Marba, como era conhecido.

O filho Marcos Scazufka Ribeiro, 66, psiquiatra e músico, se espanta com a determinação dos pais. “Se botar no papel, era uma coisa impossível de fazer, mas eles ainda iam em casa para almoçar.”

Nascido em Santos, litoral paulista, Marba manteve a curiosidade da infância, diz a neta Jade Mendonça Scazufka Ribeiro Machado, 44, médica e psiquiatra.

Na faculdade de medicina, era xadrez a modalidade disputada por ele em jogos universitários. Também havia sido o jogo o responsável pela aproximação dele com Elza, hoje com 89 anos, quando eles participavam de tor-



Arquivo pessoal

O QUE FAZER EM CASO DE MORTE
Serviço Funerário Municipal de São Paulo Central 156 Tel. (11) 3396-3800; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario
Anúncio pago na Folha Tel. (11) 3224-4000. WhatsApp (11) 99646-9069. Seg. a sex.: 10h às 19h.

neios na adolescência.

Por ter participado de atividades sindicais dos bancários na época do Banco do Brasil, Marba foi punido pela ditadura, que orquestrou uma ordem para que ele fosse transferido para o interior do Espírito Santo, lembra o filho. Se recusou e seguiu com Elza o orçamento da casa sem a renda do emprego, mas ficou em São Paulo. Após um processo de dez anos na Justiça, foi indenizado e usou o dinheiro, com

a mulher, para comprar a casa em Santos onde até hoje funciona o consultório da família e onde ele atendeu presencialmente até o início da pandemia.

Marba publicou cinco livros sobre psicanálise. Tinha a preocupação de proteger o caráter científico do campo. Era fascinado por viagens, sempre com Elza, filhos e netos, e pela observação da natureza.

Seu rigor rendeu reconhecimento na profissão, que manteve até recentemente, tanto em atendimentos quanto na supervisão de outros profissionais. Foi

membro fundador do Núcleo de Psicanálise de Santos e Região e membro efetivo e analista didata —responsável por formar e supervisionar outros psicanalistas— da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Leitor assíduo de jornais, manteve o hábito até seus últimos dias. Morreu em 30 de novembro, após uma parada cardíaca. Dos três filhos, perdeu Celso Scazufka Ribeiro em 2017, vítima de embolia pulmonar. Ele deixa, além de Elza, os filhos Marcos e André Scazufka Ribeiro, 58, cinco netos e cinco bisnetos.

A esposa Silvia Helena, os filhos Giovanna, José Guilherme e Leonnardo, a mãe Nancy, os irmãos Jorge e Carlos Eduardo, a cunhada Silvia e os sobrinhos José Paulo, Jorge e esposas, comunicam o falecimento do querido

JOSÉ ROBERTO CURY

ocorrido em 28/12/2025. O Velório será realizado no Funeral Home, à Rua São Carlos do Pinhal, nº376, Bela Vista - SP, dia **29/12/2025**, com início às 9:00 horas e término às 14:00 Horas, seguido de enterro no Cemitério do Araçá às 15:00 horas.

As Empresas do **Grupo Tricury, Banco Tricury e Trisul** comunicam o falecimento do seu sócio fundador

JOSÉ ROBERTO CURY

ocorrido em 28/12/2025. O Velório será realizado no Funeral Home, à Rua São Carlos do Pinhal, nº376, Bela Vista - SP, dia **29/12/2025**, com início às 9:00 horas e término às 14:00 Horas, seguido de enterro no Cemitério do Araçá às 15:00 horas.

Após ano sem título, Leila encara oposição em luta por 3º mandato

Para permanecer no poder, dirigente precisa articular mudança no estatuto do clube

Luciano Trindade

SÃO PAULO O 2025 sem títulos do Palmeiras, justamente no ano de maior investimento no futebol, fez ecoarem vozes de oposição à atual diretoria, abafadas nas temporadas anteriores com o sucesso esportivo da equipe.

Dispersos e sem grande capacidade de articulação nos últimos anos, os grupos de oposição à presidente Leila Pereira viram na falta de retorno aos cerca de R\$ 700 milhões investidos a chance de se unir para contestar o projeto da dirigente de buscar um terceiro mandato no clube.

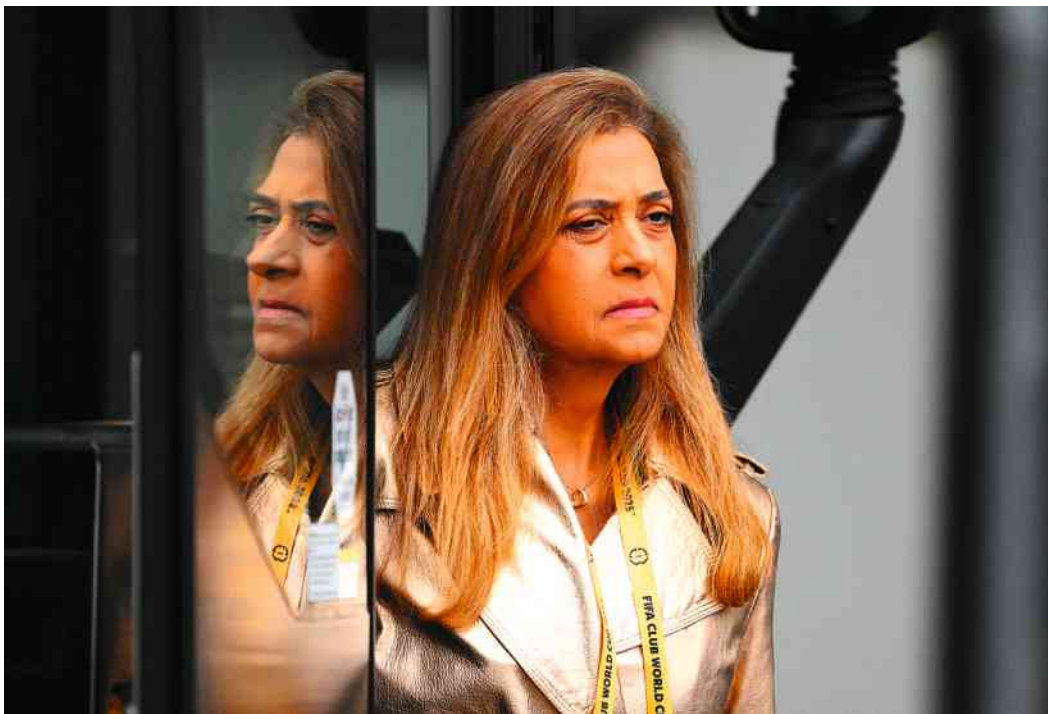
O desejo de Leila depende de uma mudança estatutária, alvo de críticas mesmo entre alguns apoiadores. Atualmente, é possível apenas uma reeleição. O segundo mandato da atual presidente vai até o fim de 2027.

A ambição da dirigente, que a manteria na cadeira até 2030, ganhou o rótulo de “golpe” pela oposição.

“Nosso estatuto prevê a possibilidade de alteração. Não existe golpe quando o Conselho decide e os associados ratificam isso”, defendeu a dirigente.

Ela citou o poderoso clube espanhol Real Madrid, de forma irônica, para rebater as críticas de quem defende a alternância na presidência. “Essa questão de alternância de poder não acontece no Real Madrid. O presidente está lá há 20 anos. O Real Madrid é um clube pequeno, sabe? E nem um pouco vitorioso...”

Não foi vitorioso o 2025 do Palmeiras, com duras derrotas para o Corinthians, tradicional arquir-



Leila no MetLife Stadium, nos EUA, onde o Palmeiras atuou pelo Mundial David Ramos - 15.jun.25/AFP

“

Nosso estatuto prevê a possibilidade de alteração. Não existe golpe quando o Conselho decide e os associados ratificam isso

Leila Pereira
presidente do Palmeiras

rival, e para o Flamengo, principal oponente nos últimos anos.

Desde que Leila assumiu a presidência, em dezembro de 2021, este foi o primeiro ano sem título. A última chance desperdiçada foi na final da Libertadores, em novembro, 1 a 0 para o Flamengo.

O fracasso na tentativa de buscar o tetra na competição continental se somou ao vice no Campeonato Brasileiro —também com Flamengo campeão— e a duas pancadas do Corinthians: na decisão do Campeonato Paulista e nas oitavas de final da Copa do Brasil, cujo título ficaria com o alvinegro. Na Copa do Mundo de Clubes, uma campanha irregular foi interrompida nas quartas de

final, pelo Chelsea.

As frustrações levaram Leila a fazer um longo desabafo, de pouco mais de dez minutos, aos conselheiros presentes na reunião para aprovação do orçamento para 2026, realizada neste mês.

A presidente admitiu que ficou com um “gosto amargo” após a derrota para o Flamengo na Libertadores e não poupou críticas ao próprio elenco. A maior bronca foi com o fato de o time comandado por Abel Ferreira, que teve seu vínculo estendido recentemente até 2027, não ter acertado um chute na direção do gol.

“Como que eu posso querer ganhar a Libertadores se meus jogadores não deram um chute a

gol? Vocês conhecem alguma forma de ganhar um jogo sem gol? Eu não conheço. Agora, não posso falar isso fora, senão vou chatear meus atletas? Não. Tem que falar, sim. A responsabilidade é deles, não é minha. Eu fiz o que eu pude”, afirmou Leila.

“Investi o que eu pude, mas eles não tiveram a capacidade de dar um chute a gol”, acrescentou a dirigente, que destacou ainda tropeços nas rodadas finais do Campeonato Brasileiro —contra Mirassol (derrota), Vitória e Fluminense (empates em casa)— que custaram o título nacional.

“Como que pode, dentro da minha casa, no Allianz Parque, eu não vencer o Vitória? Foi por causa do meu elenco? Óbvio que não. Meu sub-20 tinha que ganhar do Vitória. Como que eu não ganho na minha casa do Fluminense? Não foi incapacidade nossa? Claro que foi”, reclamou.

O último título conquistado pelo Palmeiras foi o Paulista de 2024. Depois, naquele ano, em temporada em que investiu R\$ 193 milhões em reforços, também amargou fracassos.

O desabafo de Leila se tornou arma para seus opositores no Palmeiras. Para evitar que seus rivais consigam se unir a ponto de prejudicar suas ambições, ela buscou apoio de velhos conhecidos.

Dois ex-presidentes do clube têm atuado pela viabilizar a mudança no estatuto, Mustafá Contursi (1993 a 2005) e Arnaldo Tiro-ne (2011 a 2013). Ambos ainda são bastante influentes entre conselheiros do Palmeiras.

A alteração no estatuto requer maioria em votação do Conselho Deliberativo e maioria também em votação com todos os associados do clube. Na eleição presidencial mais recente, no ano passado, Leila venceu seu único opositor, Savério Orlandi, no filtro do Conselho (168 a 85) e na Assembleia Geral (2.295 a 858).

Agora, a oposição tenta se unir para frear a nova investida da empresária que comanda o clube.

BRIGA EM QUADRA

Jogadores trocam socos e são expulsos durante jogo da NBA entre Pelicans e Suns

SÃO PAULO Os jogadores Jose Alvarado, do New Orleans Pelicans, e Mark Williams, do Phoenix Suns, trocaram socos na noite deste sábado (27), durante o terceiro quarto do jogo pela NBA, no Smoothie King Center, em New Orleans.

Alvarado, de 1,83m, foi quem primeiro puxou a camisa de Williams, que mede 2,16m. Armador dos Pelicans, Alvarado se irritou com a marcação do pivô do Suns, Williams.

Eles trocaram socos e tapas e foram contidos por jogadores de ambas as equipes. A confusão durou alguns segundos, e a partida foi paralisada.

Os dois foram expulsos. Após o ocorrido, Jose Alvarado correu para o vestiário. Não houve mais registros de briga entre os dois.

O Suns venceu por 123 a 114.



Kyrgios vence Sabalenka em duelo sem valor histórico da ‘Batalha dos Sexos’

Nick Kyrgios (à dir.) vence Aryna Sabalenka, com um duplo 6/3, neste domingo (28), em um novo embate entre tenistas dos circuitos masculino e feminino, inspirado no duelo entre Bobby Riggs e Billie Jean King, em 1973, mas sem o peso da luta feminista Amr Alfiky/Reuters

Antonio Fagundes O Brasil ainda não reconhece direitos de atores que no mundo todo já funcionam

Depois de seis anos afastado da Globo, eterno galã retorna ao canal para fazer a próxima novela das nove e diz que vai seguir firme com o trabalho nos palcos de teatro, lugar que, segundo ele, permite uma real evolução para os intérpretes

Antonio Fagundes, 76

É ator e produtor de teatro, cinema e televisão. Na TV, fez personagens de sucesso em novelas e séries como a primeira versão de 'Vale Tudo', 'Renascer', 'O Rei do Gado', 'Amor à Vida' e 'Carga Pesada'. No teatro, teve a Companhia Estável de Teatro durante dez anos e está em cartaz há seis décadas com espetáculos que atraem milhares de pessoas. Também já fez mais de 50 filmes para o cinema e para as plataformas de streaming. Vai voltar à Globo após seis anos afastado para fazer a nova novela das nove



O ator Antonio Fagundes
Charles Sholl/Brazil Photo Press/Folhapress

Cristina Camargo

SÃO PAULO Muito conhecido por ser um ator que reúne a classe artística para discutir suas reivindicações, Antonio Fagundes, de 76 anos, diz que ainda falta muito para o Brasil reconhecer os direitos de seus intérpretes. “O Plínio Marcos dizia que um ator americano morto ganha mais do que um brasileiro vivo”, afirma o artista.

De volta à Globo depois de seis anos, Fagundes conseguiu negociar um contrato em que grava três dias por semana e usa o resto do tempo para fazer teatro. Ele vai participar da próxima novela das nove, “Quem Ama Cuida”, de Walcyr Carrasco, e de outros projetos.

Fagundes é o próprio produtor de seus espetáculos, ao lado da mulher, Alexandra Martins. Não é contra o financiamento das artes, mas vê problemas nos formatos atuais de patrocínio e defende a independência artística. Também afirma que o Brasil nunca teve uma política cultural.

O ator não planejou nenhuma comemoração especial para os 60 anos de carreira, marcados pela estreia no Teatro de Arena, com a peça “A Farsa do Cangaceiro, Truco e Padre”, de Chico de Assis, em 1966. “Comemoramos aqui todo dia. Saímos para jantar e brindamos. Então, vai haver um monte de comemoração o ano que vem”, diz o ator por videochamada, de Portugal, onde ele fez temporada de casas lotadas com a peça “Dois de Nós”, de Gustavo Pinheiro. O espetáculo reestrea em São Paulo, no Tuca, no mês que vem.

*

O senhor tem a impressão de que os 60 anos de carreira passaram rápido? Tenho um currículo enorme, cheio de coisas. Parece que foram mais de 70, porque 60 anos não dariam para fazer aquilo tudo. Já parei de fazer TV, cinema, mas o teatro foi ininterrupto. E teve períodos da minha vida que eu estava nos três veículos ao mesmo tempo.

Como está sendo o retorno à Globo depois de seis anos de afastamento? Está sendo perfeito. Volto para uma novela do Walcyr [Carrasco] e adoro o trabalho dele. Nós tivemos uma experiência muito boa em “Amor à Vida”, com um personagem que ele foi desenvolvendo ao longo da trama [o médico César Khouiry]. O personagem morreria no capítulo 40, mas acabou ficando até o fim, o que resultou num dos finais mais bonitos de novela da Globo. Terei sempre um pedacinho do coração na emissora.

A que atribui o desejo da Globo em ter o senhor de volta? A televisão aberta passou por uma reformulação. Eles tiveram que reestruturar administrativamente. Ao mesmo tempo, foi bom para todo mundo que conseguiu se espalhar fora da Globo. Eu fiz streaming, TV Cultura, cinema. A vida não parou por ter saído da Globo. Mas, ao mesmo tempo, é uma grande emissora, e trabalhar lá é importante para qualquer um. Gravarei

também um longa-metragem e eles ainda farão o licenciamento de um filme que é produção minha, “Contra a Parede”, de 2018.

Conseguiu negociar a liberação de alguns dias da semana para seguir fazendo teatro? Isso sempre foi um acordo meu com a Globo. O teatro é a pátria do ator, é lá que ele se desenvolve.

O senhor sempre teve uma postura política em relação à classe artística, unindo colegas, reivindicando direitos. Por quê? Acho que a gente tem poucos direitos no Brasil. Ainda discutimos direitos dos intérpretes que no mundo inteiro funcionam, menos aqui. O escritor Plínio Marcos dizia que um ator americano morto ganha mais que um brasileiro vivo. É uma discussão que precisamos manter viva.

Essa postura trouxe contratempos na Globo? Sempre tive muito diálogo lá. Teve um período de seis anos em que fazíamos reuniões na minha casa. Começou com atores da Globo, mas depois vieram de outras emissoras. A gente se reunia para discutir a nossa realidade. A alta diretoria da Globo também fazia parte. Nós recebemos o Boni, a Mônica Albuquerque, o Silvio de Abreu.

Essa postura tem a ver com o seu início no Teatro de Arena? O Arena falava mais do Brasil, não falava muito da classe. Falava mais da realidade brasileira. Mas posso dizer que a minha formação como cidadão se deu lá, com gente maravilhosa. Eu não tinha nem carteira de identidade ainda, mas já fazia parte das discussões sobre a realidade brasileira.

Como foi seu começo lá? Foi em um núcleo de teatro experimental, com uma peça do Chico de Assis [“A Farsa do Cangaceiro, Truco e Padre”]. Antes eu tinha feito teatro estudantil e um dos diretores me convidou para fazer teatro infantil no Arena. Não era o que eu queria, eu já era metidinho. Mas falei “bom, pelo menos eu vou estar exercitando”.

Como foi a passagem do teatro para a TV? Demorou dez anos. Eu gostaria de ter entrado mais cedo, mas ninguém me chamava. Antes, em 1969, participei de um teleteatro na TV Cultura, dirigido pelo Alfredo Mesquita, que era o diretor da Escola de Arte Dramática de São Paulo. Depois levou mais uns três ou quatro anos para eu entrar na TV Tupi.

Os companheiros do Arena lidaram bem com essa sua opção? Quando eu fui para a TV, esse preconceito já havia sido quebrado pelo [Gianfrancesco] Guarnieri e por uma turma que já estava fazendo sucesso. Sei que eles sofreram, mas a teledramaturgia brasileira tem uma coisa curiosa, sempre foi muito atuante politicamente. Embora a TV, de uma forma geral, seja um veículo de direita, quem fazia era de esquerda, como o Ferreira Gullar, o Dias Gomes. Novelas discutiam uma rea-

lidade que o teatro não conseguia porque a censura não deixava.

O senhor faz grandes sucessos no teatro, mas às vezes suas peças são chamadas de comerciais. O que acha disso? Acho que quem fala isso não conhece minha carreira, não deve ter acompanhado. Eu montei Gerald Thomas, montei “Cyrano de Bergerac” —uma peça que não é comercial. Posso dizer que rompi barreiras. Fiz semiologia no teatro, fiz Roland Barthes. Para mim, comercial é tudo o que você põe à venda. Esses colegas que dizem que o teatro que eu faço é comercial, e o deles não, talvez não tenham entendido o significado da palavra. Essas pessoas deviam agradecer, porque eu estou conquistando público para eles.

Ainda mantém o hábito de ver quase todas as peças em cartaz? Gosto de teatro e começo sendo público. Às vezes brigo com colegas porque eles não fazem sessões extras. Estou sempre em cartaz e fica difícil. Corro atrás dos colegas. É uma coisa que faço com o maior prazer.

Uma briga constante é sobre a pontualidade do público. Já lidou com muitos processos judiciais por não permitir a entrada fora do horário? São muitos, mas isso é a ponta do iceberg. Na verdade, me dedico intensamente à comunicação com o público, desde a escolha do texto. Eu quero que o público saia do teatro modificado. Quero que entenda, que se emocione. E essa vontade de comunicação inclui um monte de outras coisas, inclusive o próprio processo de ensaio. Começo os espetáculos rigorosamente no horário marcado porque quero respeitar as pessoas que tiveram um trabalho imenso para sair de casa e chegar na hora.

Antes do espetáculo, faço uma visita aos bastidores, que abro para o público. Quero que conheçam não só aquela caixinha mágica, mas o que tem por trás também. Como funciona, quantos funcionários tem. Não são só atores. Tem a luz, o som. Quero que conheçam essa infraestrutura. Depois do espetáculo, ainda volto para o palco e a gente tem uma conversa com a plateia.

O senhor ainda mantém a sua decisão de não recorrer às leis de incentivo e aos editais de fomento? Sim. Acho que o patrocínio é necessário, principalmente num país como o Brasil, de dimensões continentais, onde há pelo menos 4.500 municípios sem teatro. Mas, ao mesmo tempo, acho que essa cultura deveria ser estatal e não governamental. Um dos erros que a gente enfrenta com o patrocínio é que ele é governamental. E aí a cultura não vai para frente. Se a gente não aprender a sobreviver sem depender de um ou de outro governo, corremos o risco de fechar as portas.

O que acha da política cultural do governo Lula? Desde 1500,

“

Desde 1500, nunca tivemos nenhuma política cultural porque a política cultural precisa de dinheiro. Se você tem 0,6% de dotação orçamentária para o Ministério da Cultura, mal dá para pagar os funcionários, que dirá investir

Para ter retorno financeiro no teatro, é preciso pensar desde o começo. Não se pode gastar dinheiro que, mesmo lotando o teatro, você não consegue de volta. A conta tem de ser feita, mas ninguém no país faz. Todo mundo gasta, mas não sabe de onde vai tirar o dinheiro

Sempre começo os meus espetáculos rigorosamente no horário que estava marcado porque eu quero respeitar todas as pessoas que tiveram um trabalho imenso para sair de casa e chegar na hora também. Quero que o meu público saia do teatro modificado, que entenda, que se emocione. A ideia é que conheçam não só a caixinha mágica, mas tudo aquilo que está por trás dela também

Nunca liguei para a fama de galã. Algumas pessoas, quando usam esse termo, é para diminuir o trabalho como ator, como se fosse um homem bonito e mais nada. Sempre achei um engano das pessoas

Eu acho que nós conseguimos imprimir uma certa sensualidade em alguns personagens, porque também somos capazes de mau-caratismo. Um ator pode ser Deus, narigudo, pode ser feio, pode ser o que ele quiser

nunca tivemos nenhuma política cultural porque a política cultural precisa de dinheiro. Se você tem 0,6% de dotação orçamentária para o Ministério da Cultura, mal dá para pagar os funcionários, que dirá investir. E quanto mais investir em cultura, mais terá retorno financeiro, com uma movimentação na sociedade de pelo menos 3% do PIB. Para ter um parâmetro, a indústria automobilística movimenta 2%. É importante que existam patrocínios, mas prefiro ter independência.

Uma peça de teatro, quando é bem-sucedida, realmente tem retorno financeiro? Tem que pensar nisso desde o começo. Não pode gastar dinheiro que, mesmo lotando, você não consegue ter de volta. Essa conta tem que ser feita. É uma conta que parece que ninguém no país faz, né? Todo mundo gasta, mas não sabe de onde vai tirar o dinheiro.

Como lidou ao longo da carreira com a fama de galã? Nunca liguei muito para isso. Primeiro, porque eu sei que a gente vive nesse círculo. Quando faz sucesso, tem que colocar um pontinho preto na ponta do nariz. Então, algumas pessoas, quando usam esse termo, é para diminuir o trabalho como ator. Como se fosse simplesmente um homem bonito e mais nada. Mas, como eu nunca me achei bonito, sempre achei que era um engano das pessoas.

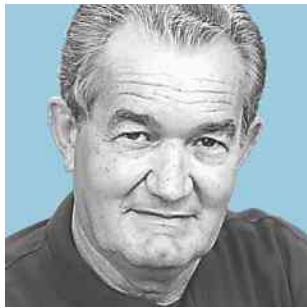
Mas alguns papéis não foram realmente sensuais? O senhor foi o primeiro ator a aparecer de cueca na televisão. Pois é. E fui o primeiro ator a fazer o “Cyrano de Bergerac” também, mas disso ninguém lembra. Acho que conseguimos imprimir uma certa sensualidade em alguns personagens, porque também somos capazes do mau-caratismo. Um ator pode ser Deus, pode ser narigudo, pode ser feio, pode ser o que quiser.

Se o senhor escrevesse uma autobiografia, escolheria algum episódio da sua vida artística para dar destaque já no primeiro capítulo do livro? É a terceira vez que eu cito o “Cyrano de Bergerac” e não à toa. Foi um trabalho extremamente importante para mim. Era um desafio como ator. Eu era, na época, o único do mundo que tinha feito o Cyrano com a idade dele. O personagem sempre foi feito por atores mais velhos que esperavam chegar aos 60 anos, e eu tinha 35. Foi marcante também no sentido de que era a primeira superprodução que eu fazia sem patrocínio.

Eram 36 atores, 24 técnicos, num teatro de 1.200 lugares, que tinha que lotar diariamente, pelo menos durante quatro meses, para pagar a produção. Consegui. Depois, resultou em um espetáculo maravilhoso da Companhia Estável de Repertório, mantida dez anos no Teatro Cultura Artística. Era uma coisa que as pessoas já não estavam fazendo mais na época, espetáculos lotados de quarta a domingo. Foi quando eu entendi plenamente que a minha independência era possível.

Relembre brasileiros que morreram em 2025

Sebastião Salgado, Léo Batista e Francisco Cuoco estão entre os que se foram no primeiro semestre deste ano



Léo Batista (1932)

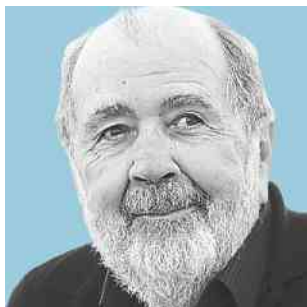
A voz marcante do esporte

Jornalista, apresentador e locutor, João Baptista Belinaso Neto foi um dos principais nomes do jornalismo esportivo brasileiro. Um antigo chefe, que não achava o nome sonoro, foi quem sugeriu Léo Batista.

A carreira começou nos anos 1940 nas rádios do interior paulista, onde narrava partidas de futebol. Em 1952, já no Rio, atuou na Rádio Globo, trabalhando como locutor e redator. Na televisão, antes de entrar na TV Globo, em 1970, passou por TV Rio e Excelsior.

Na emissora carioca, onde ganharia o apelido “voz marcante”, atuou em telejornais e programas como Esporte Espetacular e Globo Esporte. Em mais de 70 anos de carreira, cobriu Copas, Olimpíadas e fatos históricos, como o suicídio de Getúlio Vargas (1954) e o assassinato de John F. Kennedy, em 1963.

Ao morrer, em 19 de janeiro, aos 92 anos, detinha o título de mais antigo apresentador da Globo em atividade. Ele havia ficado 13 dias internado na capital fluminense depois de ter sido diagnosticado com um câncer de pâncreas.



Cacá Diegues (1940)

Um dos fundadores do cinema novo

Aclamado cineasta, Cacá Diegues dirigiu mais de 20 filmes, como os premiados “Xica da Silva” (1976), “Bye Bye Brasil” (1980), “Veja Esta Canção” (1994) e “Deus É Brasileiro” (2003). Suas obras cinematográficas geralmente abordavam temas culturais e sociais. Elas ultrapassaram fronteiras e foram selecionadas por grandes festivais internacionais de cinema, como o de Cannes.

Ao longo de sua extensa trajetória, o diretor alagoano foi homenageado em diversas ocasiões, como no Grande Prêmio de Cinema Brasileiro, em 2012. Em 2016, foi tema da escola Inocentes de Belford Roxo com o samba-enredo “Cacá Diegues - Retratos de um Bra-

sil em Cena”. Também foi eleito para ocupar a cadeira de número sete da ABL (Academia Brasileira de Letras), em 2018.

Morreu em 14 de fevereiro, aos 84 anos, no Rio de Janeiro, em decorrência de complicações de uma cirurgia.



Heloisa Teixeira (1939)

Pensadora do feminismo, da política e da cultura

Importante pensadora do feminismo brasileiro, além de escritora, Heloisa Teixeira era ainda pesquisadora e crítica literária de grande prestígio. Era considerada uma referência em temas como relações de gênero e étnicas, culturas marginalizadas e cultura digital.

Nascida em Ribeirão Preto (SP), ela se formou em letras clássicas pela PUC-Rio, fez mestrado e doutorado em literatura brasileira na UFRJ, além de pós-doutorado em sociologia da cultura na Universidade de Columbia, em Nova York.

Desde o ano passado, era integrante da ABL, tendo sido a décima mulher a ser eleita para a instituição. Foi também membro do conselho curador da Fundação Roberto Marinho entre 2021 e 2023, e diretora do Museu da Imagem e do Som (MIS-RJ) nos anos 1980. Dirigiu documentários como “Dr. Alceu” e “Joaquim Cardozo”.

A escritora morreu em 28 de março, aos 85 anos, no Rio de Janeiro, após complicações de uma pneumonia e insuficiência respiratória aguda.



Nana Caymmi (1941)

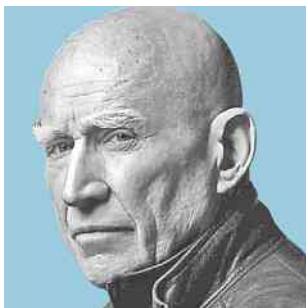
Voz emblemática da música brasileira

Dona de repertório vasto que incluía boleros, sambas, bossa nova e MPB, Nana Caymmi nasceu em berço musical. Filha do cantor, violonista e compositor Dorival Caymmi e da cantora Stella Maris, começou a carreira nos anos 1960.

Ao todo, lançou 31 álbuns de estúdio e três projetos em DVD, nos quais emplacou sucessos como “Resposta ao Tempo”, “Suave Veneno” e

“Não Se Esqueça de Mim”. Indicada quatro vezes ao Grammy Latino, recebeu um pelo disco “Para Caymmi, de Nana, Dori e Danilo”, na categoria de melhor álbum de samba/pagode.

Morreu em 1º de maio, aos 84 anos, no Rio de Janeiro, em decorrência de uma disfunção de múltiplos órgãos. A cantora estava internada havia sete meses para o tratamento de uma arritmia cardíaca.



Sebastião Salgado (1944)

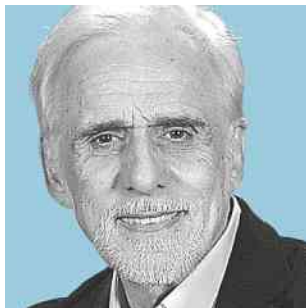
Um gênio da fotografia em preto e branco

Um dos fotógrafos mais importantes do mundo, Sebastião Salgado fez imagens que revelaram momentos históricos, belezas naturais e a vida dos menos favorecidos. Viajou para mais de 120 países realizando registros únicos. Um de seus trabalhos mais impactantes mostrou o cotidiano de quem trabalhava na Serra Pelada nos anos 1980, então o maior garimpo ao ar livre do mundo.

Em quase seis décadas de carreira, recebeu incontáveis honrarias. “A fotografia é o espelho da sociedade”, declarou ao receber um prêmio em Londres pelo conjunto de sua obra.

Ao lado da esposa, Lélia, fundou o Instituto Terra em 1998 em prol da recuperação e da restauração do meio ambiente, em especial do bioma da mata atlântica, tão ameaçada.

O fotógrafo mineiro morreu em 23 de maio, aos 81 anos, em Paris, em consequência de uma leucemia grave, causada por um distúrbio sanguíneo provocado por malária, contraída na Indonésia em 2010.



Francisco Cuoco (1933)

Galã de várias gerações

Um dos maiores astros das novelas brasileiras de todos os tempos, Francisco Cuoco estreou nos palcos em 1958. A imagem de galã, porém, só viria a se cristalizar cerca de dez anos depois, quando atuou ao lado de Regina Duarte na novela “Legião dos Esquecidos”, da TV Excelsior.

Ao longo de mais de 60 anos de carreira, fez novelas de grande sucesso como “Selva de Pedra” (1972), “Pecado Capital” (1975), “O Astro” (1977), na maioria das vezes em papéis marcantes. Também esteve no cinema nos anos 1990 e, na década seguinte, deixou a televisão um pouco de lado para se dedicar mais ao teatro.

Cuoco morreu em 19 de junho, aos 91 anos, em São Paulo, de falência múltipla de órgãos decorrente de problemas de saúde causados pela idade avançada. Ele deixou três filhos e cinco netos.



Maria Augusta (1942)

Personagem célebre do Carnaval do Rio

Carnavalesca que era símbolo da folia carioca, Maria Augusta começou a carreira em meados dos anos 1960, na época como integrante do grupo que preparava os desfiles da escola de samba Salgueiro.

Ela também contribuiu em desfiles marcantes para outras escolas como União da Ilha, Tradição, Paraíso do Tuiuti e Beija-Flor, acumulando décadas de experiência na Sapucaí.

Trabalhou ao lado de nomes conceituados dos desfiles como Fernando Pamplona, Joãozinho Trinta e Rosa Magalhães. Além de sua atuação nos barracões, Maria Augusta levou um conhecimento profundo e sua paixão para as telas, atuando como comentarista especializada nas transmissões da Rede Globo.

A carnavalesca morreu aos 83 anos, em 11 de julho, no Rio, de falência múltipla de órgãos, por complicações de um tratamento contra um câncer.



Preta Gil (1974)

Uma voz ativa para além da música

Nascida no meio artístico, filha do cantor Gilberto Gil e da empresária Sandra Gadelha, Preta era ainda afilhada de Caetano Veloso e Gal Costa.

Apesar dessa proximidade, a carreira musical começou somente aos 29, após anos

atuando como produtora.

Seu primeiro álbum, “Prêt-à-Porter” (2003), estampava sua nudez na capa, o que chegou a causar certa polêmica na época. Ela ainda lançou outros álbuns com ritmos que misturavam funk, samba e axé.

Também apresentadora e empresária, comandou alguns programas em canais como Multishow, GNT e Band nos quais a sua irreverência era o ponto alto. No Carnaval, arrastava multidões com o Bloco da Preta, e enveredou no mundo das letras com o livro “Preta Gil: Os Primeiros 50”, em que repassou momentos marcantes de sua vida.

Após receber diagnóstico de câncer de intestino em janeiro de 2023, passou por vários procedimentos, incluindo sessões de quimioterapia e cirurgias delicadas. Em maio, foi para os EUA realizar tratamentos experimentais, mas não teve o resultado esperado.

A artista morreu em 20 de julho, aos 50 anos, em Nova York, após complicações da doença. O funeral realizado no Rio de Janeiro gerou grande comoção no país.



Niède Guidon (1933)

Pioneira da arqueologia no Brasil

Niède Guidon nasceu em Jaú (SP) em 12 de março de 1933. Formada em história natural pela Universidade de São Paulo e doutora pela Universidade de Paris, ela revolucionou as pesquisas sobre a ocupação humana nas Américas.

Em 1963, quando trabalhava no Museu Paulista da USP, ouviu falar de um sítio com pinturas rupestres no interior do Piauí. Fugindo da ditadura militar, partiu para a França no ano seguinte. Ao voltar em 1970, examinou os registros e percebeu sua importância. Com apoio do governo francês, organizou uma missão de pesquisa em 1973.

Passou a se dividir entre Paris, onde lecionava na Escola de Estudos Avançados em Ciências, e São Raimundo Nonato, a 530 km de Teresina.

Foi a principal artífice da criação do Parque Nacional Serra da Capivara, incluído na lista de Patrimônio da Humanidade da Unesco, e da Fundação Museu do Homem Americano, responsável pelo acervo natural e cultural do parque.

Morreu no dia 4 de agosto, depois de um infarto. Ela nunca se casou e não deixa filhos.

ilustrada

FOLHA DE S.PAULO ★★

SEGUNDA-FEIRA, 29 DE DEZEMBRO DE 2025

B1

BB

Morre a atriz Brigitte Bardot, a bela que virou fera, lenda do cinema e 'sex symbol' de uma era

Leia na pág. B6

A atriz Brigitte Bardot Douglas Kirkland

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

ELAS MERECEM

O CNJ (Conselho Nacional de Justiça) aprovou uma resolução que obriga todos os tribunais brasileiros a implantarem o Protocolo de Prevenção e Medidas de Segurança voltados a magistradas, servidoras e colaboradoras —como estagiárias e trabalhadoras terceirizadas, comissionadas ou voluntárias.

ELAS 2 Antes apenas uma recomendação, o protocolo passa agora a ter que ser adotado em todas as Cortes. Ele prevê, entre outras coisas, a análise de casos com avaliação de risco, comunicação imediata à Polícia Judicial em situações graves, criação de canais internos de atendimento sigilosos, comunicação ao juízo competente em até 48 horas, elaboração de planos individuais de segurança e formação de uma rede multidisciplinar de acolhimento.

ELAS 4 "O Poder Judiciário tem o dever de articular os mecanismos de prevenção e proteção para as mulheres que trabalham no âmbito de suas unidades", afirma a conselheira Renata Gil, relatora da proposta.

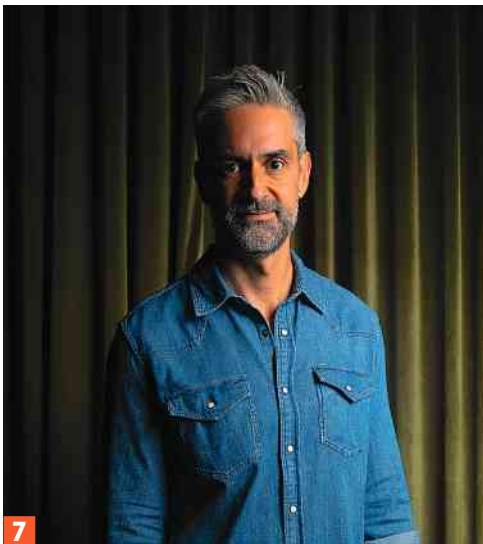
ALARME O CNJ afirma, em nota que a resolução "ganha ainda mais relevância diante dos números alarmantes de violência contra mulheres no Brasil, que evidenciam a urgência de políticas efetivas de proteção no âmbito do Judiciário".

ALARME 2 O conselho cita ainda o estudo "Visível e Invisível- A Vitimização de Mulheres no Brasil", do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Publicado em 2023, ele mostrou que 50.962 mulheres sofrem violência diariamente, sendo 53,8% dentro de casa, em episódios que, em geral, são praticados por parceiros ou ex-parceiros.

ALARME 3 A versão mais atual da pesquisa, feita em 2025, registrou a maior prevalência de mulheres que relatam ter sofrido algum tipo de violência nos últimos 12 meses: 37,5%, o que corresponde, por projeção, a 21,4 milhões de mulheres.

HOLOFOTE O Protocolo Integrado de Prevenção e Medidas de Segurança foi criado em resposta direta ao feminicídio da magistrada Viviane Vieira do Amaral Arronzenzi, do TJRJ (Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro). Ela foi morta a facadas pelo marido na frente das três filhas, na véspera do Natal de 2020.

HOLOFOTE 2 Apesar disso, 68,8% das mulheres que integram a magistratura brasileira não tinham conhecimento de que o protocolo existia, conforme o Perfil das Magistradas Brasileiras publicado pela Enfam (Escola de Formação e Aperfeiçoamento de Magistrados) e pela AMB (Associação dos Magistrados Brasileiros).



VELINHAS

O produtor cultural Alê Youssef **1** celebrou seu aniversário na semana passada no bar Formosa Hi-Fi, em São Paulo. Entre os convidados estavam os atores Carolina Manica **2**, Joaquim Lopes **3** e Júlio Andrade **4**. A vereadora paulistana Marina Bragante (Rede) **5** e a cônsul-geral da França em São Paulo, Alexandra Mias **6**, também marcaram presença. O encontro ainda reuniu os advogados Augusto de Arruda Botelho **7** e Ronaldo Lemos **8**, colunista da Folha e diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Fotos Ronny Santos/Folhapress

BOLSO LEVE A zona norte da capital paulista foi a região que registrou a maior alta no preço do etanol ao longo de 2025. Segundo dados do Índice de Preços Edenred Ticket Log (IPTL), o combustível subiu de R\$ 4,01 para R\$ 4,47 entre a primeira quinzena de janeiro e a primeira quinzena de dezembro. É uma variação de 11,47%, a maior entre todas as zonas da cidade.

BOLSO 2 O movimento não foi isolado. O etanol acumulou aumentos relevantes em toda São Paulo no período, com altas de 8,91% na zona leste, 8,47% na zona oeste, 8,19% na zona sul e 7,31% no centro. Em dezembro, a maior média de preço foi registrada no centro (R\$ 4,55), enquanto a menor foi encontrada na zona leste (R\$ 4,40). Gasolina e diesel se mantiveram relativamente estáveis ao longo do ano.

TIJOLO O setor da construção civil avalia como um avanço relevante o reajuste dos tetos do Minha Casa, Minha Vida para as faixas 1 e 2, aprovado pelo Conselho Curador do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). A leitura entre empresários é de que a medida amplia de forma concreta o alcance do programa em municípios do Norte e do Nordeste —regiões onde o programa vinha enfrentando queda nas contratações.

TIJOLO 2 A expectativa das construtoras é de um novo recorde de contratos já em 2026. A Câmara Brasileira da Indústria da Construção prepara uma proposta técnica para discutir, com o governo federal, a revisão das demais faixas do programa no próximo ano. "O diálogo com o Ministério das Cidades é contínuo", afirma Clausens Duarte, vice-presidente de Habitação de Interesse Social da entidade.

AUAU A Azul transportou 70,2 mil cães e gatos nas cabines de suas aeronaves ao longo de 2025, de janeiro a dezembro. Os dados mostram que o Aeroporto de Viracopos, em Campinas, foi o principal ponto de embarque de animais de estimação no período.

MIAU Na sequência aparecem Recife (PE), Confins (MG), Belém (PA) e Porto Alegre (RS). Entre os destinos mais frequentes dos pets, Viracopos também lidera, seguido por Confins, Recife, Belém e Congonhas, em São Paulo.

TABLADO O escritor francês Édouard Louis, fenômeno literário mundial e destaque da Flip em 2024, voltará ao Brasil no ano que vem, mas agora como ator. Ele estará na peça "Quem Matou Meu Pai", dirigida por Thomas Ostermeier e adaptada do livro de mesmo nome de Louis.

TABLADO 2 O espetáculo fará parte da programação da 11ª edição da MITsp (Mostra Internacional de Teatro de São Paulo) e será apresentada em março no Teatro Paulo Autran, no Sesc Pinheiros.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte



Bicudinho Caco Galhardo



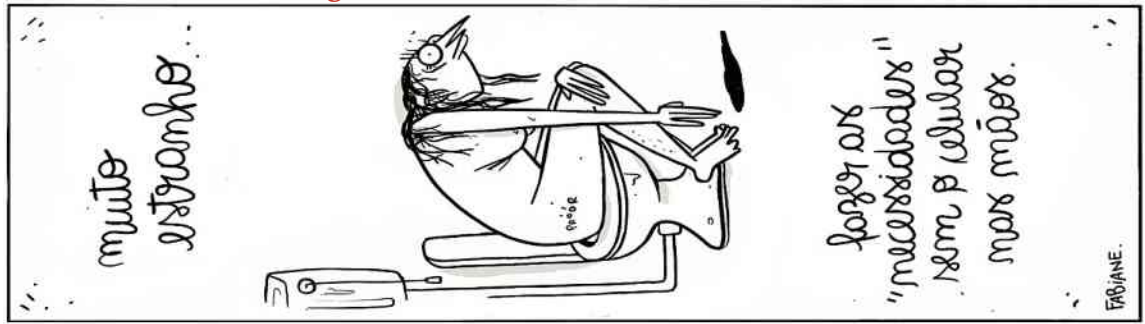
Níquel Náusea Fernando Gonsales



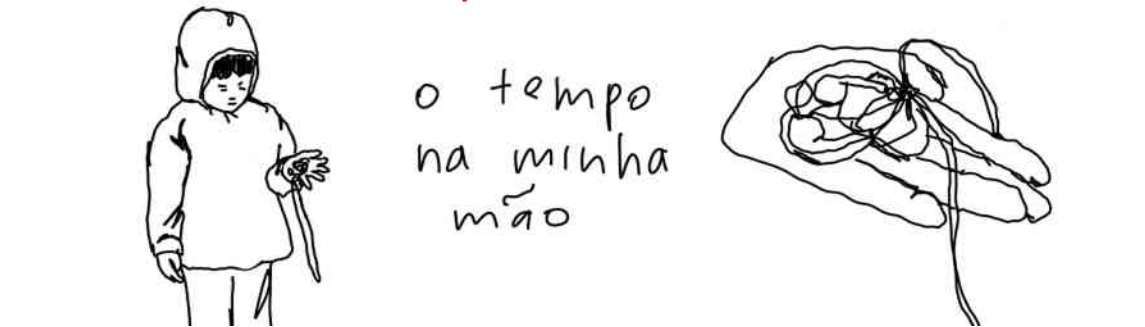
Não Há Nada Acontecendo André Dahmer



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



Vida Besta Galvão Bertazzi



SUDOKU www1.folha.uol.com.br/jogos

FÁCIL

9					3		8	5
				9	8	3		
7	3			6		4	2	9
6		2		8	4		7	
					9		4	
		4				5	1	
		9	3	2	6		5	
	6			1		2		
	1		8		7			

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

4	5	9	2	6	8	5	1	7
8	6	7	5	1	4	2	9	3
1	5	2	9	7	3	6	8	4
9	1	5	7	3	4	4	6	8
2	4	8	6	5	9	3	2	1
3	2	6	4	8	1	7	5	9
6	7	4	1	9	5	8	3	2
7	9	3	8	4	6	1	2	5
5	8	1	3	7	2	9	4	6

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. Órgão que apoia os povos originários / Marca alemã de carros e motos de luxo 2. Atingir com certa arma branca 3. O estilista Rabanne / O Marcelo comunicador 4. Engenhoso, talentoso 5. Scarlett Johansson, atriz de "Moça com Brinco de Pérola" / Os trastes destinados ao uso e à decoração de uma casa 6. Chapéu de verão, feito de palha branca finíssima / A UF de Ponta Porã 7. O contrário de falante 8. Som que imita explosão / Fazer ingerir droga 9. Osso que vai do cotovelo ao ombro / As consoantes de resto 10. Vazia / Malha de pelos perto do casco das cavalgaduras, de cor diversa da do resto do corpo 11. Grande empresa chinesa de tecnologia 12. Bem que origina despesas supérfluas / (Moby) Baleia de um livro de Herman Melville 13. Árvore amazônica com madeira de boa qualidade / A Sophia, atriz italiana.

VERTICAIS

1. Órgão paulista de apoio à pesquisa / Nação com capital Fongafale 2. Unidade de Pronto Atendimento / Canoa pequena, de pesca / User Experience, termo da informática 3. Região posterior da base da cabeça / Nome, em inglês / 21, em algarismos romanos 4. Fora da regra comum / Faísca elétrica em tempestade 5. Interjeição que designa impressão de perigo próximo / Pessoa física ou jurídica que adquire empréstimo financeiro 6. Que se tornou intensificado / Jeito, maneira 7. (Fr.) Apático / Dominar com brutalidade, com autoritarismo 8. Cão que ladra muito / Burrice, tolice 9. As letras separadas pelo E no teclado / Proposição afirmativa / Kim Novak, atriz de "Um Corpo Que Cai".

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									

Optimiz, 8. Mastim, Asnice, 9. WR, Asserto, KN. XXI, 4. Anormal, Raio, 5. Ih, Tomadora, 6. Ativado, Modo, 7. Blase, VERTICAIS: 1. Fapesp, Tuvalu, 2. UPA, Jacumã, UX, 3. Nuca, Name, ro, Rst, 10. Va, Armínio, 11. Xiaomi, 12. Luxo, Dick, 13. Uxi, Loren. ta, 5. S, Móveis, 6. Panamã, MS, 7. Calado, 8. Tum, Dopar, 9. Ume- HORIZONTAIS: 1. Funai, BMW, 2. Apunhalar, 3. Paco, Tas, 4. Artis-

ilustrada

Amanda Cavalcanti

SÃO PAULO No início deste ano, um dos clubes mais tradicionais de São Paulo se tornou centro de uma polêmica que extrapolou o mundo da música eletrônica. A D-Edge, balada que já recebeu DJs renomados como o americano Jeff Mills e o francês Laurent Garnier, acendeu suas luzes e encheu sua pista principal de cadeiras para receber um culto evangélico liderado pela cantora Baby do Brasil.

Entre piadas sobre sentir a onda do Espírito Santo, a pastora fez comentários a respeito de perdoar abusadores e trouxe um convidado ao palco que falou sobre ter sido curado da homossexualidade. Para alguns, o episódio foi apenas um momento infeliz na carreira do clube icônico. Renato Ratier, que fundou a D-Edge no começo dos anos 2000 e se converteu à religião há cerca de quatro anos, pediu desculpas pelos comentários preconceituosos e disse que não faria outro culto na boate.

Mas o caso também pode ser visto como um símbolo da desconexão entre a música eletrônica comercial, com seus clubes estabelecidos e megafestivais, e as festas independentes e sons do underground que há anos brigam por espaço em São Paulo.

Em 2017, com a capital sob o comando de João Dória, essa guerra se deu explicitamente nas ruas do centro paulistano. Quando a festa Mamba Negra foi impedida de realizar uma de suas edições no espaço Fabriketa pela prefeitura, que apontou a falta de um alvará, o coletivo saiu com um trio elétrico da Via Matarazzo, onde a festa aconteceu, em direção à avenida Mário de Andrade, que abriga a D-Edge.

Eles protestavam contra a participação de Ratier na Anep, a Associação da Noite e do Entretenimento Paulistano, que chegou a realizar reuniões na presença do então vice-prefeito Bruno Covas. Quase dez anos depois, as festas independentes se retraem cada vez mais. Se não estão em clubes fechados, como Teia Klub e Fabrique, estão no alto de prédios no centro da cidade, em novas baladas como Ephigênia e Matiz.

Festivais com um pouco mais de público, como Gop Tun e Batekoo, conseguem tomar espaços mais amplos como o Estádio do Canindé. Mas não sem alguns desafios — a edição do ano passado da Batekoo, por exemplo, foi cancelada por falta de patrocínio.

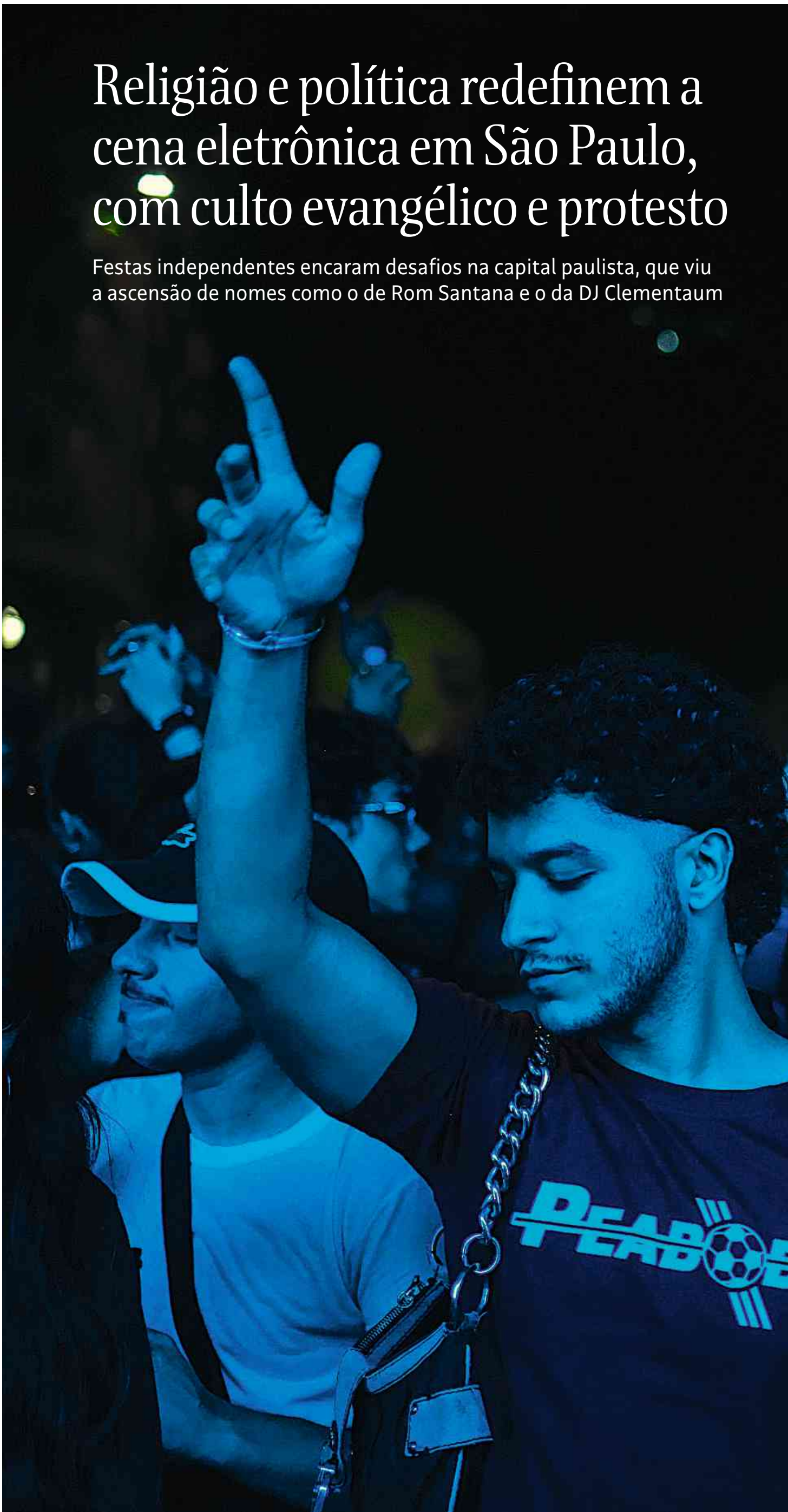
Neste ano, alguns eventos com uma curadoria que puxa mais para o lado alternativo da música eletrônica também sofreram com percalços políticos. A Boiler Room, que fez um festival de três dias em São Paulo no ano passado, teve um evento cancelado em agosto depois de protestos pró-Palestina.

Em 2022, a marca foi comprada pela produtora Superstruct Entertainment, que mais tarde foi vendida ao fundo de investimentos KKR, que financia empresas israelenses. No mesmo mês, a DGTL, outra festa no catálogo da Superstruct, também foi cancelada. Enquanto isso, a música eletrônica comercial vai de vento em popa. Quem curte a linha mais pop do techno e do house viveu um ecossistema redondo.

Continua na pág. B5

Religião e política redefinem a cena eletrônica em São Paulo, com culto evangélico e protesto

Festas independentes encaram desafios na capital paulista, que viu a ascensão de nomes como o de Rom Santana e o da DJ Clementaum





Festa Mamba Negra
na Virada Cultural
de 2025 Felipe Iruatã -
24.mai.2025/Folhapress

Continuação da pág. B4

Esse público contou com eventos enormes e fechados no recém-reformado vale do Anhangabaú, festivais com line-ups que se repetem ano após ano e produtoras bem estabelecidas, como a Boma. Nem mesmo questões políticas atrapalham — com um palco inteiramente dedicado ao psytrance, gênero fortemente ligado a Israel, o Tomorrowland Brasil trouxe vários DJs do país para tocarem na edição deste ano.

Ao contrário do que houve com as empresas envolvidas com a KKR, não houve protestos. Nesse contexto de distanciamento entre underground e mainstream da música eletrônica, ganhou força nas redes sociais brasileiras o discurso importado de que a geração Z estaria cansada de festas e que as baladas estariam fechando. É questionável se essa teoria se aplica ao Brasil e a São Paulo.

Bailes funk como o Baile do Helipa, o Baile da Marcone e o baile fechado Casarão seguem realizando eventos gigantes nas periferias paulistanas — mesmo sofrendo com repressão policial e sendo alvo da CPI dos Pancadões, que apura falhas na fiscalização de festas. No centro, o músico Rom Santana encheu as ruas do Bexiga e da Barra Funda a ponto de parar o trânsito com apresentações, que renderam a ele um lugar no line-up do Batekoo e uma turnê no Rio de Janeiro.

Outro queridinho do público paulistano é o Zig, clube de Rafa Maia que se mantém como um dos únicos espaços noturnos da cidade a apresentar uma identidade sonora consistente. Com três unidades, duas no centro e uma na Barra Funda, e um festival próprio, a balada de público LGBTQIA+ sustenta sua própria cena e ficou à frente da curva do pop neste ano, trazendo nomes ainda não tão conhecidos como as britânicas Bree Runway e Rose Gray e a argentina Six Sex.

O underground eletrônico paulistano também cria fenômenos, como a DJ paranaense Clementa e o duo de funk Irmãs de Pau, que recentemente ampliaram a exposição de seus sons para o mainstream, gravando uma faixa com o carioca Pedro Sampaio. Os DJs Adame e Caio Prince apareceram no disco da britânica PinkPantheress, novo nome de destaque no pop global.

Tanto no circuito underground quanto no mainstream, São Paulo se estabelece cada vez mais como parada obrigatória para DJs do mundo todo. Todos os artistas do tradicional top dez da revista britânica DJ Mag — que inclui o brasileiro Alok — passaram pela cidade neste ano. Ecos de tendências mundiais, como o eletrônico latino e o dancehall, também apareceram em line-ups pela capital paulista. A última festa Mamba Negra do ano, que aconteceu na semana retrasada, teve o venezuelano Wost como headliner.

Abrindo seu set com o sol já raiando, o artista tocou “Un Verano en Nueva York” do grupo El Gran Combo, faixa de onde vem o “sample” que introduz “Nuevayol”, de Bad Bunny. Ecoando o artista mais ouvido do ano, o DJ deixou claro como as pistas paulistanas se conectam com o pop global, seja como inspiração ou reflexo.

Morre a atriz Brigitte Bardot, uma lenda do cinema francês e um ‘sex symbol’ absoluto

Artista encarnou a imagem da mulher leve, moderna e ativa e saiu de cena antes dos 40, para defender os animais e atacar as minorias

Inácio Araujo

SÃO PAULO Alguém escreveu que, antes de BB, a mulher que tinha um amante era uma sem-vergonha. Depois de BB, é uma mulher liberada. A frase pode não ser de todo correta, mas também não está longe de uma verdade.

Brigitte Bardot, morta aos 91 anos, encarnou, desde os anos 1950, a imagem da mulher leve, moderna, insinuante e de uma beleza sem afetações, mas sobretudo livre. Sua morte foi confirmada neste domingo pela fundação que leva o nome da atriz, que não informou a causa do óbito.

Essa imagem se tornou famosa em todo o mundo, não por causa da França, mas pelos Estados Unidos, já que “E Deus Criou a Mulher”, de 1956, fracassou em seu lançamento na França e foi massacrado. Quem se salvou foram os cineastas Claude Chabrol, François Truffaut e Jean-Luc Godard, que de imediato viram no filme o surgimento de uma França moderna e, em Bardot, o símbolo da nova mulher francesa.

Resultado —Roger Vadim, autor do filme e então marido de Bardot, relançou a obra nos Estados Unidos, onde o sucesso foi o bastante para reverter o fracasso original, se espalhar pelo mundo e ainda fazer dela um “sex symbol” absoluto de sua era.

Sua vida na arte começou pelo balé. Filha de um industrial de família tradicional e católica de Paris, nascida em setembro de 1934, começou a dançar aos oito anos. Aos 15, ela se tornou capa da revista Elle e chamou a atenção do cineasta Marc Allegret.

Duas coisas aconteceram nesse momento, no entanto. A primeira foi cruzar com Roger Vadim, encontro em que ambos se apaixonaram de imediato. A segunda foi o drama familiar que viveu, já que o pai não queria ver a filha de modo algum no cinema. Bardot foi salva pelos argumentos do avô que a defendeu —“se tiver de ser puta, essa menina vai ser com o cinema ou sem ele”.

Em dezembro de 1952, aos 18, Bardot se casou com Vadim. O convite de Allegret primeiro não deu em nada, mas ela conquistou papéis numa série de filmes.

A celebridade que chegou

com “E Deus Criou a Mulher” foi instantânea e basicamente mundial. Ainda nos anos 1950, Kirk Douglas, fascinado, queria levar a atriz para os Estados Unidos. Mas sua mulher não deixou.

Nem sempre foi um mar de alegria. Na comédia “Babette Vai à Guerra”, de 1959, Bardot passa de sedutora fatal a garota inocente. Em “A Verdade”, de 1960, ela se embrenha pelo drama, dirigida por Henri-Georges Clouzot.

Foi o mais sádico cineasta, talvez. Antes de rodar uma cena dramática, BB teve a má ideia de sorrir. Furioso, Clouzot se levantou e pisou no pé da atriz com o salto de seu sapato. Ela chorou de dor, enquanto o diretor berrava “eu não preciso de amadores no meu set”.

O método pode ter sido estúpido, mas, por uma vez, trouxe a crítica para o lado da atriz. O filme foi para o Festival de Veneza, na Itália, onde as multidões se aglomeraram para ver Bardot.

Com Louis Malle, fez “Vida Privada”, de 1961, com ela como atriz e personagem. Vida privada era o que BB menos tinha a essa altura. Quando rodava uma cena na Suíça, com Marcello Mastroianni, foi recebida a ovos, tomates e insultos vários, por suíços que ordenavam que a atriz fizesse suas sujeiras lá onde nasceu.

Como nem só de ser ofendida BB vivia, em 1960 ingeriu barbitúricos e cortou os pulsos no dia do seu aniversário. Foi encontrada perto de uma propriedade rural em Menton. Sua fama dificultou até mesmo a chegada aos hospitais, já que a ambulância em que se encontrava foi impedida de prosseguir pelos fotógrafos que cercavam a estrela.

A mesma fama permitia liberdades a ela. À pergunta “o que você usa para dormir?”, que Marilyn Monroe respondeu dizendo “Chanel Nº 5”, Bardot responderia de modo mais atrevido —“os braços do meu amante”.

Ela se casou com o ator Jacques Charrier, em 1959, de quem engravidou. Disse que os nove meses foram massacrantes. Para o parto, foi montado uma espécie de bunker em um apartamento. Bardot detestou ter o filho, Nicolas-Jacques, que foi criado pela família de Charrier.

Continua na pág. B7



Continuação da pág. B6

Discreto, o filho de Brigitte Bardot vive na Noruega com a mulher. Em 1962, a atriz se separou do depressivo Jacques Charrier. Em 1964, veio passar o verão no Brasil, já em companhia do namorado Bob Zagury, que a levou até Armação dos Búzios, no Rio de Janeiro, onde ela ganharia uma estátua em tamanho natural. Bardot depois se casou com outro ricoço, Gunter Sachs. Em 1969, o casamento acabou.

Se algo ficará para sempre, no entanto, é a parceria com Jean-Luc Godard. Ela não era a preferência de Godard para “O Desprezo”. Foi imposta pelo produtor do filme, Joseph Levine. Também não queria filmar nua. Foi imposição de outro produtor, Carlo Ponti, para quem, se estava pagando para ter BB, que ela aparecesse nua.

O que há de mais célebre no

filme não é nenhuma cena. É a aposta que fez com Godard. Ele não suportava a altura do penteado da atriz. Ela adorava. Ele então propôs que andaria de ponta-cabeça, com as mãos no chão, e a cada passo que avançasse sem parar ela abaixaria um centímetro da célebre cabeleira. Ele conseguiu dar 11 passos. Ela pagou a aposta.

O resultado foi magnífico, mas BB percebeu todo o tempo que seu papel não era outro senão o de Anna Karina, e que Godard estava, a rigor, filmando o fim de seu casamento com sua então mulher. Não reclamou.

Não foi nem o início nem o final de sua carreira. Mas é preciso reconhecer que daí por diante ela foi quase sempre mais célebre pelos filmes que rejeitou do que pelos que fez. Recusou, por exemplo, estar em “007 - A Serviço Secreto de Sua Majes-

tade”, de 1969. “Adoro os filmes de James Bond, desde que feitos sem mim”, a atriz afirmou.

Não era por nada que se dizia que BB sabotava a própria carreira. Também não quis fazer “Crown, O Magnífico”, de 1968, grande sucesso de Norman Jewison com Steve McQueen e Faye Dunaway, que ficou com o seu papel. Com efeito, fez o frouxo “As Petroleiras”, de 1971, de Christian-Jaque, apenas pelo prazer de fazer dupla com Claudia Cardinale. Topou o faroeste “Shalako”, de 1968, filme de Edward Dmytryk.

Em contrapartida, quis arduosamente filmar “A Sereia do Mississipi”, desde que François Truffaut anunciou o projeto. Mas Truffaut a preferiu em favor de Catherine Deneuve. Bardot ficou furiosa e festejou quando soube que o filme era um fracasso.

✚

Os principais papéis de Brigitte Bardot no cinema

‘As Grandes Manobras’ (1955), René Clair
Um tenente francês aposta que vai seduzir qualquer mulher da cidade antes da partida de seu regimento, mas a sua escolhida não é como as outras que ele já conhecera

‘E Deus Criou a Mulher’ (1956), Roger Vadim
Na ensolarada Saint-Tropez, no litoral da França, Juliette é cobiçada por um milionário, ama outro homem, mas acaba se casando com o irmão

‘Babette Vai à Guerra’ (1959), Christian-Jaque
Refugiada em Londres, uma ingênua jovem francesa é enviada de paraquedas à França ocupada para ajudar a capturar um general alemão por lá

‘A Verdade’ (1960), Henri-Georges Clouzot
Uma jovem do interior se muda para Paris e acaba no banco dos réus, acusada do assassinato de seu amante, um maestro que acaba de se formar

‘Vida Privada’ (1961), Louis Malle
Uma jovem se torna uma grande estrela de cinema em Paris e, de repente, vê a sua vida privada invadida por fãs muito insistentes

‘O Desprezo’ (1963), Jean-Luc Godard
O roteirista de uma adaptação de ‘Odisseia’ vê o seu casamento entrar em crise à medida que sua mulher se envolve com o produtor, revelando sentimentos que corroem a relação

‘Viva Maria!’ (1965), Louis Malle
Em um país imaginário da América Latina, Maria, personagem da atriz, conhece outra Maria, papel de Jeanne Moreau. Juntas, elas se envolvem com um líder revolucionário

‘As Petroleiras’ (1971), Christian-Jaque
Nesse faroeste cômico, a atriz e Claudia Cardinale vivem uma disputa familiar depois da descoberta de petróleo na propriedade de uma das duas

Em 1973, decidiu encerrar sua carreira no cinema, com 45 filmes rodados. Prosseguiu com a música até os anos 1980, tendo gravado cerca de 70 canções. Bardot já se dedicava à proteção da vida animal e se dispôs a escrever à Organização das Nações Unidas em defesa do vegetarianismo. Depois intensificaria seus esforços nessa direção. Mais de uma vez disse que prezava os animais mais que os homens.

Só em 1992, já bem longe do cinema e até da música, ela se casou novamente, desta vez com o industrial Bernard d’Ormale, conselheiro político de Jean-Marie Le Pen. A adesão à extrema direita que se seguiu detonou outra e não menos escandalosa existência para BB. Conservadora ela sempre foi e disse que era. Agora, no entanto, dizia se opor ao islamismo devido à maneira como eram sacrificados os animais.

Mais polêmica — seu voto em Marine Le Pen para a presidência da França. Líder do Reunião Nacional, o RN, partido de extrema direita francesa, Le Pen comentou a morte da atriz. “Ela era incrivelmente francesa. Livre, indomável, íntegra. Sentiremos muito a sua falta”, escreveu no X, o antigo Twitter.

O presidente da França, Emmanuel Macron, também se pronunciou. “Seus filmes, sua voz, sua fama deslumbrante, suas iniciais, suas tristezas, sua paixão com os animais. Brigitte Bardot personificava uma vida de liberdade”, disse também no X.

Bardot foi condenada mais de uma vez por ódio racial. Ela nunca aceitou as denúncias, disse que jamais incitou alguém a odiar em especial muçulmanos. No entanto, fez declarações contra a população muçulmana. “Ela nos destrói, destrói nosso país, impondo seus hábitos a nós”, afirmou.

Também não foi propriamente gentil com os imigrantes ilegais na Europa — “clandestinos ou mendigos profanam e tomam de assalto nossas igrejas para as transformar em chiqueiros”.

Em setembro deste ano, ela lançou o livro “Mon BBcédair”, no qual ela dá sua opinião sobre o mundo. “A liberdade é ser você mesmo, mesmo quando incomoda”, escreveu já no prólogo.

O distanciamento também dos franceses não foi tão menos radical. Não por acaso escreveu em seu livro “Larmes de Combat”, de 2018, que não fazia parte da espécie humana. “Eu me sinto diferente, quase anormal.” E talvez por se sentir diferente, achou, quando tratou um câncer no seio, que o melhor seria não dar importância à doença. Ideia que Jane Birkin conseguiu tirar a tempo da cabeça da atriz.

Nesse seu livro-testamento, ela credita à luta pelos direitos dos animais a força para ter se livrado das luzes da ribalta. De um modo ou de outro, essas luzes nunca a abandonaram — BB pode ter tido seus defeitos, mas foi uma estrela do começo ao fim.

Leia mais na pág. B8



Brigitte Bardot em cena de ‘A Verdade’, de Henri-Georges Clouzot. Collection ChristopheL via AFP



A atriz Brigitte Bardot nas gravações do filme 'O Desprezo', obra de Jean-Luc Godard. Marcelo Geppetti

Brigitte Bardot foi o olhar que devolve o desejo

Análise

Atriz, cancelada, sai de cena como a bela que virou fera, depois de bradar contra imigrantes, muçulmanos, judeus e gays

Guilherme Genestreti

Editor de Folhateen, Folhinha e Turismo

SÃO PAULO Brigitte Bardot não foi a primeira nem a segunda nem a terceira opção para viver Camille Javal, a mulher escanteada de “O Desprezo”, filme lançado por Jean-Luc Godard em 1963. O que se conta é que Kim Novak, Sophia Loren e Monica Vitti estavam na fila, mas não puderam ou não quiseram abraçar esse papel.

Foi a chegada de mademoiselle BB que transformou a obra no que ela é, a mais sublime de toda a carreira do cineasta. Metade de todo o orçamento do longa, aliás, foi para a atriz, já consagrada como o maior “sex symbol” do planeta, graças a “E Deus Criou a Mulher”, rodado seis anos antes.

Godard diria que só a escalou porque “fazia parte do pacote”, mas não deixou de ironizar o fato de que tinha à disposição a figura mais desejada pelos homens. Em boa parte das cenas, ocultou suas famosas madeixas loiras debaixo de uma peruca morena e, numa piscadela aos produtores que exigiam cenas tórridas, a desnudou logo em sua primeira aparição.

“Vê os meus pés no espelho? Gosta deles? E dos meus joelhos, você gosta? E das minhas coxas? Dos meus ombros? E da minha cara? Toda?”, ela pergunta ao marido, deitada de bruços, enquanto a câmera passeia por seu

corpo para se demorar em seu fabuloso “derrière”, escancarado.

Com o mais metalinguístico dos diretores, a cena ganha camadas. O que na superfície é erótico se torna um comentário sobre o próprio voyeurismo no cinema — de um olhar que se sabe cúmplice, que se exhibe e se questiona.

A cena é ainda um resumo da inflexão que “O Desprezo” provocou na carreira da atriz. É como se, depois dele, ela deixasse de ser apenas vista e passasse a olhar de volta, o que selou seu afastamento de obras que apenas a tinham por objeto de fetiche e a pôs bem no coração da nouvelle vague.

No começo da trama, temos os dois personagens centrais, estirados num provável momento pós-sexo, pouco antes de tudo desmoronar. Michel Piccoli vive Paul Javal, autor de histórias detetivescas de qualidade duvidosa que é chamado a desenvolver o roteiro para uma adaptação cinematográfica de “Odisseia”, de Homero, a ser filmada pelo lendário Fritz Lang, interpretado pelo próprio. Jack Palance faz Jeremy Prokosch, o truculento produtor americano que o contrata.

As coisas desandam no casamento de Paul quando Camille, sua mulher, passa a desconfiar que ele não a valoriza. Nem sequer teme deixar a moça a sós com o macho alfa Prokosch. Nos 103 minutos seguintes, veremos

o marido se emascular diante dela. É o desprezo do título que toma conta. A certa hora, ele indaga por que a moça parece tão pensativa. “Acredite ou não, eu penso. Surpreende você?”, ela retruca, rejeitando o papel de esposa-troféu.

Tudo culmina no terço final do longa, ambientado numa deslumbrante casa de veraneio em Capri, na Itália, sobre rochas tão dramáticas quanto as curvas de Bardot. Lang e o produtor americano não parecem se entender sobre o que leva Ulisses, protagonista de “Odisseia”, a empreender a viagem a Troia. O último defenestre de maneira ardorosa que o estopim é a infidelidade de Penélope, casada com o herói helênico. Quando Paul parece endossar essa versão, Camille se enfastia de vez e rumo ao desfecho trágico.

“O Deprezo” é o filme mais linear, mais quadrado, de Godard, com uma narrativa claramente delimitada por três atos. Ainda assim, como de costume na obra do cineasta franco-suíço, a trama é só uma moldura. Ele reflete sobre o embate entre arte e comércio no cinema, que ocorre dentro e fora das telas, e põe no liquidificador boa parte do cânone ocidental, como mitologia grega, o movimento romântico, a contracultura, o expressionismo alemão e a era das celebridades.

Não à toa, opõe as duas tradições herdeiras — a europeia, per-



‘O Desprezo’, obra de Jean-Luc Godard, causou uma inflexão na carreira de Brigitte Bardot. É como se a atriz deixasse de ser apenas vista e passasse a olhar de volta, o que selou seu afastamento de obras que apenas a tinham por objeto de fetiche e a pôs bem no coração da nouvelle vague. A obra reflete sobre o embate entre a arte e o comércio no cinema, visto dentro e fora das telas, e joga em um liquidificador visual uma grande parte dos cânones que são marcas do Ocidente, como mitologia grega, o romantismo, a contracultura, o expressionismo alemão e a era das celebridades vazias

sonificada por Lang, e a americana, por Prokosch — para duelar em torno de como interpretar a certidão de nascimento dessa civilização, a obra de Homero.

Tudo isso recai sobre um drama puramente doméstico, uma crise conjugal em meio à turbulência da revolução dos costumes dos anos 1960, das quais os próprios Godard e Bardot foram alguns dos principais motores. O curioso é que nos anos seguintes, os dois, artista e musa, se radicalizaram em direção a polos opostos.

Ele abraçou causas da esquerda, flertou com o maoísmo, simpatizou com os norte-vietnamitas que lutavam contra o Exército americano e ficou cada vez mais hermético, filmando até a morte.

Ela largou o cinema pouco antes de completar 40 anos dizendo que queria “sumir com elegância”, aparecendo no noticiário apenas quando bradava contra imigrantes, muçulmanos, judeus, gays ou apoiava ultradireitistas como Jean-Marie Le Pen. Agora, em tempos de ultrassensibilidade “woke”, sai de cena pintada como um monstro, a bela que virou fera por causa de suas posições políticas.

Mas é só rever esse que é o único filme que BB fez com Godard e congelar diante do olhar que ela por vezes lança para a câmera para entender por que o longa se tornou peça central da história do cinema. A todo o resto, o desprezo.

Não há Ano-Novo no Brasil

O Supremo lança sua sublime sombra sobre a Acrópole e se diz filho único de Atenas

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'A Era do Niilismo'. É doutor em filosofia pela USP

O Brasil é um cemitério de filósofos. Caçadores de túmulos buscam localizar suas tumbas, mas, apesar de identificarmos o odor azedo da morte deles por todos os lados e apesar de essas mortes serem encenadas todos os dias das mais variadas formas, até hoje os caçadores de túmulos não tiveram qualquer sucesso.

Talvez seja da natureza do Brasil tornar impossível qualquer atividade que siga um método e uma prática racionais. O sucesso no Brasil é reservado aos bandidos, aos canalhas e aos répteis.

Um dos grandes filósofos assassinados no Brasil é Montesquieu. Conhecido pela defesa da separação entre os três Poderes, Montesquieu se desespera lá do além vendo a patifaria que a República brasileira é desde o golpe de 1889, que destituiu a razoável monarquia nacional. Uma monarquia constitucional poderia, talvez, diminuir o grau de ridículo que passamos a cada eleição desde então. O ano de 2026 já está perdido: ninguém fará nada.

O STF acaba de declarar solenemente, com toda pompa e circunstância, que na grande capitania hereditária do Brasil há “racismo estrutural” e que medidas devem ser tomadas. A famosa frase de Luís 14, “o Estado sou eu”, deveria ser escrita no teto da sala de reuniões magistras do STF. Engolindo, com um sorriso na face, os outros dois Poderes, o extinto Poder Executivo e o guloso e corrupto Poder Legislativo, o STF projeta sua sublime sombra sobre a Acrópole, declarando-se her-



Ricardo Cammarota

Um dos grandes filósofos assassinados no Brasil é Montesquieu. Conhecido pela sua defesa da separação dos três Poderes, Montesquieu se desespera do além vendo a patifaria que a República brasileira é desde o golpe de 1889, que destituiu a razoável monarquia então vigente

deiro absoluto da democracia ateniense com todos os poderes.

O que significa o “reconhecimento legal” de que há racismo estrutural no Brasil e de que medidas devem ser tomadas imediatamente? Na prática, isso significa o aprofundamento do mercado de contencioso no Brasil e o contínuo deslize do país em direção a uma república refém de juízes, promotores e advogados, em uma catástrofe histórica.

Montesquieu não só foi morto, como foi desmoralizado no país. Não só não há separação entre os Poderes no Brasil, como os próprios Poderes só servem para destruir os brasileiros, ainda que gritem bravatas do tipo “está declarado oficialmen-

te que há racismo estrutural no Brasil”. Imagino que em breve o STF declarará solenemente que “há vida inteligente fora da Terra e que medidas sejam tomadas para que o eterno Lula mande navas espaciais até esses locais a fim de extraditar possíveis bolsonaristas e golpistas que lá estejam”.

Outro filósofo assassinado todo dia no Brasil é o pobre e obsessivo Immanuel Kant. Definitivamente, não há maioria no Brasil. Segundo Kant, a maioria seria o estado em que uma pessoa introjetaria a lei moral racional universal, superando a necessidade de contenção externa —ou seja, já com a lei no coração, sem necessidade da espada no pescoço. Tal pessoa passaria

a ter a virtude moderna por excelência, a autonomia moral. No Brasil, a última vez que Kant foi visto, ele corria, desesperadamente, recebendo pauladas de todos os lados. Aqui, até o STF espanca Kant. Mas o que vem a ser “introjetar a lei moral racional universal”? E qual seria essa lei?

O termo “introjetar” aqui é, seguramente, uma licença poética anacrônica. Significa “colocar para dentro”, “assimilar”. Nesse sentido, “introjetar a lei moral” significa assimilá-la “como uma segunda natureza”, termo comum em filosofia moral desde Aristóteles. Agirás de acordo com a lei moral de modo natural, assim como tu respiras.

Por sua vez, a lei moral racional universal kantiana é o seguinte: cada vez que você for fazer algo, se pergunte antes “todo mundo poderia fazer a mesma coisa?”. Se a resposta for não, você não estaria sendo ético. Se ninguém catar o cocô do cachorro na rua, o bairro será um lixo, se todo mundo estacionar o carro no shopping ocupando duas vagas, o espaço terá apenas metade das vagas.

Logo, ser ético é catar o cocô do cachorrinho na rua. Ser ético é ocupar apenas uma vaga no estacionamento no shopping. Essa forma de pensamento ético se chama “imperativo categórico”. Só é ético aquilo que vale para todos. No Brasil, isso é uma piada.

Esses são exemplos singelos. Imagine se passássemos a exemplos institucionais maiores e mais dramáticos? Talvez o STF declarasse que, oficialmente, há um déficit de prática moral baseada no imperativo categórico no país e que medidas urgentes deveriam ser tomadas a fim de resolver esse déficit. Pergunta: começariam eles mesmos, membros da corte, a praticar esse tipo de autocontenção? Duvido.

Enfim, desejar feliz Ano-Novo no Brasil é uma piada de mau gosto. Aqui, nunca há Ano-Novo.

SEG. Luiz Felipe Pondé TER. João Pereira Coutinho QUA. Wilson Gomes QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres SEX. Djamilia Ribeiro SÁB. Mario Sergio Conti

MULTITELA

Thriller de ação com Glen Powell chega aos serviços de streaming

O Sobrevivente

Lojas Claro TV+, Vivo e Oi, 18 anos

O thriller de ação estrelado por Glen Powell se passa nos Estados Unidos, onde o programa de maior audiência da televisão é uma competição em que participantes precisam sobreviver por 30 dias enquanto são caçados por assassinos profissionais. Desesperado para salvar a filha doente, Ben Richards aceita entrar no jogo como último recurso. Também estão no elenco Josh Brolin, Colman Domingo e William H. Macy.

Norita

Prime Vídeo, 12 anos

Desde que perdeu o filho durante a ditadura de Jorge Rafael Videla, na Argentina, Norita Cortiñas liderou protestos em Buenos Aires que ajudaram a pôr

Jacqueline Cantore
cantorejac@gmail.com



Paraíso em Chamas

Belas Artes à la Carte, 18 anos

Três jovens irmãs vivem sozinhas, sem a mãe. Quando o conselho tutelar as procura, a irmã mais velha tenta encontrar uma substituta para o lugar materno. A sueca Mika Gustafson foi premiada no Festival de Veneza, na Itália, atuando no filme dois anos atrás

fim ao regime. Hoje, ela continua lutando por justiça, inspirando uma nova geração de mulheres, e é tema do documentário produzido, entre outros, por Jane Fonda e Gustavo Santaolalla.

Operação 49

Adrenalina Pura+, 16 anos

Baseado em fatos, o thriller de ação acompanha uma arriscada operação do serviço nacional de inteligência da Turquia para resgatar 49 funcionários feitos prisioneiros no consulado turco após a invasão de Mossul pelo Estado Islâmico, em 11 de junho de 2014.

Estrada de Sangue

Netflix, 16 anos

Produção da AMC exibida nos anos de 2014 e 2015, a série policial tem duas temporadas. Jason Momoa interpreta Phillip Kopus, um enigmático líder indígena que mantém uma relação tensa com o xerife de uma pequena cidade americana.

Martin Henderson e Julianne Nicholson completam o elenco.

Roda Viva

TV Cultura, 22h, livre

O programa reprisa a entrevista com a atriz Paolla Oliveira, realizada em maio deste ano, quando ela ainda estava no ar no remake da novela “Vale Tudo”, interpretando Heleninha Roitman. Na conversa, Oliveira defendeu o aborto como uma escolha da mulher e falou sobre a pressão estética que enfrenta.

Luca

TV Globo, 22h20, livre

A animação da Pixar acompanha Luca, um jovem monstro marinho, e seu amigo Alberto, que vivem um verão transformador nas praias italianas. À medida que exploram a superfície, os dois precisam esconder sua verdadeira natureza. O filme aborda temas como amizade, pertencimento e o medo do desconhecido.

TELEVISÃO

Morre o ator Thierry Tremouroux, que fez a novela ‘Nos Tempos do Imperador’, aos 65

SÃO PAULO Morreu o ator Thierry Tremouroux, da novela “Nos Tempos do Imperador”, aos 65. A informação foi compartilhada pela família no Instagram.

“Vai tranquilo, amor. Fez bem demais, fez lindo. Como você é amado, pai! Que sorte poder ter aprendido desde cedo o verdadeiro valor da vida”, disse a filha Lara. A causa da morte não foi informada. Há três anos, o ator recebeu diagnóstico de câncer.

Ainda neste ano, Tremouroux trabalhou no seriado “Os Donos do Jogo”, da plataforma Netflix. Em “Nos Tempos do Imperador”, novela das seis exibida na TV Globo em 2021, ele interpretou Eugênio. Atuou ainda na série “Filhos da Pátria”.

Outro Canal

O colunista está em férias



Em seu 11º teste, o foguete Starship, da SpaceX, decola da Starbase, no Texas (Estados Unidos), em outubro deste ano Steve Nesius/Reuters

No século 21, foguetes reutilizáveis abrem o Sistema Solar à humanidade

Voar ao espaço pode, nos próximos 25 anos, tornar-se algo quase tão comum quanto viajar de avião; tecnologia para reuso rápido de lançadores viabiliza novas aplicações

Salvador Nogueira

SÃO PAULO O espaço nunca mais será o mesmo depois do primeiro quarto do século 21. Pela primeira vez, a humanidade dominou com sucesso a tecnologia considerada como o Santo Graal da ciência de foguetes: a reutilização prática.

Foguetes, em sua forma rudimentar, já existem desde a Antiguidade. A partir do início do século 20, graças aos trabalhos de Konstantin Tsiolkovsky, ficou claro que esse instrumento viabilizaria as viagens espaciais, o que se tornou realidade com os V-2 suborbitais desenvolvidos por Werner Von Braun para a Alemanha nazista, em 1944, como arma de guerra (foram os primeiros foguetes a atingir o espaço), e mais tarde consolidaram seu uso dual, também útil para fins pacíficos.

Apesar de sua efetividade, obtida por meio da combinação de propulsão por combustão química e o esquema de estágios (partes do foguete são descartadas ao longo do voo), esses lançadores tinham uma diferença fundamental com relação a quaisquer outros veículos já desenvolvidos pela humanidade: apesar de enormes e caríssimos para sua construção, eram descartados após um único uso.

Foi basicamente essa realidade que impediu, durante décadas, o voo espacial de atingir uma frequência e um alcance similar à do transporte aéreo.

Como os foguetes, aviões também são máquinas caríssimas. Diferentemente deles, um único avião pode fazer milhares de voos com manutenção rápida e modesta, amortizando o custo do veículo em um uso que pode se estender por décadas.

Transição difícil

Não escapou aos gestores dos programas espaciais pelo mundo esse fato. Com efeito, após os EUA vencerem a corrida contra a União Soviética, a decisão emanada do governo americano era reduzir custos, desenvolvendo o que viria a ser o primeiro foguete reutilizável. Estamos falando dos ônibus espaciais.

Desenvolvidos nos anos 1970 e lançados pela primeira vez ao espaço em 1981, esses veículos subiam como foguetes e desciam como aviões. Todo o sistema era essencialmente reutilizável, exceto pelo imenso tanque de combustível acoplado ao orbitador, que era descartado no oceano após ter esgotado seu conteúdo, mas era relativamente barato e podia ser fabricado em massa.

A ambição original da Nasa para eles era trazê-los um passo mais perto da dinâmica da aviação, realizando até 52 voos por ano.

Mas essa ambição jamais se realizou. A manutenção entre voos era lenta, e o recorde de “turnaround” (tempo entre voos) de um mesmo ônibus espacial foi estabelecido em 1985 — “apenas” seis semanas. Contando todos os veículos, o recorde de voos em um ano foi naquele mesmo 1985: nove.

Isso já forçando ao limite os critérios de segurança. Tanto que, em 1986, viria a tragédia do ônibus espacial Challenger, que explodiu pouco após a decolagem matando os sete astronautas a bordo.

O ônibus espacial, em contraste com os aviões, oferecia riscos inerentes ao design, que não podiam ser completamente eliminados. Ainda assim, a Nasa os manteve em operação até 2011, passando por mais um acidente fatal com o Columbia, em 2003, a fim de concluir a construção da Estação Espacial Internacional.

Estava claro, àquela altura, que eles exigiam tanta manutenção e traziam tantos riscos que sua operação era mais cara até do que voos com os convencionais foguetes descartáveis, como predominou na União Soviética e, mais tarde, na Rússia.

123 metros

de altura tem o Starship, com seus dois estágios. A SpaceX, de Elon Musk, conduziu 11 voos de teste de 2023 até 2025. Neles, a empresa já conseguiu levar o primeiro estágio de volta à plataforma após o lançamento

98 metros

de altura tem o New Glenn, também de dois estágios. A Blue Origin, de Jeff Bezos, realizou a estreia do veículo em janeiro de 2025 e fez um segundo voo em novembro, quando pousou o primeiro estágio em uma balsa no mar

De volta para o futuro

Os entusiastas da exploração espacial evidentemente não estavam satisfeitos com esse estado de coisas. O que poderia ser feito para mudar essa dinâmica?

A inspiração veio dos primórdios da aviação, em que os pioneiros eram incentivados a inovar em busca de prêmios. Em 1996, o engenheiro Peter Diamandis criou o Prêmio X, que pagaria US\$ 10 milhões ao primeiro grupo privado que conseguisse desenvolver um veículo suborbital (capaz de voo espacial, mas sem atingir velocidade orbital) que levasse um piloto em dois voos, separados por não mais que duas semanas.

O projeto mais tarde seria rebatizado de Prêmio X Ansari, após uma doação do casal Anousheh e Amir Ansari, e o vencedor surgiria em 2004, com a SpaceShipOne, projeto do engenheiro Burt Rutan com financiamento de Paul Allen, cofundador da Microsoft.

Em paralelo, sem participar da disputa pelo Prêmio X, Jeff Bezos abria a Blue Origin. Inicialmente cercada de segredos, ela pretendia completar a escadinha de desenvolvimento que ia do voo suborbital ao orbital por meio de foguetes reutilizáveis. Não com espaçoplano, mas com modelos mais tradicionais, tentando o que parecia impossível: além da decolagem, realizar o pouso também na vertical, usando propulsão.

Pouco se menciona, mas o primeiro foguete a realizar um pouso vertical controlado após impulsionar uma cápsula ao espaço (embora em voo suborbital) foi o New Shepard, em 23 de novembro de 2015. Mas a liderança duraria pouquíssimo tempo.

Continua na pág. B11



New Glenn, da Blue Origin, decola em novembro de 2025 em missão com sondas para investigar a história climática de Marte Divulgação Blue Origin

Continuação da pág. B10

O X da questão

Após inúmeros experimentos, a SpaceX, de Elon Musk, realizou o primeiro pouso vertical de um de seus primeiros estágios do foguete Falcon 9 em 21 de dezembro de 2015, logo depois do New Shepard. A diferença entre os feitos, contudo, era colossal.

Enquanto um foguete suborbital só sobe até a beirada do espaço (100 km de altitude) e desce de volta, atingindo quando muito uns 5.000 km/h, um foguete que impulsionará um veículo até a órbita precisa atingir uma velocidade muito maior, cerca de 27 mil km/h. Isso implica desafios muito maiores quando um estágio desse foguete precisa reentrar na atmosfera e guiar-se para um pouso vertical controlado.

Somente uma combinação de poder computacional de processamento rápido e grande quantidade de sensores embarcados torna essa jornada possível.

Desde então, a SpaceX demonstrou proficiência na manobra, recuperando seus primeiros estágios centenas de vezes. Ainda assim, como visto na história dos ônibus espaciais, isso era só uma parte do jogo. A outra era o custo de recauchutagem dos fo-

guetes para reuso. Muitos engenheiros na concorrência se mostraram céticos, apostando que tudo não passava de um truque, e que o preço de recondicionar os foguetes seria superior ao de fabricar novos. Enganaram-se.

Já há estágios do Falcon 9 que realizaram 31 voos, e o recorde atual de turnaround entre dois voos do mesmo estágio é de 9 dias. De novo, não é como o de um avião, medido em minutos, mas já é suficientemente revolucionário para colocar a empresa de Musk como líder absoluta de lançamentos comerciais no mundo todo.

Os próximos 25 anos

As consequências disso só agora começam a ser sentidas. Para início de conversa, a redução radical no custo dos lançamentos permitiu à SpaceX realizar um projeto cuja escala estava além das possibilidades mesmo de governos: uma megaconstelação de satélites em órbita baixa para fornecimento de sinal de internet rápida de baixa latência em escala global. Lançando seus satélites às dúzias com os foguetes Falcon 9, a companhia já tem mais desses artefatos no espaço do que o resto do mundo combinado. São neste momento cerca de 8.000 satélites da rede em órbita, mais de

65% do total em operação hoje.

Com isso, ela literalmente inventou um novo mercado de exploração do espaço. E outros concorrentes vêm aí para disputá-lo. A Amazon tem sua própria iniciativa semelhante, Projeto Kuiper. Os chineses também planejam suas megaconstelações em órbita baixa. A correria é tanta que já há grandes preocupações sobre o sobreuso dessa região do espaço, com risco de colisões que poderiam aumentar exponencialmente o problema do lixo espacial.

Essa, naturalmente, é só a ponta do iceberg. Diversas outras iniciativas até então consideradas “impossíveis” passam a ser viáveis com o barateamento dos foguetes. Exemplos: turismo espacial em larga escala ou mesmo mineração da Lua e de asteroides. Hoje vemos países se digladiarem por reservas de terras raras por aqui. Amanhã, poderão estar disputando esses mesmos recursos em solo lunar. Sem falar em outras aplicações como geração de energia limpa a partir do espaço e mesmo colonização.

Depois de ser engolida pela SpaceX, a concorrência começa a tentar recuperar o terreno perdido. Na China, diversas startups espaciais estão tentando desenvolver seus próprios foguetes reutilizáveis. A Blue Origin conseguiu recuperar em novembro o primeiro estágio de seu lançador New Glenn, com o qual espera replicar em escala orbital o sucesso obtido com o pequenino New Shepard. Os europeus, antes confortáveis com o sucesso da empresa Arianespace em lançamentos comerciais, já falam em urgência no desenvolvimento de veículos reutilizáveis.

Enquanto isso, a SpaceX segue dois passos à frente da concorrência, com o Starship. Em contraste com o Falcon 9, ele pretende ser totalmente reutilizável. Enquanto seu predecessor só recupera o primeiro estágio (que corresponde a 90% do custo do foguete), o Starship pretende recuperar os dois, e proceder com rápido turnaround, aí sim à moda dos aviões. O plano é trazer os dois estágios de volta à plataforma, reabastecer e colocá-los novamente para voar, talvez com um intervalo de uma hora entre pouso e decolagem.

O programa de desenvolvimento evolui a passos mais lentos do que desejaria Musk, mas evolui. Talvez seja um passo maior que a perna, mas mesmo como sucesso parcial já será um nível de acesso ao espaço diferente de tudo que veio antes. Capacidade de transportar até 200 toneladas de cada vez à superfície da Lua ou de Marte. Voos frequentes. Capacidade de voo ponto a ponto na própria Terra. Isso permitirá um aumento exponencial das atividades espaciais.

E o modelo naturalmente será replicado. Já tem gente na China desenvolvendo clones do Starship. O que significa que essa é uma transformação que virá para ficar. Voar ao espaço pode, nos próximos 25 anos, tornar-se quase tão comum quanto viajar de avião. E a transformação de paradigma, abrindo as portas do Sistema Solar à humanidade, aconteceu exatamente neste primeiro quarto do século 21.

MENSAGEIRO SIDERAL

Chineses terminam o ano sem seu novo lançador

Duas tentativas, de veículos diferentes, terminaram sem pousos em dezembro

Salvador Nogueira

salvadornogueira@gmail.com

Atrasou um pouco, mas o Longa Marcha 12A, mais novo lançador estatal chinês, realizou sua primeira decolagem na noite da última segunda-feira (22), às 23h pelo horário de Brasília (10h de terça, 23, no centro de lançamentos de Jiuquan, na China). Mas não foi desta vez que o país teve o primeiro pouso de um estágio reutilizável.

O novo foguete fez o que se espera de todos eles, que cumpra sua ascensão e coloque em órbita os satélites que transporta. Para um primeiro voo, contudo, é um desfecho menos que garantido, como também demonstrou recentemente o lançamento do sul-coreano Hanbit-Nano, a partir de Alcântara, no Maranhão, no mesmo dia.

Mais notável ainda é que o Longa Marcha 12A é algo como a versão chinesa do consagrado Falcon 9, da SpaceX. Ambos têm mais ou menos o mesmo tamanho (70 m) e o mesmo diâmetro (3,8 m), com uma estrutura em dois estágios. O americano, contudo, após vários aprimoramentos, tem uma capacidade de carga consideravelmente maior.

E, a exemplo do Falcon 9, o Longa Marcha 12A ambiciona ser parcialmente reutilizável — com a recuperação do primeiro estágio em uma plataforma a cerca de 250 km do sítio de lançamento. Já no pri-

70 metros

tem o Longa Marcha 12A, mais novo lançador estatal da China. Ele é uma versão chinesa do Falcon 9, da SpaceX

meiro voo os engenheiros da Sast (Academia de Tecnologia de Voo Espacial de Xangai), instituição responsável pelo projeto do foguete para a Casc (Corporação de Ciência e Tecnologia Aeroespacial da China) tentaram o pouso, mas a manobra fracassou, sem o reacendimento dos motores que freariam o foguete em queda livre, levando-o a se espatifar a uns 3 km do local previsto para a descida. Em comunicado, a Casc reconheceu o fracasso.

Ele veio na esteira de outro primeiro voo chinês, dessa vez da empresa startup privada LandSpace, com seu foguete Zhuque-3. A exemplo do Longa Marcha 12A, ele cumpriu seu objetivo na ida, levando satélites ao espaço, mas também falhou na volta, na tentativa de pouso.

Que os dois tenham tido sucesso na escalada à órbita na primeira tentativa já é extraordinário. A americana SpaceX, “padrão ouro” da nova indústria espacial, só conseguiu levar seu Falcon 1 à órbita na quarta tentativa. O nosso brasileiro VLS-1 teve três falhas (uma catastrófica, ainda no pré-lançamento) antes de ser cancelado. E a sul-coreana Innospace trabalha agora para cobrir esse árduo caminho, após a falha da noite do 22. A empresa, que tem acordo com a Força Aérea Brasileira para realizar lançamentos de Alcântara, promete fazer uma nova tentativa ainda no primeiro semestre do ano que vem.

Se lançar é difícil, pousar em seguida é ainda mais, e muitas empresas nem ambicionam, ao menos no momento, fazer a transição para veículos reutilizáveis. Leva um tempo, e alguns experimentos, até que as manobras necessárias para um pouso bem-sucedido sejam totalmente dominadas, e a própria SpaceX precisou de muitas tentativas até aperfeiçoar o procedimento. A concorrente Blue Origin conseguiu um feito extraordinário ao realizar um pouso já na segunda tentativa — embora dez anos depois da SpaceX.

Fato é: os foguetes reutilizáveis vieram para ficar e será muito surpreendente se 2026 acabar sem que algum ente chinês, privado ou público, tenha dominado essa tecnologia essencial para a disputa que se desenha entre China e EUA pelo controle do espaço cislunar.

ciência

Em 2026, o que ainda poderemos saber?

Romance de Ian McEwan força reflexão sobre fracassos como o da nossa COP30

Marcelo Leite

Jornalista de ciência e ambiente, autor de "A Ciência Encantada de Jurema" (ed. Fósforo)

“O passado, poderoso, golpeia com força o presente, assim como oceanos, vento e chuva contra falésias de calcário.” A frase de Ian McEwan no romance “What We Can Know” (o que podemos saber) pode se aplicar com perfeição a um de seus livros menos memoráveis —para não dizer irritante—, “Solar”, a incursão de 2010 no gênero cli-fi, sobre mudanças climáticas.

A nova obra, sendo honesto, não se encaixa bem na subclasse de ficção científica para tempos de aquecimento global, em que brilham “Liberdade”, de Jonathan Franzen, ou “Flight Behavior” (comportamento de fuga, ou voo), de Barbara Kingsolver. Mas o desastre climático comparece em “What...” como elemento dramático central do enredo que se passa nos anos 2119-22.

O professor de literatura Thomas Metcalfe, no século 22, tem obsessão pelo poema desaparecido “Uma Corona para Vivien”, de Francis Blundy. Só persiste no futuro registro de que a poesia fora lida por ele em 2014, no aniversário da esposa. Uma composição ambiciosa que combina 14 sonetos com um 15º a reunir as primeiras linhas dos anteriores para formar a derradeira sequência de 14 versos.

Na primeira parte da história, Metcalfe cisma de encontrar a corona desaparecida, que Blundy havia escrito à mão num extravagante pergamino. Pesquisa muito dificultada por viagens custosas num Reino Unido dividido ao meio pela inundação ocorrida no período da década de 2030 que ficaria conhecido como Desarranjo.

“O termo sugeriria não apenas loucura, mas também a fúria vingativa dos sistemas climáticos”, escreve McEwan (tradução minha com mãozinha de IA). “Havia ainda uma alusão à responsabilidade coletiva pela nossa tendência cognitiva inata a priorizar o conforto imediato em detrimento dos benefícios de longo prazo.”

“A própria humanidade estava desvairada. O termo não abrangia o Desamparo Metafísico relacionado –o colapso da crença no futuro ou, mais especificamente, o declínio da fé no progresso.”

Palavras duras para nós, cúmplices de 30 COPs atoladas na impotência. McEwan extravasa crueldade na caracterização de Blundy, gênio da poesia que constrange convidados de Vivien deblaterando contra a noção de aquecimento global, repetindo falácias que no ano 2014 da festa já careciam de base científica.

Não se tratará aqui da segunda parte do romance, centrada numa reviravolta magistral da qual não darei spoiler (e também porque não guarda relação com mudanças climáticas). A primeira metade interessa mais porque soa como mea-culpa de McEwan, ou tentativa de reparação, por ter ridicularizado pesquisadores do clima, em “Solar”, na figura do detestável físico e nobelista Michael Beard.

De minha parte, está perdoado. “What...” é um dos melhores livros que li em 2025, ao lado de “A Trama das Árvores”, de Richard Powers, “Oração para Desaparecer”, de Socorro Acioli, “Songlines”, de Bruce Chatwin, e “Batida Só”, de Giovana Madalosso.

McEwan faz grande literatura. Com um enredo envolvente, nos obriga a refletir sobre a precariedade de narrativas para tornar menos inaceitável o absurdo do presente que ajudamos a construir —aquele em que marés após marés de convicções e debates equivocados solapam o penhasco desde o qual contemplamos o horizonte.

Com um enredo envolvente, Ian McEwan nos obriga a refletir sobre a precariedade de narrativas para tornar menos inaceitável o absurdo do presente

Oliver Sacks disse sentir culpa por mentiras e falsificações que cometeu, segundo revista

New Yorker afirma ter tido acesso a correspondências e a diários do neurologista, conhecido pelos retratos detalhados de seus pacientes

SÃO PAULO Oliver Sacks (1933-2015) foi reconhecido pelos retratos detalhados e mais romanceados de seus pacientes. Mas uma reportagem da revista The New Yorker aponta que as narrativas do neurologista sobre seus estudos de caso parecem ter extrapolado mais a realidade do que se imaginava, com invenções e com o britânico se colocando dentro das histórias dos pacientes retratados.

O texto foi publicado na edição impressa de 15 de dezembro. A americana The New Yorker diz ter tido acesso a correspondências e a diários de Sacks por meio da Fundação Oliver Sacks. Muitos desses registros eram inéditos.

No último dia 17, a Folha procurou por email a fundação, mas não recebeu resposta até a publicação deste texto. A entidade também não chegou a se manifestar em seu site ou em redes sociais.

Duas obras citadas na reportagem da revista —“O Homem que Confundiu Sua Mulher com um Chapéu” e “Tempo de Despertar”— saíram no Brasil pela Companhia das Letras, que, procurada, afirmou que não iria se pronunciar sobre o caso.

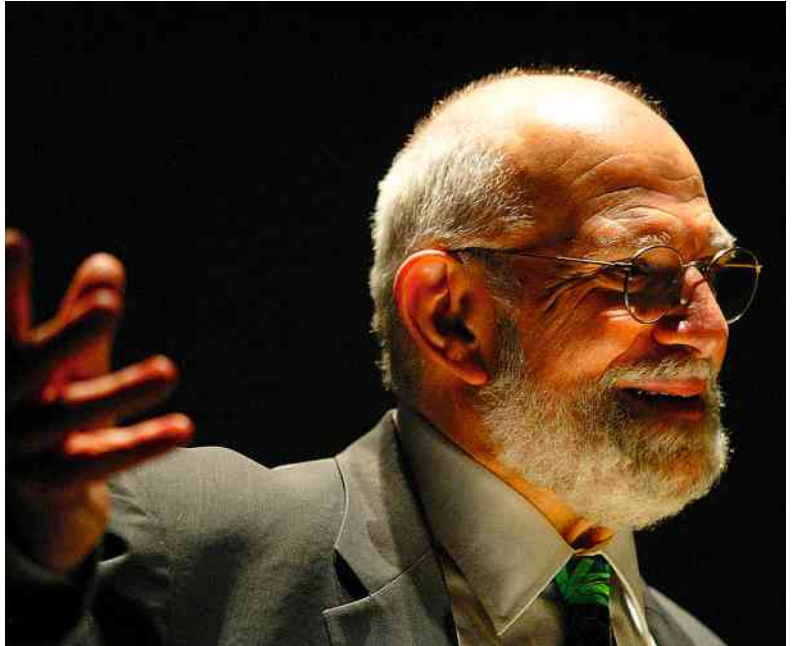
Nos documentos acessados pela reportagem, há passagens em que o neurologista —que escrevia costumeiramente em diários— mostrava certa culpa por, segundo ele mesmo, “falsificações”.

Após seu livro “O Homem que Confundiu Sua Mulher com um Chapéu” se tornar um best-seller e chegar a ser, inclusive, adotado por faculdades de medicina, Sacks escreveu em um diário: “A culpa tem sido muito maior desde ‘Hat’ [parte do título do livro, em inglês], por causa de (entre outras coisas) minhas mentiras, falsificação”.

A reportagem da revista aponta que, nos diários, Sacks havia escrito que “uma sensação de criminalidade hedionda permanece (psicologicamente) associada” a sua obra. O texto diz que o autor reconhecia que alguns detalhes eram “puras fabricações”. Ao mesmo tempo, ele tentava temporizar o que estava fazendo.

“O impulso é ao mesmo tempo mais ‘puro’ —e mais profundo”, escreveu em seus diários. “Não é apenas ou inteiramente uma projeção —nem (como às vezes, de maneira engenhosamente dissimulada, sustentei) uma mera ‘sensibilização’ daquilo que conheço tão bem em mim mesmo. Mas, se quiserem, uma espécie de autobiografia.”

Em outro trecho de um diário, ele diz ter “errado nesse aspecto, muitas e muitas vezes, em ‘Tempo de Despertar’”, algo que era uma “fonte de severa e duradoura autocritica”.



O neurologista britânico Oliver Sacks (1933-2015) durante palestra na cidade de São Paulo em 2005 Moacyr Lopes Junior - 19.mai.05/Folhapress

“Tenho algumas confissões difíceis a fazer —se não em público, ao menos para Shengold [Leonard Shengold, psiquiatra que o acompanhava]— e para mim mesmo”, escreveu Sacks em um diário datado de 1985 e momento no qual o autor já tinha diversos livros publicados e grande prestígio.

Segundo a reportagem da revista, no prefácio de “Tempo de Despertar”, o autor diz ter mudado detalhes circunstanciais com o objetivo de proteção da privacidade dos pacientes, mas que o “importante e essencial —a presença real e plena dos próprios pacientes— foi preservado”.

Em uma correspondência a um de seus irmãos, Sacks enviou um exemplar de “O Homem que Confundiu Sua Mulher com um Chapéu” e chamou a obra de um livro de “contos de fadas” e escreveu que “essas narrativas estranhas —meio relato, meio imaginação, meio ciência, meio fábula, mas com uma fidelidade própria— são, basicamente, o que faço para manter afastados os MEUS demônios do tédio, da solidão e do desespero”.

A reportagem menciona um caso, gravado por Sacks, em que o neurologista tem o seguinte diálogo com uma mulher cuja avó acabara de morrer. “Vou lhe dizer o que você está dizendo”, disse Sacks. “Você quer descer lá para baixo e se juntar aos seus avós mortos, no reino da morte.”

Em outra sessão gravada ele continua: “Eu sei que, de certa forma, você não sente vontade de viver. Parte de nós se sente morta por dentro, eu sei, eu sei disso... Sente-se que se quer morrer, que se quer acabar com tudo, e qual é o sentido de continuar?”.

A mulher responde que não queria dizer isso daquela forma.

“Eu sei, mas você quer, em parte”, afirmou Sacks. “Eu sei que você foi solitária a vida inteira.”

A história da mulher em questão é contada na obra “O Homem que Confundiu Sua Mulher com um Chapéu” no capítulo com nome “Rebecca”. No texto, a mulher que aparece transformada pelo luto pela avó morta, ao fim, torna-se mais decidida e se junta a um grupo de teatro, “uma pessoa completa, equilibrada, fluente”, uma “poeta natural”.

As transcrições das conversas do autor com sua paciente e os diários preservados mostram uma realidade distante desse final. A mulher, segundo os registros, não entra para um grupo de teatro e não sai da situação de desespero.

A revista The New Yorker fala que, “em vez de testemunhar a realidade dela, ele a remodela para que ela também desperte”.

Por fim, o próprio Sacks escreve, em um diário, que o “exemplo mais flagrante” desse tipo de distorções estava no capítulo “Os Gêmeos”, parte da mesma obra.

No livro, ele conta a história de gêmeos com autismo que ficam recitando números. O autor teria, em uma ocasião, percebido que se tratava de números primos, levado aos gêmeos um livro sobre o tema —que ele teria amado quando era criança— e oferecido aos dois um número primo. Os irmãos teriam, então, continuado a falar números primos até chegarem aos que tinham 20 dígitos.

Nos anos 2000, um psicólogo publicou um estudo que contestava a história sobre os gêmeos, segundo a revista. O psicólogo teria entrado em contato com Sacks para perguntar qual era o título do livro de infância ao qual ele se referia. O britânico teria dito que o exemplar havia se perdido.